



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – *CAMPUS I* –  
SALVADORPROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO  
DE LINGUAGENS**

**ADRIANA TEIXEIRA DE AZEVEDO**

**O AMOR-DESTINO NA LITERATURA SUL-COREANA**

**SALVADOR**

**2021**

ADRIANA TEIXEIRA DE AZEVEDO

**O AMOR-DESTINO NA LITERATURA SUL-COREANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens, no âmbito da Linha 1 – Leitura, Literatura e Identidades, do Departamento de Ciências Humanas, Campus I, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Martins Caldas Prado.

SALVADOR

2021

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

T266a

Teixeira de Azevedo, Adriana

O Amor-destino na literatura Sul-coreana / Adriana Teixeira de Azevedo. -  
Salvador, 2021.

123 fls : il.

Orientador(a): Thiago Martins Caldas Prado.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia.  
Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos  
de Linguagens - PPGEL, Campus I. 2021.

1.Literatura comparada. 2.Amor-destino. 3.Coreia do Sul.

CDD: 891

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**ADRIANA TEIXEIRA DE AZEVEDO**

### **O AMOR-DESTINO NA LITERATURA SUL-COREANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, em 22 de dezembro de 2021, aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra, no âmbito da Linha 1 – Leitura, Literatura e Identidades, pela Banca Examinadora:

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fernanda Mota Pereira**

Universidade Federal da Bahia

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia

Examinadora Convidada

**Prof. Dr. Marcos Aurélio dos Santos Souza**

Universidade do Estado da Bahia

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia

Examinador Interno

**Prof. Dr. Thiago Martins Caldas Prado**

Universidade do Estado da Bahia

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia Orientador

Para todos aqueles que gostam de ler histórias e  
desfrutar da beleza e sentimento que elas transmitem.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Gilma e Roberto Azevedo, minha profunda gratidão, por fazerem parte da minha jornada.

À coordenação, à secretaria e ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), pela formação assegurada a mim e aos meus colegas, por meio de profícuo trabalho de formação de professores pesquisadores.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Thiago Martins Caldas Prado, pela paciência e dedicação.

À Profª Drª Yun Jung Im, da Universidade de São Paulo (USP), que me apoiou e me ofereceu tão preciosa ajuda do princípio ao fim desta dissertação.

À Profª. Drª. Fernanda Mota Pereira, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pela leitura atenta e pelas reflexões ao longo deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Julio de Figueiredo Lopes Rego, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pela paciência e pelos conhecimentos compartilhados.

À Profª. Drª. Daniella Amaral Tavares, pelos conselhos e ombro amigo.

Às narradoras e aos narradores sul-coreanos que me contaram histórias, compartilharam conhecimentos e me acolheram em sua terra, e em especial às amigas: Park Jinju e Lee Suyon.

Muito obrigada!

사랑은 깊어 가고 정은 두터워져 스스로 그치기를  
알지 못하였어요 (p. 61).

O nosso amor se tornou mais profundo, e a nossa  
afeição se fortificou, já não sabíamos como parar.

Unyong-jong

## RESUMO

Nesta dissertação, tem-se o objetivo de analisar a presença de traços de amor em narrativas de diferentes momentos históricos da Coreia do Sul. Ao longo da análise, forja-se o conceito de amor destino e se discute como ele se apresenta em narrativas da Ásia oriental. A sugestão dessa possível nomenclatura, amor destino (운명적인 사랑), é defendida sem julgar o amor sul-coreano como exótico, mas a partir da premissa de que, apesar de o amor ser pluriverso, passível de ser sentido e experienciado por indivíduos independente da sua nacionalidade, ele apresenta peculiaridades relacionadas à cultura do povo que o manifesta, em distintos períodos, em suas narrativas. A fim de desenvolver a pesquisa proposta, engendra-se o referencial teórico nos constructos da Literatura Comparada a partir de Baldensperger (1921), Cairo (1997), Chow (1995), Coutinho e Carvalhal (1994), Perrone-Moisés (1990), entre outros. E para a forja comparativa sobre o amor em diferentes fases da Literatura Sul-Coreana, lança-se mão dos estudos de Rougemont (1939), Compagnon (1999), Jankowiak e Fisher (1992), Watt (1957), entre outros. Elabora-se um quadro comparativo dos textos literários sul-coreanos que compõem o corpus da pesquisa, permitindo a leitoras e leitores: visualizar, de maneira sintética, um panorama literário historiográfico, abrangendo sete textos, de 37 a.C. a 1724; conhecer os títulos dessas produções em três idiomas (coreano, inglês e português), os gêneros literários (história oral, romance, conto) e as fontes dos textos. Como principais resultados, discutem-se e divulgam-se histórias de amor sul-coreanas, às quais, por muito tempo, parte do público leitor brasileiro não teve acesso.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada. Amor-destino. Coreia do Sul.

## ABSTRACT

The following dissertation aims to analyze traces of love in stories of different historical periods of South Korea. Throughout the analysis, the author of the present dissertation creates the concept of fated-love and argues how this new concept emerges in South Korean stories.

The suggestion of this new classification, fated-love (운명적인 사랑), is based on a non exotic perspective, and through the premise of a plural and diverse form of love, therefore this love is prone to be experienced by a variety of different individuals worldwide, despite their nationality, this love depicts, however, its own peculiar characteristics related to the local culture and the distinct periods of time of the narratives where it arises. In order to produce the following academical research, the theory of comparative literature is utilized, including the perspective of the following authors: Baldensperger (1921), Cairo (1997), Chow (1995), Coutinho and Carvalhal (1994), Perrone-Moisés (1990), among others. Furthermore, when analyzing love in the different phases of the South Korean literature the studies of: Rougemont (1939), Compagnon (1999), Jankowiak and Fisher (1992), Watt (1957), among others, were also applied. The author of this dissertation created a comparative table where the South Korean texts, which were analyzed throughout this academic research, are historically organized in a very cohesive manner, which helps the reader to easily visualize the seven Korean narratives analyzed, starting from 37 a.C. until 1724. Additionally, the name of the analyzed stories also exist in three different languages (Korean, English and Portuguese), as well as its literary genres (oral story, romance and short story) and its different sources. The main outcome of this academic research is to analyze and spread South Korean love stories, which for very a long time, most Brazilian readers didn't have access to.

**Key words:** Comparative Literature. Fated-love. South Korea.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Quadro dos textos literários sul-coreanos que compõem o corpus da pesquisa .....	24
Figura 2 — Fotografia de uma árvore entrelaçada, ilha de Jeju (제주도), Coreia do Sul .....	28
Figura 3 — Linha do tempo: importantes períodos históricos coreanos.....	32
Figura 4 — Fotografia do quadro Peaches of Immortality, no NMK .....	101
Figura 5 — Fotografia do painel explicativo do quadro Peaches of Immortality, no NMK.....	102

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Anno Domini (Depois de Cristo)
BC	Before Christ (Antes de Cristo)
BCE	Before the common era (Antes da era atual)
CE	Common era (Era atual)
DCH	Departamento de Ciências Humanas
DLO	Departamento de Letras Orientais
DPRK	Democratic People's Republic of Korea (República Popular Democrática da Coreia)
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
NMK	National Museum of Korea (Museu Nacional da Coreia)
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SU	Sogang University
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
USP	Universidade de São Paulo
YU	Yonsei University

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>O AMOR NA LITERATURA CLÁSSICA SUL-COREANA</b> .....	19
2.1	NOTAS SOBRE A LITERATURA SUL-COREANA: LEITURA, ESCRITA E CULTURA	19
2.2	CONTOS DE AMOR, FANTASIA E CASAMENTO.....	25
2.2.1.1	<i>Bi-ik-jo</i> .....	26
2.2.1.2	<i>Yonliji</i> .....	27
2.2.1.3	<i>Kim Hyeon e a Tigresa</i> .....	32
2.2.1.4	<i>Olhando por Cima do Muro: o Conto de Yi Saeng</i> .....	43
2.2.1.5	<i>Charan</i> .....	55
<b>3</b>	<b>AMOR NO ROMANCE SUL-COREANO: <i>UNYONG-JON</i></b> .....	64
<b>4</b>	<b>TENSÕES ENTRE O AMOR-PAIXÃO E O AMOR-DESTINO</b> .....	97
4.1	AMOR-DESTINO NA CULTURA SUL-COREANA CONTEMPORÂNEA .....	109
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	113
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	117
	<b>APÊNDICES</b> .....	120

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, tem-se o objetivo de analisar a presença de traços de amor em narrativas de diferentes momentos históricos da Coreia do Sul, a partir de uma seleção de textos literários deste país. Trata-se de um pesquisa bibliográfica, no âmbito da Literatura Comparada, que tem como princípio o estudo da cultura do outro e o respeito às suas particularidades, conforme propôs Rey Chow (1995), apontando para a necessidade de lançar luzes sobre as literaturas não europeias, já que as produções europeias ocuparam um lugar de espaço hegemônico na literatura do ocidente durante muito tempo. Tem-se também como objetivo trazer, de forma inédita para o português, algumas histórias de um mundo que antes parecia distante mas que atualmente, especialmente devido a maior facilidade a informação através do uso da internet, já não mais parece existir. Através destas, busca-se ainda perceber características culturais inerentes desse povo, bem como interseções humanas que são concêntricas.

A noção adotada de destino é a também estabelecida no ocidente, conforme definição no dicionário Oxford, tudo que é determinado pela providência ou pelas leis naturais; sorte, fado, fortuna. É o que há de acontecer em futuro ainda desconhecido, mas pré-destinado, ou seja, o desenrolar de acontecimentos presentes levam a um fim do qual é inevitável e impossível de escapar.

O interesse pela pesquisa surgiu no período em que a pesquisadora residiu na Coreia e, a partir da sua proficiência no idioma coreano, teve acesso a histórias orais e escritas dos gêneros literários e alguns dos seus estilos – narrativo (contos, fábulas, lendas, romances); lírico (poemas); e dramático (minissérie). Nesse período de vivências, coletou e transcreveu narrativas orais, adquiriu livros da Literatura Sul-Coreana escritos em coreano e inglês, e trouxe esse acervo para o Brasil. Considerando o ineditismo da maioria desses textos em território brasileiro, propôs a pesquisa em um projeto submetido à seleção para o Mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A pesquisa sobre Literatura Sul-Coreana, então, justifica-se pelo ainda tímido número de estudos coreanos em território brasileiro e, também, pelo desejo inicial de buscar saber se/como se manifesta o amor romântico na Literatura de um país asiático, onde circulam notícias de uma eminência de guerra com a nação vizinha, Coréia do Norte, mas que, durante muito tempo, teve pouco de sua vasta e rica cultura difundida, o que não parece ser mais o caso, visto que a sua cultura pop e a Academia em muito tem aberto espaço para a sua expansão.

Para o campo da Literatura Comparada, todas as obras, qualquer que seja a sua origem, demandam reflexões de ampla dimensão sobre “os outros escritos do mesmo autor, os da literatura nacional, os da literatura mundial; mas seu contexto final, o mais importante de todos, é efetivamente dado pela própria existência humana” (TODOROV, 2009, p. 91), sendo possível ainda enveredar para um estudo de temas (tematologia) ou das interrelações visíveis entre as obras de várias literaturas (BALDENSBERGER, 1921). Conforme Todorov – que se formou como leitor e amante do texto literário sob a pesada mão do regime totalitário búlgaro –, no texto literário, tem-se a capacidade de falar do empírico mundo para o contemporâneo. Nesse sentido, a fim de desenvolver a pesquisa proposta, engendrou-se o referencial teórico nos constructos da Literatura Comparada a partir de Baldensperger (1921), Cairo (1997), Chow (1995), Coutinho e Carvalhal (1994), Perrone-Moisés (1990), Tieghem (1994) e Todorov (2009). Para forjar um estudo comparado das produções literárias sul-coreanas que tratam da temática do amor, foram trazidas contribuições teóricas de Rougemont (1939), Watt (1957), Compagnon (1999), Jankowiak (1995), Jankowiak e Fisher (1992), ao longo desta dissertação – não exclusivamente em um capítulo teórico, mas nas análises literárias. E como curiosidade, mas não no centro das discussões deste texto, para a forja comparativa sobre o amor nas Literaturas do Ocidente e do Oriente, lançou-se mão dos estudos de Rougemont (1939), Watt (1957), entre outros.

Quando se trata de amor romântico, alguns teóricos, como Dennis de Rougemont (1939) e Ian Watt (1957), associam o seu surgimento a uma combinação de fatores sociais e históricos em um lugar geográfico específico, a Europa. Para além disto, o gênero também é associado à modernidade. O amor romântico, que inicialmente surgiu com a lírica trovadoresca, nada mais seria do que uma criação literária imaginada e introduzida à sociedade europeia. Denis de Rougemont é um pesquisador francês que investigou o tema do amor paixão de maneira profunda e detalhada. Mas será mesmo o amor paixão uma invenção ou será este apenas mais um dos diversos e complexos sentimentos humanos que a literatura reproduziu? E se, de fato, este amor é uma experiência humana, não seria ele pluriverso (passível de ser sentido e experienciado por indivíduos independente de sua nacionalidade)?

Logo nas primeiras páginas de seu livro *L'Amour et l'Occident* (1939), Rougemont é categórico ao assinalar que os sábios estavam errados ao afirmarem que tudo muda, menos o coração humano. O motivo desta asseveração se fundamenta no entendimento do autor de que o amor, assim como a sociedade, está suscetível a mudanças que ocorrem em um determinado lugar e tempo. Em seguida, com base na premissa de que o amor é uma construção social e temporal, ele afirma que o que chamamos de amor paixão, ou amor romântico, é algo

desconhecido na Índia e na China. Ainda segundo esse teórico, no Oriente, não há palavras que definam este conceito, e quando um oriental resolve mencioná-lo, apropria-se da palavra de origem latina: romance (ROUGEMONT, 1939).

O amor romântico, segundo Rougemont, foi uma invenção literária fundamentada no Ocidente e o seu cultivo começou na Europa como uma reação ao cristianismo (em particular, à sua doutrina de casamento) por pessoas cujo espírito, seja naturalmente ou por herança, ainda era pagão. Esse teórico também afirma que o exemplo mais antigo de amor paixão que a história registra é o de Abélard e Héloïse, que se encontraram pela primeira vez em 1118. E foi no meio deste século que o amor foi primeiramente reconhecido e incentivado como uma paixão digna de ser cultivada. Ao amor paixão foi dado um nome que se tornou familiar: cortezia, também chamado de amor cortês (ROUGEMONT, 1939).

Apesar das esclarecedoras e profícuas noções e definições do que é o amor romântico, bem como a possível explicação de como o mesmo teria surgido, esta não parece ser uma das possíveis explicações e razões para a existência do mesmo. Essa definição de Rougemont se faz excludente, especialmente à Ásia, uma vez que o pesquisador afirma a inexistência deste tipo de amor em sociedades asiáticas, citando a China e a Índia como exemplo em seu texto. Surge, então, um questionamento não apenas sobre a (im)possibilidade da existência do amor romântico em culturas asiáticas, mas como este possui suas próprias características. As existências de elementos distintos dos citados por Rougemont como imprescindíveis para a caracterização do amor paixão, e de elementos específicos das culturas locais orientais (China, Índia, Coreia do Sul etc.), revelam diferentes manifestações desse tipo de amor, mas não menores nem inexistentes como o autor parece inferir.

O amor paixão é também considerado desejo de fuga humana da monotonia mecânica em que se vive, e a paixão é a promessa de vida mais intensa (ROUGEMONT, 1939). Talvez caiba, no entanto, um questionamento: antes, este tipo de sentimento entre amantes caracterizado como amor paixão parecia se fazer presente em narrativas literárias, mesmo quando havia a ausência da nomenclatura amor paixão.

A presença do elemento do destino parece ser um ponto importante para o amor que se apresenta em narrativas sul-coreanas. Em decorrência desta característica, sugiro, então, a utilização de uma nova nomenclatura que represente o amor romântico presente em narrativas sul-coreanas: amor-destino (운명적 사랑), para que, desta maneira, as diferentes formas de amor, que não são tão diferentes assim (há muitos pontos de intercessão que poderão ser vistos pelo leitor nos próprios contos que aqui serão apresentados, já que o amor é um

sentimento humano e, portanto, universal), possam ser respeitadas, e sua diversidade possa ser celebrada em vez de censurada ou, por vezes, menosprezada.

Se o amor é considerado algo perigoso e que provoca fatalidades, estas qualidades que o definem também podem ser encontradas, por exemplo, nas *Metamorfoses*, compêndio de mais de duzentos e cinquenta mitos gregos e romanos, escrito pelo poeta romano Ovídio em 8 d.C., onde se encontra a famosa história do amor trágico entre Píramo e Tisbe. Estes amantes, devido à oposição dos pais, não podiam se casar e decidiram fugir, contudo, o plano terminou em tragédia, na qual sangue e choro se misturaram. Como prova da intensidade do seu amor, Tisbe, que não podia viver sem o amado que se matou por achar que ela estava morta, lançou-se ao mesmo ferro que tinha sido instrumento da morte de Píramo. Antes de cometer suicídio, ela proclamou: “Seguir-te-ei na morte [...] nem pela morte te separarás!” (OVÍDIO, 2017 [8 d.C.]).

Os gregos antigos classificaram o amor em quatro grupos distintos: *Storge* (στοργή), o amor empático, normalmente nutrido entre membros familiares; *Philia* (φιλία), o amor fraterno, compartilhado entre amigos; *Eros* (ἔρως), o amor romântico vivenciado por amantes; e *Agape* (ἀγάπη), o amor incondicional, associado, portanto, ao amor divino. No período clássico, era muito comum temer, repudiar e até tratar como doença tudo aquilo que fosse desmedido e desafiasse o estado equilibrado do ser. O amor excessivo era considerado uma patologia. Por este motivo, o amor *Pathos* (πάθος)<sup>1</sup>, que provoca sofrimento e rouba a capacidade de manter o equilíbrio daqueles que os sentem, como o descrito na narrativa entre Píramo e Tisbe, deveria ser evitado a todo custo e temido.

Especialmente em narrativas clássicas gregas, quando estas tratavam de amor, este sentimento não se apresentava frequentemente como *Pathos*, e sim como *Eros*, a exemplo do mito de Zeus e Europa. Contudo, séculos depois, uma vez instaurado o cristianismo, este transformou a ideia do sacrifício e do sofrimento em algo sagrado. O amor *Pathos*, em especial na Europa do século XII, ganhou força e passou a ser tema frequente na poesia e lírica trovadoresca. Mais tarde, William Shakespeare – em sua emblemática tragédia entre os amantes Romeu e Julieta, em que o amor entre os dois se caracterizou por ser breve mas intenso – popularizou ainda mais este tipo de amor que é trágico e profundo. Shakespeare também criou o conceito dos amantes fadados à tragédia, o que já era anunciado à plateia logo no prólogo: amantes desditosos (*Star-crossed lovers*). Se este elemento trágico é de grande

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar, no entanto, que, em grego clássico, a palavra *Pathos* (πάθος) pode assumir diversas significações, daí a necessidade de sempre avaliar o seu sentido dentro de um determinado contexto na qual a mesma se insere. O mesmo acontece com os outros grupos de palavras clássicas gregas mencionadas acima, descritivas dos grupos distintos de amor.

importância para a caracterização do amor paixão no Ocidente, este já se fazia sentir desde 8 d.C., quando Píramo, apenas por pensar que a amada não mais vivia, tira a própria vida, sendo logo mais seguido por Tisbe.

Quando Rougemont afirma que o amor romântico é um conceito criado no Ocidente e, portanto, desconhecido e não experienciado no Oriente, ele o analisa a priori como uma invenção literária, apesar de citar fatos históricos e concretos, a exemplo das já mencionadas cartas de Abélard e Héloïse.

Quando analisa a função da literatura, Antoine Compagnon assevera que as obras paródicas são a prova da função de aprendizagem propiciada pela experiência literária. E questiona: “Seríamos capazes de sentir paixão se nunca tivéssemos lido uma história de amor, se nunca nos houvessem contado uma única história de amor?” (COMPAGNON, 2010 [1999], p. 35). A pergunta lançada pelo autor é de difícil e controversa resposta. Alguns pesquisadores, em geral, das áreas de estudo da Psicologia e da Antropologia, como William Jankowiak e Edward Fischer, acreditam que seríamos capazes sim, pois o autor só estaria espelhando um sentimento humano universal já existente – assim como a raiva, a tristeza, a alegria etc. – e passível de ser experimentado por qualquer indivíduo.

Em livro intitulado *Romantic Passion: A Universal Experience?* (1995), William Jankowiak publicou um compêndio, no qual estudiosos de diversas áreas do conhecimento como a Antropologia, a Psicologia, a Biologia, entre outras, sugerem que o amor paixão é vivenciado por diversas nações ao redor do mundo, não apenas as ocidentais, conforme houvera sido sugerido por Denis de Rougemont. William Jankowiak e Edward Fischer realizaram um estudo intercultural publicado em 1995, *A Cross-Cultural Perspective on Romantic Love*, no qual concluíram que, em 148 das 166 diversas culturas estudadas, o amor romântico se fez presente. Este resultado entrou em conflito com a ideia de Rougemont de que o amor romântico é essencialmente limitado, ou um produto da cultura ocidental. Além disso, sugere que o amor romântico constitui uma característica humana universal, ou pelo menos semi universal. (JANKOWIAK & FISHER, 1995, p. 4-5).

Um dos motivos que talvez tenham contribuído para essa ideia inicial restritiva do amor romântico como criação exclusiva do Ocidente explica-se pela falta de fácil acesso a essas culturas e suas produções folclóricas, como apontam Jankowiak e Fischer (1995). O Ocidente possui uma variedade de produções em que o amor romântico se faz presente, que datam de muito tempo e estão consolidadas na cultura e no imaginário ocidental. O Oriente também possui vasta produção literária e canônica, há de fato uma ausência ou esta se deu por falta de divulgação, conhecimento e contato com produções orientais?

O amor é um sentimento por muitos já experimentado. Talvez por esta razão esse sentimento se encontre com frequência na literatura em diferentes momentos históricos. Será então que se trata apenas de uma criação literária? Se sim, será que ele foi inventado e só está presente no Ocidente? O termo “orientalismo” utilizado por Edward Said (1978) expôs como o Ocidente criou uma ideia e um estereótipo sobre o tão distante e “exótico” Oriente. É certo que Said discute o Oriente Médio, mas é possível estender a sua crítica também ao leste asiático, pois este, além de geograficamente ainda mais afastado, também possui uma diferença cultural importante e significativa. Segundo o pesquisador, “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa [...]”(SAID, 2007, p. 32).

Após a publicação de *L'Amour et l'Occident* (1939), Denis de Rougemont declarou que o livro não tinha intuito acadêmico. Ademais, quando o livro foi publicado, não existia ainda a fácil circulação de informações diversas como se tem hoje, em especial, devido à popularização do uso da internet. Atualmente, há um crescente contato com uma quantidade grande de produtos vindos da Ásia. Assim como a indústria cultural asiática, em especial, a sul-coreana tem alcançado grande sucesso no Ocidente e, desta maneira, tem desafiado uma hegemonia ocidental como nunca visto antes, sobretudo a estadunidense.

Um ponto importante que Rougemont enfatiza em seu livro na caracterização do amor romântico do Ocidente é o sofrimento. O amor romântico é trágico, e os amantes passam por uma sucessão de separações e encontros. Segundo o pesquisador, a grande descoberta feita pelos poetas europeus, que se diferenciaram dos demais escritores do mundo, foi a do amor romântico que é mútuo e infeliz (*unhappy mutual love*). Para ele, a paixão significa sofrimento, e há uma preferência pelo triste, pois o sofrimento e a compreensão estão intensamente conectados. Este amor que está fadado ao infortúnio é intensificado por ele, o que quer que obstrua o amor deve garanti-lo e consolidá-lo no coração dos amantes, e o intensifica infinitamente no momento em que eles alcançam o obstáculo absoluto que é a morte. O que amam é o amor; amam estar apaixonados (ROUGEMONT, 1939).

Rougemont argumenta que este tipo de amor não teria sido experienciado na Ásia, pois neste continente havia casamentos arranjados, e cabia aos familiares mais velhos a escolha dos parceiros para os mais novos. Enquanto é verdade que, na Coreia do Sul e em outros locais da Ásia, como a China e a Índia, houve/há a presença de casamentos arranjados, onde as famílias eram responsáveis por unir os casais, será mesmo que esse tipo de casamento funcionou como um impedimento para que não existisse amor paixão na Ásia? Esta questão pode ser articulada com o que a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie chamou de ser

“o perigo de uma história única (The danger of a single story, 2014)”. Chimamanda, em discurso proferido em uma palestra (que no presente momento ainda pode ser facilmente encontrada on-line no site do evento TED ou mesmo transcrita), aponta que é perigoso obter informações de uma única fonte, especialmente quando afirmações são feitas de um local de poder que acaba por silenciar a multiplicidade de vozes e histórias que de fato existem.

O amor romântico configurou-se como uma criação que só foi possível em virtude de uma combinação de fatores históricos e religiosos, daí ter sido caracterizado como uma criação europeia. Contudo seria este argumento suficiente para não vislumbrar a existência de um amor romântico no Oriente, mais especificamente, na Coreia do Sul? Ou seria possível encontrar as características do amor romântico vivenciado neste país oriental? Para responder a essas questões relacionadas ao tema proposto, esta dissertação foi estruturada conforme detalhamento a seguir.

Nesta seção introdutória, expõem-se os principais elementos da pesquisa: apresentação do tema, apontando conceitualizações de amor no Ocidente e no Oriente; justificativa; objetivo; metodologia; principais referenciais teóricos; e a organização do texto dissertativo.

Na primeira seção, intitulada O amor na literatura clássica sul-coreana, apresenta-se um breve histórico da Literatura da Coreia do Sul, destacando os principais fatos que contribuíram para a formação da cultura deste país, bem como características do seu povo, da sua escrita, leitura e literatura. Para facilitar a visualização do corpus da pesquisa, disponibiliza-se um quadro de textos da Literatura Sul-Coreana, os quais foram traduzidos, parafrazeados e analisados pela pesquisadora. Ainda nessa seção, analisam-se contos de amor, fantasia e casamento: *The Tiger and the Persimmon* (O Tigre e o Caqui / 호랑이와 귤감); *The Herder and the Weaver* – conto originalmente chinês, mas que ganhou uma versão coreana – (O Pastor e a Tecelã / 견우직녀); e *The Legend of Hong Kil-dong* (A Lenda de Hong Kil-dong / 흥길동전).

Já na segunda seção, nomeada O amor no romance sul-coreano, a partir da análise do romance *Unyong-Jon*, enfatizam-se características desse gênero literário na Coreia do Sul, herdadas do Budismo e do Taoísmo.

Na terceira seção, *Tensões entre o Amor-paixão e o amor-destino*, após desdobramentos das análises literárias à luz da Literatura Comparada, realizadas em histórias orais, cinco contos e um romance nas seções anteriores, sugere-se o uso da nomenclatura amor-destino para caracterizar o tipo de amor coreano que se assemelha ao amor romântico ocidental, mas tem características próprias.

Na última seção, como considerações finais, responde-se às questões levantadas na pesquisa, constatam-se os objetivos alcançados mediante as análises realizadas e, por fim, defende-se o conceito de amor-destino como uma das possibilidades de se pensar o amor na Literatura Sul-Coreana.

## 2 O AMOR NA LITERATURA CLÁSSICA SUL-COREANA

### 2.1 NOTAS SOBRE A LITERATURA SUL-COREANA: LEITURA, ESCRITA E CULTURA

A investigação desta pesquisa atém-se à Coreia do Sul, país que, durante muitos anos, foi invadido por nações vizinhas e se tornou centro de conflitos. Até o presente momento, ainda se encontra em estado de guerra: apesar do armistício assinado com a vizinha Coreia do Norte em 1953, a guerra nunca acabou oficialmente. Até os dias atuais, ainda há a presença de bases militares americanas, bem como a obrigatoriedade de dois anos de serviço militar para os homens sul-coreanos. É importante ressaltar isso, pois muito da sua história literária foi perdida. Especialmente quando o Japão anexou a Coreia em 1910, bibliotecas foram destruídas, muitos livros foram incendiados e se perderam. Então, é possível que se tenha acesso hoje, apenas, a parte de um todo que foi perdido. Muito da história literária sul-coreana foi influenciada e existiu em meio a estes ambientes de conflito.

O alfabeto nacional coreano, inicialmente chamado de chongum (천금), foi criado em 1443 sob o reinado do rei Sejong (세종대왕); no entanto, só foi formalmente proclamado e introduzido em 1446. Esse alfabeto passou a ser conhecido como hangul (한글) a partir do século XX. A pertinência desta informação se explica pelo fato de que, antes da invenção do alfabeto, e mesmo depois de sua invenção, era comum que os coreanos, em especial os letrados e estudiosos da elite, utilizassem o alfabeto chinês para leitura e escrita, mesmo com a divergência linguística entre o coreano e o chinês que dificultava o processo. Com isso, era comum que alguns estudiosos entendessem chinês além de sua língua nativa, o coreano. A influência chinesa, em especial na literatura e nos estudos mais complexos reservados para os letrados e privilegiados socialmente, era profunda e significativa.

A China era considerada, nessa época, como fonte de civilidade e de conhecimento, portanto os coreanos (ou pelo menos alguns deles) não queriam que houvesse diferenciação entre Coreia e China. Replicavam-se não somente os sistemas de governo chinês como as suas instituições, de outra forma, eles temiam ser considerados um povo bárbaro. Afinal, como nação proeminente do leste asiático, a China ditava parte das normas e dos conceitos da época, como o que era considerado novo e refinado e o que era estrangeiro e não deveria ser apreciado. Durante muitos anos, a Coreia se associou com a China, que era a dinastia mais

antiga e de sucesso, vizinha da península coreana. Assim, não só a literatura chinesa era conhecida pelos coreanos como os sistemas de governo e as doutrinas.

O Budismo (불교) e o Confucionismo (유교) chegaram à Coreia vindos da China, apesar de ter sido muito comum que monges e estudiosos coreanos fossem à China e à Índia não somente para aprender, como também para contribuir (por vezes, com produções de textos próprios). Muitos desses autores ficaram famosos, a exemplo de Wonch'uk, que estudou budismo na China e fez diversas contribuições para o desenvolvimento da religião budista neste país, por meio da tradução de sutras e, também, de outros textos produzidos por ele durante o império chinês T'ang (LEE, 1984, p. 81). O período de ascensão do budismo aconteceu antes do confucionismo, sendo possível traçar a presença do mesmo em território sul-coreano desde o ano de 384, no período dos Três Reinos (Three Kingdoms/ 삼국 시대) pelo rei Ch'imnyu (침류왕) (LEE, 1984, p. 37). Até o presente momento, é possível encontrar templos budistas na Coreia do Sul. Vale ressaltar, no entanto, que estas não foram as únicas práticas filosóficas e/ou religiosas presentes na Coreia; também eram praticados o xamanismo (무당/샤머니즘), o taoismo (도교) e, mais tarde, o cristianismo.

De uma forma geral, há indícios de que a religião sempre esteve presente na Coreia do Sul, podendo ser notada até mesmo no período Neolítico. Por esta razão e pelas diversas invasões e influências externas que chegaram até o solo coreano, é difícil segregar ou mesmo associar práticas e costumes a um único tipo de segmento religioso. Não apenas houve sincretismo de religiões, como a própria Coreia modificou muitas das religiões por ela incorporadas, como foi o caso do Budismo. Práticas budistas foram percebidas em diversos segmentos religiosos, e foram criadas novas escolas de pensamentos à luz do Budismo, que já se diferenciavam e apresentavam traços próprios coreanos. Em textos clássicos coreanos, muitas vezes, a cultura chinesa se mostrava presente de modo natural e amplamente disseminado, dispensando, assim, explicações ao leitor. Narrativas, personagens folclóricos, poetas, escritores, conhecimentos geográficos e históricos da China, na época, eram amplamente conhecidos pelos oficiais coreanos de alta patente e, por vezes, a depender do conteúdo, até mesmo pelos cidadãos ordinários (como o conhecimento de seres do folclore, a exemplo do Goblin /도깨비).

Em famoso ensaio, intitulado O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov [1936], Walter Benjamin (1971) chama atenção, dentre outras questões, para a força da tradição oral, em que histórias eram transmitidas para reforçar um princípio moral que norteava a sociedade da época. Este tipo de saber de ordem moral era perpetuado e, portanto, permanecia recorrente no imaginário local. Vale ressaltar que esse tipo de narrativa se fez

predominante no mundo pré-moderno, cujas sociedades convergiam em torno de valores e princípios morais.

O contato com narrativas estrangeiras também, inicialmente, deu-se por meio do chinês. A China não apenas produzia seus próprios produtos como também importava de países asiáticos, como o Japão, ou de países ocidentais. Mesmo anos depois da criação do alfabeto coreano, ainda havia a leitura e o ensino do idioma chinês. A cultura chinesa, então, fez-se amplamente presente na Coreia.

A Literatura Chinesa continuou circulando pela Coreia de 1392 a 1910. Nesse longo período, a sociedade coreana não apreciava o gênero narrativo do romance, considerando-o inferior, e nem dispunha de mercado editorial. A sociedade coreana da época valorizava somente a poesia, considerada como a forma mais excepcional de literatura, enquanto todas as outras formas literárias eram tidas como inferiores. O romance, de uma maneira geral, era bem popular entre mulheres de classes sociais mais altas e plebeus. Assim o foi até depois do século XIX. (PETTID, 2009).

No final do século XVIII, adotou-se a prática de emprestar livros em troca de dinheiro, a preço módico. As mulheres eram o público alvo, pois compunham a maioria leitora de romances escritos em hangul (한글). A partir da metade do século XIX, a indústria editorial coreana cresceu, e isto se deu pela realização do valor que os romances coreanos tinham como forma de entretenimento para aqueles de classes sociais inferiores e mulheres, bem como o surgimento de panggak-pon (livros publicados com propósitos comerciais). Estes, em sua maioria, também tinham as mulheres como público alvo (PETTID, 2009). Houve também um grande crescimento do número de lojas de empréstimo de livros (sech'aekka), bem como de viajantes mercadores de livros e outras mercadorias domésticas (PETTID e CHA, 2009).

Apesar da vasta disseminação da literatura chinesa na Coreia, e ainda que os coreanos tivessem utilizado o chinês como forma de escrita durante um bom tempo, também tinham suas próprias produções. E muito da cultura coreana também foi exportada para China. Um exemplo disso é o da aclamada poetisa Ho Nansorhon (1562-1590), escritora de poemas no estilo hansi, de tamanha excelência que eles foram publicados e obtiveram fama na China (PETTID, 2009). Nansorhon na época, por ter nascido mulher (o que era taxado pela sociedade patriarcal deste período histórico como uma posição social inferior a do homem), não gozava do mesmo direito à educação nem à leitura dos clássicos, mas escreveu poemas que exigiam e demonstravam uma educação tão refinada como a dos homens.

Muitas narrativas escritas em chinês literário tinham como seus primeiros leitores homens, afinal, na época, poucas mulheres possuíam educação suficiente para ler textos

longos e difíceis em chinês. Este pequeno grupo de mulheres com educação formal era composto por alguns membros da família real, de altas posições sociais e trabalhadoras do palácio. Mas o fato de a maioria das mulheres não saber ler chinês literário não era impedimento para que elas tivessem contato com a narrativa. Havia leitores profissionais de romances (iyagi-kkun) que ganhavam dinheiro lendo os textos para grupos de pessoas que não sabiam ler. Embora essa prática só viesse a ser oficialmente verificada depois do século XVIII, o hábito de ler informalmente um romance para familiares e outras pessoas é inquestionavelmente uma prática tão antiga quanto o uso de sistemas de escritas na Coreia. O número de lojas e de romances disponíveis para os leitores era impressionante. Um comentador do início do século XX mencionou que uma única loja dispunha de mais de 120 títulos e 3.200 livros no total. Apesar de saber do possível exagero nestes números, os homens viam a influência dos romances como desastrosa para as mulheres (PETTID e CHA, 2009).

Claro que o desprezo da elite confucionista pelo gênero romance, bem como pela ficção, influenciou nesta visão negativa. Os romances permitiam às pessoas perceberem comportamentos alternativos e, muitas vezes, estes não eram compatíveis com os princípios confucionistas como a lealdade e a hierarquia, essenciais para a preservação dos costumes e ideais da sociedade da época. E quando homens compunham ficção com “razões” inquestionáveis, em que a moral confucionista era transmitida, eles não eram criticados, mas sim enaltecidos.

De maneira contrária ao esperado, visto que o Confucionismo valorizava a literatura clássica e não incentivava a liberdade plena dos indivíduos, a ascensão do gênero romance teve seu ápice durante o período em que os preceitos do confucionismo se encontravam em grande vigor. Pode-se pensar neste processo de ascensão como uma catarse, uma maneira de quebrar um pouco da moral tão rígida instaurada na época. O confucionismo afetou toda a sociedade e, em especial, a vida das mulheres foi afetada de maneira mais significativa. Yi Sun'gu cita a criação de códigos binários de hierarquia no Confucionismo depois do período dos Estados Combatentes (403-221 BCE) na China como a causa do problema.

Apesar de sempre ter havido uma distinção entre homem e mulher, yang and yin, a relação era inicialmente não hierárquica. Depois deste período, no entanto, confucionistas começaram a categorizar coisas de acordo com a hierarquia yang (céu, nobre, positivo, luz, masculino) e yin (terra, inferior, negativo, sombrio, feminino). Deste modo, Yi argumenta que as mulheres começaram a possuir uma posição elementar inferior à dos homens no mundo do Confucionismo. O Confucionismo via as mulheres de uma maneira negativa ou, ao menos, subserviente. Eram três as obediências (samjong chido) que uma mulher deveria ter:

primeiramente, seguir as opiniões do seu pai; após casada, as do seu marido; e, após a morte do seu marido, as do seu filho. Desde cedo, as meninas eram ensinadas, por métodos diretos e indiretos, a entender seu status subordinado (PETTID e CHA, 2009).

No romance ficcional, as mulheres encontravam uma maneira de escapar da sociedade opressiva em que viviam, pois podiam experimentar realidades que nunca lhes seriam proporcionadas: liderar tropas de batalha, como se pode ver em Pakssi-jon (*The Tale of Lady Park*); viver um romance no palácio como em Unyong-jon; superar barreiras sociais e encontrar um amor verdadeiro como visto no romance de Sukhyang-jon (*The Tale of Sukhyang*). Tais personagens positivos proporcionavam um encontro com outras vozes e vidas de mulheres. Não distinto do surgimento do romance na Europa, este gênero também causou repercussões em outras formas literárias na Coreia. (PETTID e CHA, 2009). Nesse período, em que os clássicos da literatura confucionista eram utilizados para educar e manter os seus princípios na sociedade, isto foi ainda mais veemente, devido ao valor educativo da literatura.

O romance introduziu novas ideias – como o realismo, o idealismo, o romantismo e a fantasia – que circularam, em certa medida, em narrativas orais. O desenvolvimento desse gênero permitiu transmissões mais regulares para audiências mais amplas. No romance, também se discutiam inúmeros temas que desafiavam a visão ortodoxa das elites da época, particularmente, ideias relativas a estrutura de classes e papel social. O romance promoveu um excelente palco para perspectivas alternativas e heterodoxas da sociedade (PETTID e CHA, 2009). Apesar de toda influência, em especial a chinesa, que se fez presente na Coreia durante muitos anos, a sua história e a sua literatura ainda refletem o seu povo e a sua cultura. Nesse sentido, Antoine Compagnon afirma: “[...] a literatura é concebida, além disso, em suas relações com a nação e com a sua história. A literatura, ou melhor, as literaturas são, antes de tudo, nacionais” (COMPAGNON, 2010 [1999]). Mesmo com toda a influência que a Coreia recebeu da China e, direta e/ou indiretamente, de outros países do leste asiático, ela recebeu esses elementos e os reproduziu ou os ressignificou. Esses signos, então, fazem parte da sociedade e da cultura coreanas, não são mais meramente produtos chineses.

Antes das análises, no intuito de facilitar a visualização pelo leitor, faz-se necessário apresentar o quadro de textos da Literatura Sul-Coreana selecionados como corpus da pesquisa. A maioria dos textos foi traduzida do idioma coreano para o português pela pesquisadora, com duas exceções: o livro *Romantic Tales from Old Korea* (Contos Românticos da Velha Coreia), que traz uma compilação de contos coreanos organizados por

Brother Anthony of Taize<sup>2</sup>, escritos em inglês, em 2016; e Olhando Por cima do Muro: O Conto de Yi Saeng, do livro Geumosinhwa: Contos da Tartaruga Dourada, traduzido e organizado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Yun Jung Im<sup>3</sup>.

O conto Charan foi o único traduzido do inglês para o português, também pela autora desta dissertação. Todos os textos foram parafraseados, a fim de que viabilizar a escrita dissertativa, e seguem organizados em ordem cronológica. Apenas a história Yonliji, por não apresentar data de origem específica, foi ordenada cronologicamente logo após a história Bi-ik-jo (37 a.C. - 668 d.C.), por ser associada a esta.

Figura 1 — Quadro dos textos literários sul-coreanos que compõem o corpus da pesquisa

TÍTULO DO TEXTO (COREANO)	TÍTULO DO TEXTO (INGLÊS)	TÍTULO DO TEXTO (PORTUGUÊS)	GÊNERO LITERÁRIO	DATA/ PERÍODO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA	FONTE
비익조	<i>Bi-ik-jo</i>	<i>Bi-ik-jo</i>	História oral	Goguryeo 37 a.C - 668 d.C.	Histórias orais de conhecimento popular. Aparece também em canções e pinturas.
연리지	<i>Yonliji</i>	<i>Yonliji</i>	História oral (muito associada à história <i>Bi-ik-jo</i> )	Não há como precisar.	Histórias orais de conhecimento popular.
견우직녀	<i>The Cowherd and the Weaver girl</i>	<i>O Pastor e a Tecelã</i>	História oral	Qin Guan (1049–1100) durante a Dinastia Song.	Histórias orais de conhecimento popular.
김현감호설화 (김현과 호랑이)	<i>Kim Hyeon and the Tigress</i>	<i>Kim Hyeon e a Tigresa</i>	História oral (Lenda)	1281	<i>Samgukyusa : Legends and History of the Three Kingdoms of Ancient Korea.</i>

<sup>2</sup> Professor Emérito do Departamento de Língua e Literatura Inglesa, Sogang University, Seul, Coreia. Tradutor e membro da Comunidade Taizé, naturalizado cidadão coreano, vive em Seul.

<sup>3</sup> Professora e coordenadora do Curso de Língua e Literatura Coreana do DLO, FFLCH, USP. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (1995), na área de Tradução Literária. Mestre em Literatura Coreana Moderna pela Yonsei University (1990).

					(삼국유사)
이생규장전	<i>Looking Over the Wall: the Tale of Yi Saeng</i>	<i>Olhando Por cima do Muro: O Conto de Yi Saeng</i>	Conto	1435-1493	<i>Geumosinhwa: Contos da Tartaruga Dourada.</i> (금오신화)
운영전	<i>Unyong-jon: A Love Affair at the Royal Palace of Choson Korea</i>	<i>Unyong-jon: Um Caso de Amor no Palácio Real do Período Coreano Choson</i>	Romance	1616 - 1641	O próprio romance. (운영전)
자란	<i>Charan (The Jade Flute Fairy)</i>	<i>Charan</i>	Conto	1640- 1724	<i>Romantic Tales from Old Korea</i> , livro compilado por Brother Anthony de Taizé (2016).

Fonte: A autora (2021)

Os dois primeiros contos analisados a seguir são provenientes da China, contudo também fizeram – e possivelmente ainda fazem – parte do imaginário popular coreano.

## 2.2 CONTOS DE AMOR, FANTASIA E CASAMENTO

As histórias de maior circulação na oralidade sul-coreana, no período clássico, eram sobre fantasmas ou homens desonestos, e as que se faziam mais presentes eram, principalmente, histórias de heróis (영웅). Nos enredos, havia um cunho moral ou fantasioso para entretenimento; ou ainda eram mesclados todos estes elementos. Por muito tempo, narrativas foram escritas em chinês clássico, e estas tinham circulação mais restrita, pois, em sua maioria, apenas as pessoas da elite tinham domínio da língua. Muito do folclore e das histórias orais também se perderam, pois nem tudo foi registrado por meio da escrita, em especial, as histórias de cunho popular. Mas algumas dessas narrativas ficaram amplamente conhecidas e perduraram, a exemplo de *The Tiger and the Persimmon* (O Tigre e o Caqui / 호랑이와 곱감), *The Herder and the Weaver* – este originalmente vindo da China e possui

coreana – (O Pastor e a Tecelã / 견우직녀) e The Legend of Hong Kil-dong – mais recente, associado ao início do século XVII (A Lenda de Hong Kil-dong / 홍길동전).

Muito da mitologia e do folclore chinês pode ser encontrado na Coreia. As narrativas a seguir exemplificam esses casos. É interessante ressaltar que muitas das narrativas encontradas na Coreia também possuíam versões chinesas e vice versa e, devido à época em que foram escritas, as versões coreanas, dispostas a seguir, também foram perpetuadas por meio do uso do chinês clássico. Era também muito comum que literários chineses e coreanos migrassem de um local para o outro, para que pudessem não apenas aprender e aprofundar conhecimentos, como também realizar produções próprias. Desde a época de formação dos Estados Confederados da Coreia (삼국시), os coreanos possuíam a habilidade de absorver a cultura chinesa enquanto mantinham a sua independência política, o que permitiu que essas sociedades nativas resistissem às crises que, às vezes, tinham de confrontar e atingissem novos e notáveis desenvolvimentos (LEE, 1984). Isso talvez se dê pelo fato de os coreanos nunca apenas absorverem a cultura chinesa de forma passiva, pois não só a utilizavam em seu favor, como a modificavam e produziam coisas novas a partir da mesma.

### 2.2.1.1 *Bi-ik-jo*

Elementum *Bi-ik-jo* 비익조 (比翼鳥 / *Bi-ik-jo*) é o nome de um pássaro lendário que possui um olho e uma asa, portanto este só pode voar se achar um par (que, por sua vez, terá também só um olho e uma asa). Este pássaro pode ser considerado símbolo do amor verdadeiro (através da minha perspectiva como autora), visto que dois se tornam um só, e um não pode viver sem o outro. Era comum que, quando este fosse citado em narrativas, representasse o verdadeiro amor entre os casais<sup>4</sup>.

Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, no Dicionário dos símbolos (1973), o voo de pássaros os guia, naturalmente, para que sirvam como ligação entre o céu e a terra. Na Grécia, a palavra por si só poderia ser utilizada como sinônimo para um prenúncio e para uma mensagem dos céus. No Taoísmo, eles possuem o mesmo significado, enquanto os Imortais se transformam em pássaros de maneira a significar a sua “leveza” e a sua liberdade do “peso” terrestre: “[e]m uma maneira mais generalizada, pássaros representam estados espirituais, anjos, e uma forma elevada do ser. Os inúmeros pássaros azuis na literatura

<sup>4</sup> Este remete um pouco ao mito do Andrógeno descrito por Platão em O Banquete. Embora de culturas e épocas distintas, considera-se que O Banquete foi escrito com fins humorísticos e não deve ser tomado como representativo de concepções gerais sobre o amor. Para mais informações a respeito, ler Plato's Symposium de Richard Hunter, 2004.

chinesa do período Han são fadas, Imortais e mensageiros celestes”. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1996 [1973], p. 86 e 87).

O pássaro é um animal simbólico comumente associado à liberdade, este também pode ser relacionado à ideia de juventude, pois é durante esta juventude, quando ainda não se tem responsabilidades, que se faz o corpo pesar, ou seja, se é uma juventude em que não falta uma das asas nem um dos olhos, então pode se caracterizar como uma liberdade ilusória. Se análogo ao amor, somente a junção entre os pássaros é o que proveria sentido e direção à vida; quando estes se complementam, um patamar menor que o amor maduro é construído sobre o peso da responsabilidade adulta. Quando esses pássaros se encontram, aí sim existe uma meta, uma direção que eles podem seguir juntos, indicando um provável elogio ao matrimônio.

#### *2.2.1.2 Yonliji*

Yonliji (연리지(連理枝)) é o nome dado quando o ramo de duas árvores se entrelaça. Este símbolo também é muito associado ao significado do bi-ik-jo, dois que se tornam um. Ele também pode representar – e muitas vezes, quando mencionado em narrativas clássicas, aparece como símbolo de – o profundo amor entre marido e mulher.

Figura 2 — Fotografia de uma árvore entrelaçada na ilha de Jeju (제주도) na Coreia do Sul



Fonte: A autora (2015).

O motivo para essa simbologia é também associado à história de um casal, 한빙부부 (hanbin bubu), que se amava e vivia feliz a vida de casados. Até que, um dia, o rei se apaixonou pela beleza da esposa, Ha (하씨여인), e a toma para si. Sem poder contradizer a decisão do rei e por sentir muita falta de sua esposa, Hanbing (한빙) se mata. Ao saber da notícia, sua esposa fica muito triste e também decide tirar a própria vida. Ela deixa, contudo, uma carta para o rei se desculpando, mas deixando claro que ela decidiu tirar a própria vida, pois não podia viver sem o seu amado marido, Hanbing (한빙). O rei fica transtornado e que, mesmo depois de morta, ela não poderia ficar ao lado de seu amado, portanto ele ordena que Ha (하씨여인) seja enterrada longe do túmulo de seu marido. Contudo, as duas árvores adjacentes aos túmulos de ambos estendem os seus ramos até que eles se entrelaçam. Esta história exemplifica uma característica importante do amor na Coreia (e parece se repetir, como será apontado nas próximas narrativas presentes nessa dissertação), um amor transcendental (초월하다) e intenso, em que o casal, mesmo depois da morte, permanece e se tornam um. Este amor só pode ser transcendental porque é intenso e, ao mesmo tempo,

intensifica-se por ser transcendental. Daí o entrelace das raízes das duas árvores servir como símbolo de amor profundo e verdadeiro entre um marido e sua esposa, comum de ser encontrado em narrativas e poesias. Essa narrativa pode também, de certa maneira, reafirmar a importância da fidelidade de uma esposa ao seu marido, já que esta prefere a morte a estar com outro homem.

O símbolo da árvore, oposto ao do pássaro, parece se relacionar com a maturidade, existem raízes, completude e firmeza maiores. O amor descrito no conto anterior é um amor maduro, já enraizado e estabilizado. Ambos os contos se utilizam da ordem natural para explicar o homem. Este amor entre o casal se aproxima da ordem natural, ou seja o matrimônio é considerado algo natural e, portanto, pode ser explicado por elementos da natureza. Embora exista um rei dentro de uma ordem social e civilizatória que se afasta da natureza e tenta interromper esse amor, no final do conto, as árvores se irmanam e, assim, o equilíbrio se restabelece mesmo após a morte dos amantes; a natureza do amor, então, prevalece sobre a natureza civilizatória. O amor é de propriedade natural e gera a harmonia entre os seres, e o homem, como pertencente a essa ordem da natureza, deve amar e não agredir essa ordem. Há talvez uma tensão entre a lei natural e a lei social, civilizatória. Quando a devoção ao rei se coloca contra a devoção dos elementos da natureza, ainda assim, mesmo que depois da morte, prevalece a ordem natural e o reequilíbrio por meio das árvores que se tocam.

No Dicionário dos símbolos, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, as árvores também são associadas a elementos que conectam os três níveis do cosmo: o submundo, através de suas raízes que se enterram dentro do solo; a superfície da terra, por meio do seu tronco e galhos mais baixos; e os céus com os galhos mais altos, alcançando a luz. “Porque as suas raízes mergulham no solo e os seus galhos se estendem até os céus, as árvores são universalmente consideradas como um símbolo das relações entre o céu e a terra. [...] A árvore Bodhi também foi onde o Buda obteve iluminação [...], e na iconografia inicial budista, a árvore representa o próprio Buda (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1996 [1973], p. 1026 e 1028).

Em ambas as narrativas, é difícil determinar o exato período em que surgiram, mas estas ainda são de conhecimento dos sul-coreanos. A história do casal 한빙부부 (hanbin bubu) pode ser encontrada até nos dias de hoje, em livros destinados a crianças na Coreia do Sul, ou em formato de histórias virtuais também destinadas ao mesmo público.

Nas duas narrativas apresentadas, um amante não pode viver sem a companhia do outro. Pode-se inferir que este tipo de sentimento tão forte vai além da cumplicidade, ou do

laço matrimonial, pois não há possibilidade de vida em um mundo onde o amante não se faça presente. Um não pode viver sem o outro, pois ambos se complementam. Este tipo de amor associado a um encontro amoroso tão forte que vai além da vida, quase que um encontro de almas, é associado aos preceitos budistas em ascensão na época de circulação do conto citado anteriormente. Segundo preceitos budistas da época, acreditava-se em uma vida após a morte, e esta vida seria melhor do que a experienciada na Terra.

É de importância vital o entendimento de que o Budismo, que entrou na Coreia através da China, só obteve sucesso em sua implementação graças à aceitação e ao apoio dos nobres a essa religião. “É plausível que, em sociedades como essa, marcadas por uma estratificação social rígida, o ensinamento budista de reencarnação, de um renascimento baseado em carma, foi bem recebido como uma doutrina que dava reconhecimento à posição privilegiada da aristocracia. Pode ser discutido, então, que o Budismo veio ser aceito como um sistema de pensamento particularmente adequado às necessidades de um estado centralizado de aristocracia liderado por um rei” (LEE, 1984, p. 60)<sup>5</sup>. Neste novo sistema de autoridade centrado na autoridade do trono, em que a aristocracia reinava absoluta, como visto no conto anterior, os desejos do rei estavam acima de tudo, mesmo de laços considerados sagrados como os do matrimônio. A ideia implementada pelo Budismo de que todos trabalhavam por um bem comum, neste período inicial dos estados coreanos dos Three Kingdoms (삼국시), bem para que, de certa maneira, a maior parte da população (a qual não pertencia nem à aristocracia, nem à linhagem real), de maneira um tanto passiva, aceitasse a subserviência a essa minoria que reinava.

A ideia do carma (karma) também reforçava a ideia de que havia uma lição que vinha com a adversidade, e que este deveria ser aceito, já que era preciso haver a purificação pelos pecados cometidos em vidas passadas. Da mesma forma, renovava a esperança de que a próxima vida fosse melhor, ou mesmo que a vida após a morte fosse trazer a felicidade que a vida terrena não proporcionou.

Contudo, é preciso ressaltar que o amor no Budismo normalmente não é de Pathos (πάθος), e sim de harmonia, onde a *History of the Three Kingdoms of Ancient Korea* é uma busca pelo equilíbrio. O casamento, mesmo durante a época em que houve a ascensão do Budismo, já parecia ser compreendido como um laço sagrado, em que as qualidades associadas às mulheres eram a sua lealdade, o seu compromisso e a devoção ao seu cônjuge.

Na história seguinte, é possível identificar elementos de fantasia misturados à realidade. Ela se encontra em um dos livros clássicos coreanos, *Samgukyusa: Legends and*

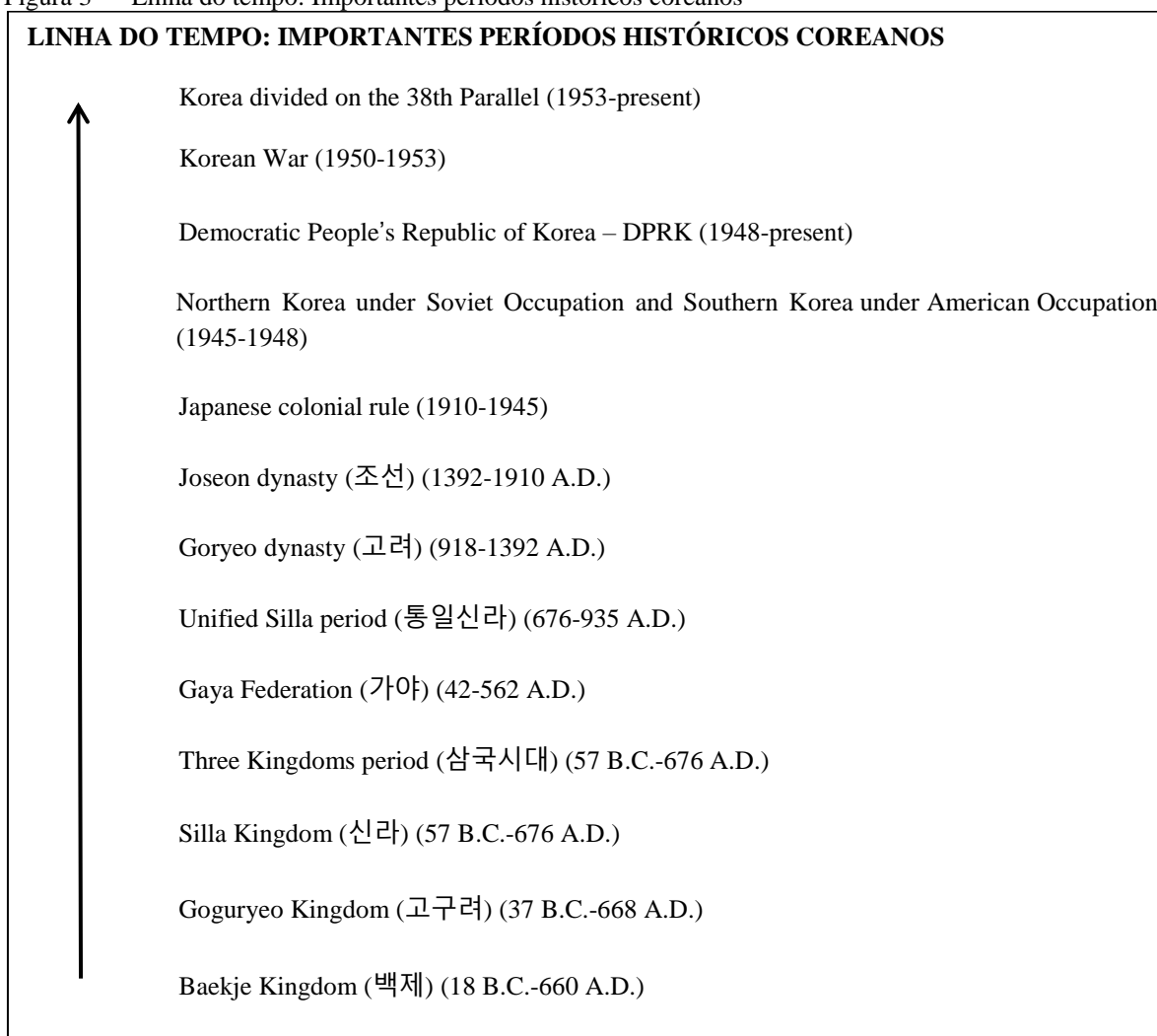
---

<sup>5</sup> Tradução minha.

*History of the Three Kingdoms of Ancient Korea*<sup>6</sup> (삼국유사), que foi escrito entre os anos 1206-1289. Apesar de ter sido escrito naquela época, o livro é uma tentativa de o monge nacional budista Ilyon registrar a história dos períodos mais antigos coreanos, para que eles não se perdessem, ou pelo menos parte deles. O Budismo, na época, exercia muita influência, e por ter sido escrito por um monge, isso se intensificou, e algumas das histórias podem ter sido distorcidas por conta da perspectiva do escritor. As histórias contidas no livro datam de períodos distintos. A seguinte narrativa, segundo o autor, data de 785-799, no período denominado de Silla (신라) na Coreia do Sul. O livro foi escrito por Ilyon não por decreto, sim por desejo próprio, quando a Coreia estava sob o controle dos Mongóis, que, naquele momento histórico, também governavam toda a China e a Ásia Central (HA, 1971).

---

<sup>6</sup> *Samgukyusa: lendas e histórias dos três reinos da antiga Coreia.*

Figura 3 — Linha do tempo: Importantes períodos históricos coreanos<sup>7</sup>

Fonte: A autora (2021).

### 2.2.1.3 Kim Hyeon e a Tigresa

Essa história se passa no período histórico denominado de Silla (신라시대). Durante o reinado de Wonsong, era comum que homens e mulheres, entre 8 a 15 de fevereiro, fossem ao templo Heungryun para rezar. Em uma noite, enquanto Kim Hyeon rodeava a torre (pagoda), ele percebe uma bela mulher que fazia o mesmo. Logo decidem rezar juntos e, por fim, apaixonam-se e desfrutam do amor. Um dia, Kim Hyeon decide seguir sua amada até a sua casa. Dentro da floresta densa, ele finalmente entra na casa de palha e encontra uma mulher mais velha que os repreende por estarem juntos. Sem ter o que fazer com o que já

<sup>7</sup> Nessa linha do tempo (*timeline*), excluí muitos períodos históricos importantes da Coreia, já que eles são muitos e se interconectam. No entanto, selecionei os que considero importantes para os textos literários desta dissertação. Quanto às datas dos períodos, também há certa variação, por exemplo: alguns pesquisadores descrevem o período denominado de Gaya começando em 47 C.E., enquanto o que utilizei foi a data de 42 A.D. A minha descrição começa com Baekje, contudo é possível encontrar a presença de atividade humana na península coreana desde o período Paleolítico.

havia sido consumado, a velha pede para que ele se esconda, pois os três irmãos de sua amada já estavam para chegar.

Nota-se, na primeira parte do conto, a prática de ir ao templo rezar<sup>8</sup>, que era de origem budista e foi banida anos depois, assim como todas as outras práticas budistas, quando o confucionismo foi instaurado com vigor. Um dos motivos deste banimento é que a prática da oração permitia o livre contato entre homens e mulheres. No caso da narrativa, foi a circunstância religiosa que propiciou o encontro dos dois que rezavam juntos. O motivo da repreensão da mulher mais velha se dá pois ambos eram de espécies diferentes: apesar de Kim Hyeon, neste momento da narrativa, ainda não saber deste fato, ele estava se relacionando com uma tigresa. A anciã afirma que seria melhor que eles nunca tivessem se conhecido, pois já antevia que a história de amor entre eles acabaria em tragédia, já que os irmãos da tigresa eram impiedosos e violentos. Mas a anciã também diz que o que está feito está feito, o destino dos dois já havia sido traçado quando se apaixonaram no templo.

Pouco depois, três tigres aparecem e indagam sobre um cheiro diferente dentro da casa, um cheiro de carne humana. A anciã e a jovem dama repreendem os três tigres e os avisam que os céus decidiram puni-los com a morte, pois os tigres matavam por prazer e em excesso. E mesmo quando avisados, ignoraram os alertas e continuaram a matar. Ouvindo outro alerta, os tigres ficaram com medo e assustados. Foi quando a irmã resolveu aceitar para si a punição que havia sido reservada para os irmãos, que matavam sem controle, com a condição de que eles se arrependessem, mudassem e fossem embora. Aliviados, os tigres aceitaram a oferta da moça e foram embora.

Nesse conto, é possível reconhecer preceitos budistas sobre o equilíbrio e o respeito a todas as coisas vivas. Era mais comum também, no período do budismo, que houvesse narrativas nas quais animais falassem e relatos sobre o fantástico, a exemplo de uma mulher que se transforma em tigre, ou mesmo histórias sobre fantasmas e espíritos. Este tipo de relato também foi banido no período confucionista na Coreia, denominado de Joseon (조선). Este se deu entre 1392-1910 e é uma das grandes marcas da dinastia. Apesar da ideologia confucionista já se fazer presente no período anterior denominado de Goryeo (고려), entre 918-1392, esta não era a condição suprema e tinha um papel secundário ao do budismo nesta época. A ideia de que os “céus” os puniriam, porque eles matavam sem escrúpulos e

---

<sup>8</sup> É uma tradição budista circular em torno de uma pagoda. Durante toda a noite, no dia do aniversário do Buda, enquanto se comemoram o mérito e a virtuosidade de Buda, reza-se por desejos individuais. Este ritual budista evoluiu para uma peça popular. (CHOE, 2018, p. 196).

desenfreadamente, bem como a irmã que se sacrifica pelo bem maior, também se associa a preceitos budistas, pode também ser associado com o xamanismo e o taoísmo, os quais também exerceram influência na península. Ela salvaria os irmãos, bem como as pessoas do vilarejo, assim como seu amado que poderia ter sido morto pelos seus irmãos. E Kim Hyeon também ascenderia socialmente com o sacrifício que tiraria a vida de sua amada. Mas este sacrifício levaria a um bem maior.

A mulher se dirige a Kim Hyeon, explica o que aconteceu e diz ser grata pelo amor que compartilharam e que não iria esquecê-lo, mesmo ambos não sendo da mesma espécie. O céu diz que ela tem de morrer, mas ela gostaria de que fosse pela espada do seu amado, e descreve o plano para ele. No dia seguinte, ela irá causar um tumulto no mercado, e ele deverá ser voluntário ao rei para matá-la. Kim Hyeon deveria então segui-lá para dentro da floresta, e ela lhe pede que não tenha medo. Depois de ouvir o elaborado plano, Kim Hyeon se recusa fortemente a matar a amada e diz não ter nem ouro nem títulos que valham o preço da sua vida.

Este é o momento em que a tragédia começa a tomar rumo, pois parece não existir outra opção senão a morte e a conseqüente separação dos amantes. Kim Hyeon, apesar de tentar convencer e dizer a amada que a vida e a presença dela eram as coisas mais importantes, sabe que a decisão já havia sido tomada e que não há como mudar o destino triste que está para acontecer.

Ela, resolvida, convence-o dizendo que o destino quis que morresse jovem, e que sua morte traria muitos benefícios. Não somente iria pagar o preço pelos pecados dos irmãos, como Kim Hyeon ganharia um cargo alto no governo por matá-la, e ele assim poderia realizar bons atos pela nação. Este ato inumano asseguraria a felicidade de Kim Hyeon, traria graças à família e alegria à nação. Percebendo que não havia mais o que ele pudesse fazer para que a sua amada mudasse de ideia, ambos se abraçaram, choraram e se despediram.

Aqui, temos o conceito de destino (운명) mais claro e forte na narrativa. O destino é algo que não pode ser evitado, e mesmo se aparentemente evitado assim o fosse, acabaria por se consumir. Ou seja, não é possível fugir do destino, ele sempre se realizará. E, por saber disto, a tigresa toma a decisão de acabar com sua vida mais facilmente, por saber que assim teria de ser e que não haveria como ir contra os desejos do “céu”, e da força maior responsável por reger tudo, o destino. Então se o amor entre os dois tinha de terminar em tragédia, não haveria mais nada que os amantes pudessem fazer. Outra característica importante do destino, que também fica claro na narrativa, é que ele pode ser feliz ou trágico.

Este conceito permeia a sociedade sul-coreana até mesmo no mundo contemporâneo, e parece ter sua origem em uma tradição que remonta os tempos mais antigos. Daí é possível encontrá-lo em histórias orais como a de Kim Hyeon.

O destino (운명), dentro da cultura sul-coreana, parece estar associado ao acaso, algo que foge do controle ou mesmo da razão. Por este motivo, quando algo inexplicável acontece ou que foge às razões lógicas, muitas vezes, o nome “destino” é utilizado para explicar tais eventos. Mas, ao mesmo tempo em que o destino é utilizado como razão de algo (que vai além da compreensão humana) ter acontecido, ele também pode ser usado para explicar algo que é aparentemente lógico ou também em situações mais banais. Por exemplo, quando duas pessoas desconhecidas se conhecem “por sorte” e se tornam muito amigas, ou mesmo em uma trama mais intrincada, quando, no fim, dois amantes se conhecem, onde todos os acontecimentos ocorrem de modo a tornar possível o encontro entre os amantes. Há pessoas que acreditam que tudo é destino, enquanto outras parecem usar a palavra “destino” de maneira mais leve, em situações específicas, em que essa palavra funciona mais como uma maneira de enfatizar uma situação inesperada, inusitada e, de certa forma, inexplicável.

A palavra “destino” (운명) é muito associada à palavra 인연), que significa relação (laço/vínculo/conexão de relação que une/entre as pessoas). Alguns coreanos utilizam a palavra 인연 como um tipo de vínculo poderoso entre pessoas, portanto, associado ao destino (운명), utilizando a lógica de que todas as pessoas que passam pela vida de um indivíduo não apareceram nem formaram tal conexão umas com as outras por acaso. Todas as pessoas que se conhecem e entram na vida uma da outra, assim fazem por uma força maior, que seria por intermédio do destino (운명). Portanto, é comum ouvir certos tipos de questionamentos ainda hoje, na Coreia do Sul, como “이게 무슨 인연인가? 운명인가?”, que poderia ser traduzido como: “Que tipo de conexão/ligação é esta? Será destino?” É preciso cuidado, pois há também a existência da palavra 우연, que poderia ser traduzida como uma coincidência, acaso, ou um acidente.

A tragédia e a dor que ela proporciona estão relacionadas não somente à intensidade do amor que havia entre os dois, mas o amor foi um dos catalisadores para que a tigresa tivesse forças para aceitar seu destino e, também, para que ela tirasse a própria vida. Não foi apenas o amor que ela nutria por seus irmãos, mas também o amor que sentia por Kim Hyeon.

E isto fica mais claro, pois o ponto alto da tragédia acontece quando a vida da tigresa acaba pela espada do seu amado.

A tigresa, já dentro da floresta, quando o viu, transformou-se em humana, segurou em suas mãos, colocou-as em seu peito e pediu com um sorriso que ele não esquecesse dos momentos que compartilharam. Disse estar feliz por poder abraçá-lo pela uma última vez e que, então, poderia morrer em paz. Pediu desculpas se, acidentalmente, tivesse ferido alguém no mercado e indicou o uso de um remédio caseiro para curar as possíveis vítimas. Nesse trecho do conto, o interessante é que, em meio à dor e à triste despedida entre o casal, a nobre tigresa ainda utiliza os seus preciosos últimos suspiros para pensar nas pessoas que pudessem ter sido feridas pela sua natureza felina, confirmando, assim, a sua nobreza de caráter e pureza de alma.

O sofrimento, no entanto, ainda não acabara. Após a dama se atirar rapidamente à espada de Kim Hyeon, a qual atravessou o seu pescoço de maneira fatal, ele, então, segurando as lágrimas, ainda teve de carregar o corpo da tigresa até o rei que, como prometido, concedeu-lhe uma posição oficial junto a outras recompensas adicionais de ouro e prata.

Em algumas versões da história, o rei usa a pele da tigresa como símbolo de vitória e poder dentro do seu palácio, o que torna tudo ainda mais doloroso para o protagonista, que tem de ver o corpo de sua amada sendo usado como ornamento. Ao fim da narrativa, Kim Hyeon mostra-se sempre triste em seu âmago, pois embora tivesse sido laureado de honra e riquezas, ele havia perdido sua bela amada. Fica claro que ele nunca pôde se esquecer do sacrifício feito por ela, o qual lhe custou a própria vida.

Kim Hyeon, então, manda construir um templo budista à beira do rio Seocheon e nomeou o templo de Howon, significando Templo Desejo do Tigre. No templo, organiza para que o sutra Beommanggyeong fosse sempre recitado, assegurando, assim, que a tigresa fosse para um bom lugar depois da morte. Dessa maneira, tenta recompensar a tigresa por seu grande sacrifício.

Os amantes Kim Hyeon e a Tigresa – assim como Pedro e Inês de Castro, Tristão e Isolda, Romeu e Julieta, e Abelardo e Heloísa – perpetuam a circularidade cultural do mito do amor eterno, do amor paixão que ultrapassa as barreiras da morte. As figuras mitificadas pela Literatura quase sempre são pré-elaboradas culturalmente e funcionam nos mesmos moldes que tantos outros, isto é, como um elemento da identidade cultural, coletiva ou individualmente, tornando-se, também, um recurso poético (SOUZA, 2010). O que difere as ações de Kim Hyeon e da Tigresa dos demais amantes é, sobretudo, o fator destino. Mas, que no caso da história de Kim Hyeon, as ações da Tigresa podem ser interpretadas como decisão

da própria quando decide sacrificar-se. Visto que o destino é uma noção que também aparece atrelada a uma visão de coletividade. O que, portanto, pode resultar em uma sublimação do indivíduo que tem o ápice na morte, que é a extinção da vida individual.

É importante ressaltar, no entanto, que o sacrifício feito pela tigresa foi por amor. Amor não apenas pelos irmãos, mas por Kim Hyeon. E é este sentimento amoroso que lhe dá forças para sacrificar a própria vida. A história de Kim Hyeon e da tigresa é referida como uma história de amor (사랑 이야기), e na mesma consta que ambos se amam: “서로 사랑하게 되어”. Na história, a tigresa também descreve a relação dos dois como algo profundo, em que para a palavra “relação” é utilizada a palavra 인연, “부부의 인연을 맺었다<sup>9</sup>”.

Kim Hyeon perde a alegria de viver, e vive o resto dos seus dias com o propósito de honrar o ato final, triste e difícil, que a sua amada teve de consumir. Também é possível perceber que o amor entre os dois não deixa de existir pela falta física do amante, Kim Hyeon continua a pensar em sua amada até os seus momentos finais, e não há nada material que possa consolá-lo ou apagar a memória afetuosa da tigresa, o que também suscita a intensidade e a pureza do amor que existiu entre os dois. Um amor trágico, que levou à morte um dos amantes, bem como causou sofrimento e infelicidade à vida do que permaneceu sem o outro.

O tempo passou e, quando Kim Hyeon ficou mais velho, ele escreveu uma autobiografia, pormenorizando as misteriosas experiências que tinha vivido no passado. Depois, a história se tornou pública com o título *A Story of the Tiger Forest* e, segundo o escritor Ilyon, ainda circulava oralmente no período em que ele a redigia.

Outra possível interpretação para o conto é a de que o homem tem a sua condição natural, e estando ele lembrado disso, busca o equilíbrio, não agride a natureza, e a natureza também não vai destruí-lo. Esse amor expresso por um elemento da natureza nesse processo de antropomorfização, que aparece no conto da Tigresa, é um mito que talvez tenha como propósito a ideia (a moral da história, a lição) de que o homem não se esqueça da sua condição de elemento natural, pois isto causaria um desequilíbrio que o levaria à destruição. Este princípio de proteção ao homem se caracteriza por ele também ser membro da natureza. “Me ame e me conserve na sua memória”: daí a missão do amante em relação à tigresa,

---

<sup>9</sup> Trechos da história podem ser encontrados no site da Enciclopédia da Coreia, disponível em: <<http://encykorea.aks.ac.kr/Contents/Item/E0011036>>. [출처: 한국민족문화대백과사전(김현감호설화)]

porque, enquanto houver amor, haverá equilíbrio entre as duas esferas. A tentativa de conservação da memória da tigresa é, também, uma tentativa de o homem conservar a sua condição natural. O mito do tigre tem um contraste com o mito do rei. Neste, a elevação social entra em contraste com o natural; na outra história, o elemento natural se preserva, embora haja uma cobrança social.

Parece haver também, no conto da Tigresa, um sentimento de dignidade e de ética, em que ela decide se sacrificar para que o amado possa ascender socialmente, e a memória se faz necessária, para que persista a lembrança idílica da aliança entre o homem e a natureza. Isto pode também remeter a elementos de sacrifícios da natureza. Para que os deuses pudessem consagrar os homens, eles deveriam entender que o sacrifício do animal é tal qual o sacrifício de um ser amado, porque o próprio homem faz parte dessa ordem natural. Embora haja um sacrifício, existe um ganho e não uma perda: Kim ascende na escala social, bem como os aldeões param de morrer por ataques de tigre, e os tigres que matavam desenfreadamente são perdoados. Daí, também, pode-se perceber um ensinamento budista: no fim, um equilíbrio foi estabelecido, e o sacrifício feito pela tigresa, apesar de trágico, traz um bem muito maior comparado à perda. O homem teve de se destacar na ordem natural para criar a civilização, mas este também faz parte da natureza e vice-versa, e este sacrifício não pode ser esquecido. Nem os tigres devem matar desenfreadamente, nem os homens devem esquecer de respeitar a natureza.

Outros aspectos da narrativa alinham-se a dois princípios básicos do Budismo, que são os de colocar um fim ao sofrimento e promover o renascimento. Quando a tigresa sacrifica a própria vida, ela está pondo um fim ao sofrimento dos aldeões e, também, salvando as almas dos irmãos mais velhos.

Muitas histórias de tigres ficaram famosas, especialmente as de cunho oral que eram contadas aos familiares à noite. Na maioria delas, no entanto, o tigre é sempre temido e terrível. Uma, em especial, chama a atenção, e até o presente momento é popular na Coreia. Apesar de não conservar mais o cunho amoroso entre a Tigresa e Kim Hyeon, a narrativa apresenta uma tigresa que, inicialmente, é ajudada por um jovem rapaz e resolve retribuir-lhe o favor, arquitetando um plano para que ele (que não recebe nome) a mate e receba recompensas do rei. Ela aparece para ele em sonho, em forma de uma jovem moça, e ele, em princípio, recusa-se a matá-la, mas ela insiste e o convence. Nessa história para crianças, ela também o ensina o mesmo remédio caseiro mencionado por Ilyon em *Kim Hyeon and The Tigress*. Essa versão encontra-se com o nome *The Grateful Tiger* (O Tigre Grato) no livro

para crianças intitulado *Korean Children's Favorite Stories* (Histórias Favoritas de Crianças Coreanas), escrito por Kim So-un e, primeiramente, publicado em 1955.

É certo que há diferentes versões da mesma lenda, isso acontece, pois, com o tempo, o texto pode vir a sofrer alterações para se enquadrar ao momento histórico, bem como informações ou detalhes do texto podem vir a se perder. Um aspecto parece não divergir entre as versões dessa história: em todas elas, Kim Hyeon e a Tigresa se amavam, e é a crença no destino e o amor dela por ele, pela família e pela humanidade que a fazem decidir tirar a própria vida.

Kim Hyeon se apaixona por uma Tigresa, os dois não são da mesma espécie, mas o ato de sacrifício feito por ela a humaniza, operando mudanças das características violentas, animais e brutais que normalmente se esperam de tigres, observadas, por exemplo, em seus três irmãos, comuns em diversos contos populares em que tigres aparecem. A sua mente, o seu espírito e as suas atitudes demonstraram os mais sublimes valores humanos.

Aquele breve momento em que Kim Hyeon e a Tigresa se apaixonam quase que instantaneamente levanta uma questão importante, mesmo quando o tempo parece curto e a decisão parece pequena ou momentânea, ela tem o poder de influenciar o desfecho da vida de uma pessoa. Este é um dos motivos pelos quais os sul-coreanos tradicionalmente têm discutido regulação (domínio) emocional, controle e manejo (CHOE, 2018). O amor entre os dois foi grande o suficiente para que acontecesse entre um humano e um tigre. Uma ação como a de se apaixonar por alguém, que pode parecer trivial, ou deixar-se tomar por uma emoção pode ter um impacto grande no decorrer da vida de uma pessoa, ou mesmo mudar o rumo da vida de um indivíduo.

Segundo Rougemont (1939), a felicidade dos amantes mexe com os nossos sentimentos devido à infelicidade que os espera. O autor também afirma que o leitor não se incomoda com as distorções ou com as reviravoltas da lógica dentro de uma história, contanto que esta licença produza o pretexto necessário para a paixão que o leitor anseia sentir. Ele prossegue a afirmar que nenhuma das barreiras impostas para a concretização do amor de um casal é insuperável, contudo, quase todas as vezes, o par desiste. E quando não há obstrução, uma tem de ser criada. E se questiona: será que essas barreiras são criadas para satisfazer o autor e o leitor? Para satisfazer ambos.

Então sobre o que realmente trata o conto? As separações dos amantes? Sim, mas em nome da paixão, e pelo amor, por aquele mesmo amor que os perturba, para que este amor seja intensificado e transfigurado – ao custo de suas felicidades e mesmo que custe suas vidas (ROUGEMONT, 1939). Vale ressaltar que o teórico francês Rougemont (1939), utilizando-se

da própria etimologia da palavra, bem como do conceito de pathos, configura a paixão como sentimento sempre intenso, por vezes fatal, propenso a causar algum sofrimento para fazer jus à intensidade que promete àqueles que por ela são acometidos.

Quando a Tigresa fala para Kim Hyeon que a morte era a melhor solução para todos e diz que ele irá beneficiar-se, tornando-se um nobre, o que era uma tarefa muito difícil por si só na sociedade da época (a mobilidade social era difícil), ela acredita também que, depois de sua morte, ele realizará boas ações para o reino. Quando ela faz o acordo com os irmãos tigres e pede que, em retorno, eles se arrependam e que partam, este pedido não é só para que os irmãos não mais ataquem a cidade, mas para que eles partam e não descubram Kim Hyeon, que estava ali escondido. A Tigresa salva a vida de Kim Hyeon, além de alavancá-la. E, com esta escolha, consuma o desfecho trágico da história de amor entre os dois, o que alavanca o sentimento da paixão e a intensidade amorosa da trama.

Outro momento importante na narrativa é quando Kim Hyeon chega à casa da Tigresa e encontra a mulher mais velha, que, em algumas versões, é tida como mãe da Tigresa. A senhora avisa ao casal que, embora eles estivessem felizes naquele momento e as coisas parecessem boas, era melhor que eles não tivessem se conhecido. Aqui, evidencia-se a perspectiva de que os mais velhos são sábios e é preciso ouvi-los. Houve uma tentativa de aviso a ambos, de que o desfecho da história dos dois seria triste, uma vez que eles pertenciam a mundos diferentes, e estes mundos estavam em conflito. O fato de que uma pessoa mais velha foi responsável por avisar os dois, pode ser interpretado como uma premonição, quase como um oráculo era responsável por fazer no mundo ocidental. Segundo análise da professora pesquisadora e tradutora Choe Key-sook:

The remark shows an epistemological thought that even the best effort of a human is mere creation of karma. The act considered the most beautiful thing today may turn out to be an ugly one tomorrow. My happiness may be someone else's misery. Therefore, humans should always be penitent and introspective for themselves and others, while maintaining humble attitudes for the sake of society and history. (CHOE, 2018, p. 201, grifo nosso).

Logo, todas as ações, mesmo aparentemente pequenas e insignificantes, são predeterminadas (pré-destinadas) e determinantes (karmicas) para o futuro dos personagens. Nada é fixo, o que é bom agora pode se tornar ruim amanhã. Os conceitos de feliz e triste também não são fixos, o motivo da alegria de alguém pode ser a causa da tristeza de outro. Por isso, é preciso manter a consciência do peso das escolhas e ações realizadas, pois estas influenciam a todos (CHOE, p. 201, 2018). Nossas ações são quase como uma fileira de

dominós empilhados, onde um tem o poder de catalisar uma reação no resto; portanto, já que vivemos em sociedade, é preciso cautela com as nossas escolhas e ações. Daí, a escolha da tigresa ter sido tão nobre, pois esta não “pensa” só em si, mas sim no todo que a cerca. Por fim, mais uma vez, não se pode fugir do destino. O destino (운명) parece ser uma palavra muito importante na sociedade sul-coreana, ou pelo menos foi. O destino não pode ser vencido. E se algo bom ou ruim acontece para os que acreditam no destino, esse acontecimento não pode ser evitado, assim tinha de ser.

A forma textual utilizada para descrição da história de amor, o conto, entre Kim Hyeon e a Tigresa é breve. Contudo, é possível estabelecer um padrão em seu enredo. Há o encontro e a formação do casal no início da narrativa. Este encontro logo se transforma em amor, que é mútuo. Este encontro do casal é marcado pelo destino (운명), afinal os dois estão juntos no lugar exato, em uma hora propícia para o encontro dos dois. O destino marca, assim, aquilo que não pode ser controlado pelos personagens, e é o motivo de ambos se apaixonarem. A paixão não é algo que os personagens controlam, não é racional, ela acontece por obra do destino, pois assim tinha de ser.

Os personagens desfrutam deste amor e o consomem, mas de forma breve, pois logo surge o empecilho para que o casal continue junto. Este faz com que o casal se separe de forma trágica, com a morte da Tigresa pelas mãos do seu amado. Além deste sofrimento, há outra dor, que é a de não poderem estar mais juntos. Apesar de o casal não estar mais junto no plano carnal, e desta forma parece que a história possui um desfecho trágico, pode-se inferir que o amor entre os dois transcende (초월하다) o carnal, passando a ser um amor espiritual, um encontro de almas.

É possível que o final feliz esteja implícito, uma vez que a narrativa tem como fundo temático o budismo, segundo o qual existe a vida após a morte, e onde há a crença de que o elemento psíquico é mais forte do que o corpo físico em si. Além do mais, na crença budista, pouco importa a vida apenas apegada ao mundo terrestre, mas sim uma vida que priorize o plano superior, vivendo-se assim de uma maneira justa e equilibrada.

Outra questão interessante é o papel de protagonismo da Tigresa na história, que é mulher e toma a decisão mais difícil, a de tirar a própria vida e a de ter de se separar de seu amado. Ela conduz as ações no enredo e também o convence a seguir o plano que culmina em sua morte. Especialmente em narrativas que descreviam heróis de guerra, em sua grande maioria, estes eram homens. No budismo, não existia grande distinção ou limitações quanto à

condição feminina, diferentemente do que é visto na ideologia do confucionismo<sup>10</sup>. Talvez por esta razão, o protagonismo da Tigresa no conto se apresente de forma tão clara e veemente. Apesar disto, pareciam ser mais comuns histórias em que personagens masculinos assumiam posição de maior foco. Outra possível interpretação é a de que elementos naturais, de maneira geral, são associados ao elemento feminino, tais quais a terra e a água, por exemplo.

O romance seguinte foi escrito no século XV, pelo intelectual Kim Si-seup (1435-1493), e se encontra na coleção de histórias escritas por ele no livro *New Stories of the Golden*

*Turtle* (Geumo Sinhwa/ 금오신화/ Contos da Tartaruga Dourada). É importante ressaltar que,

na época em que foi escrito, o Budismo não estava mais em ascensão, e sim a ideologia do Confucionismo, que, dentre vários outros quesitos, era contra escritas sobre histórias de amor ou que trouxessem elementos fantásticos (HUNGGYU, 2013). De maneira contraditória, ambos estão presentes na narrativa a seguir. No momento histórico em que foi escrito, ocorria uma transição social importante na Coreia:

[...] se pretendia banir o budismo em prol da construção de um Estado neoconfucionista [...] As implicações dessa guinada envolvem um golpe de Estado que instituiu a dinastia Joseon em 1392, em detrimento a Goryeo, 918 a 1392, Estado fortemente budista, pondo fim a quase um milênio de budismo na história dos reinos coreanos [...] o novo Estado buscava, em suma, um racionalismo social e político, e, nesse contexto, deu-se grande destaque à legitimidade moral dos governantes, e, por conseguinte, o budismo foi rebaixado a um sistema de crenças fantasiosas, como a transmigração das almas ou a ideia do carma, que confundiriam as pessoas, fazendo-as se distanciar da realidade. (YUN, 2017, p.11-12).

Durante a narrativa, a poesia (시) se faz presente não somente como a forma de melhor expressar as emoções e a mentalidade dos personagens, mas também a atmosfera romântica entre o casal, especialmente no começo da narrativa. Quebra a monotonia da prosa, faz alusão a outros incidentes, bem como os descreve de maneira mais compacta. A poesia também era tida na época como forma literária superior, e o uso da mesma demonstrava que o autor estava a par das tendências estilísticas da época, bem como atestava que era versado nos

---

<sup>10</sup> Vale ressaltar que, na narrativa de Kim Hyeon e da Tigresa, os dois puderam rezar em um ambiente juntos e à sós. Depois, com o período de ascensão do Confucionismo, este tipo de contato entre homens e mulheres passou a ser proibido.

estudos dos clássicos, conseqüentemente, há diversas menções, por exemplo, a elementos clássicos da literatura e da poesia chinesa.

Assim como outras histórias presentes no livro *Geumosinhwa* (금오신화) – já disponível em português com o título de *Contos da Tartaruga Dourada* –, que foi escrito por Kim Si-seup (김시습) no século XV, a fantasia se destaca. Não é incomum que elementos fantásticos apareçam em narrativas. Contudo, esta narrativa foi escrita durante um período no qual as ideias confucionistas dominavam a sociedade e estas proibiam a imaginação do irreal mundo da fantasia, tornando-a, assim, algo especial. Confúcio menciona Goeryeoknansin no *Analectos de Confúcio*, o que significa que ele não falaria sobre coisas prodigiosas, violentas, confusas ou misteriosas, portanto não era apropriado que acadêmicos do período Joseon (os literários e intelectuais) falassem sobre seres misteriosos, o mundo da morte e o espaço fantástico (CHOE, 2018, p. 226-227).

#### 2.2.1.4 *Olhando por Cima do Muro: o Conto de Yi Saeng*

O jovem Yi Saeng, de apenas 18 anos, de boa aparência e muito talentoso, frequentava uma das melhores faculdades coreanas da época. Yi Saeng gostava de recitar versos de poemas enquanto andava. No percurso que ele fazia para ir à faculdade, tinha de passar em frente à casa de Choe Rang, jovem de 16 anos muito bonita, com grande habilidade para bordado e elucidada em poesia e rimas. Ambos os jovens eram muito elogiados por suas aptidões.

Um dia, enquanto descansava na sombra de um salgueiro, ele olhou pelo muro e avistou uma bela jovem que estava bordando, ela parou por um momento e recitou um poema, no qual se indagava quem era aquele jovem que sempre por aquele caminho passava, e ansiava por um dia conhecê-lo. Ao ouvir aqueles versos, Yi Saeng sentiu o impulso de respondê-los e demonstrar seu talento para a poesia, mas o portão da casa era muito alto, e a residência de Choe Rang ficava nos fundos da casa, afastada. Desapontado, ele desiste e segue para a Academia das Letras. No caminho de volta para casa, ele compõe três versos e os escreve em uma folha de papel, envolvendo-o em uma telha, jogando-o por cima do muro.

O muro da casa de Choe chama a atenção. A jovem de família nobre e rica fica protegida pelos altos muros da sua casa, onde só haveria de ter contato com seus pais e servos, ou com as pessoas que seus pais permitissem. Por normas sociais da época, confucionistas, homens e mulheres não podiam ficar sozinhos, muito menos sem o

conhecimento e a autorização dos seus pais. Então o encontro dos dois foi, de fato, inusitado. Ambos já haviam notado a presença um do outro.

Nos versos compostos por Yi Saeng, havia referências a um conto antigo chinês, no qual uma ninfa<sup>11</sup> se apaixona pelo rei Xiang, desce do céu e se deita com ele. Ela se tornava nuvens pela manhã e chuva ao cair da tarde. Esta passagem simbólica pode ser interpretada como desejo, paixão ou mesmo relações sexuais, em que amantes se “deságuam”. No caso de Yi Saeng, parece expressar o seu desejo de se aproximar de Choe. Há também referência a outro conto chinês, em que um homem se apaixona ao ouvir uma jovem que tocava geomungo (instrumento musical tradicional). Estas parecem marcar o surgimento de um desejo e fascínio que se estabeleceu, um sentimento que era apenas nutrido em distância, onde muros os separavam.

Nas últimas estrofes, o jovem Yi se questiona se o destino (운명) será bondoso ou cruel em seu coração vazio. Um dia parece um ano enquanto ele espera encontrar seu amor (neste caso, Choe Rang). E finalmente faz uma última comparação a outro conto chinês, no qual um homem sente-se atraído por uma mulher, mas, antes de se casar com ela, tem de passar por uma provação de 100 dias. Só assim, depois, podem ficar juntos. Neste caso, pode ser interpretado como o sofrimento que a espera, ou como as provações que o amor impõe, sendo o tempo uma delas. Cabe lembrar que esta narrativa foi escrita primeiramente em ideogramas chineses clássicos, que compunham a escrita vigente da época.

[...] o conhecimento dos ideogramas e dos clássicos chineses media, no final das contas, o grau da virtude moral. Por isso, as numerosas referências que se encontram na obra sobre as lendas e figuras mitológicas, além das citações de clássicos chineses, devem ser entendidas como um imperativo da época para demonstrar sua erudição, ou, em outras palavras, sua virtude moral e a legitimidade para ser ouvido. (YUN, 2017, p. 16).

A poesia (시) é a forma com que os amantes se expressam e se comunicam, ela pode ser vista durante toda a narrativa, sobretudo, no início, em que os amantes professam mutuamente o seu amor e o desejo de estarem juntos. Mais do que a prosa, a poesia na época

---

<sup>11</sup> Ninfa (ou fada) é uma maneira comum de tradução dos seres não humanos que habitavam o reino celeste, que, neste caso, serviam ao Imperador de Jade na mitologia chinesa. Estes seres mitológicos também se fazem presentes na teologia Daoísta. O Imperador de Jade separa os amantes na famosa história anteriormente mencionada, *O Pastor e a Tecelã* / 견우직녀.

em que a narrativa foi escrita era considerada como uma das melhores formas de expressão, especialmente de sentimentos. Não só quebrava a monotonia da prosa, também revelava os sentimentos especialmente os mais profundos dos personagens.

A aparição de elementos da natureza nas poesias era frequente. Isso se explica pois, nessa época, uma grande importância era aplicada à poesia, bem como ao cultivo da ideologia confucionista. Poesia era compreendida como uma maneira de criar um vínculo com a natureza, que era o espaço ideal para entender os princípios confucionistas do universo e evitar o mundo vulgar e as suas tentações. Dentre elas, estavam o desejo e o amor sexual, a base das emoções humanas, conforme Pettid e Cha (2009).

Apesar de os elementos da natureza serem frequentemente associados à pureza, no caso de Yi Sang, estes serviram como veículo de sentimentos proibidos entre um homem e uma mulher não comprometidos. Talvez, isso se dê pelo propósito do romance, que, segundo Bakhtin (2010 [1934- 1935]), tem um caráter transformacional e libertário. O perfil do público que inicialmente lia o romance também pode justificar a possível transgressão dos preceitos confucianistas. No romance do Ocidente, também se fizeram presentes tais características, e a estas soma-se a presença de um registro de linguagem distinto. A esta linguagem associa-se a silepse, o que, no caso da narrativa de Yi, parece também acontecer.

Choe responde à mensagem de Yi Sang, que dizia o quanto queria encontrá-lo por volta do cair da tarde. Yi seguiu as instruções que estavam na carta recebida e foi ao encontro de Choe Rang. Ele desfrutou do entusiasmo provocado pelo secreto e, simultaneamente, sentiu-se nervoso por esse encontro furtivo, demonstrando um possível sentimento de culpa, já que ele tinha consciência de que suas ações desviavam das normas sociais da época.

Os amantes se encontram e declamam poemas entre si. Dentre os versos, Yi menciona o quão devastador seria a ira de seus pais se os descobrissem. Choe, então, diz que, desde o começo, quis estar com ele e ser sua esposa até o fim de seus dias. Choe ainda diz que, mesmo sendo mulher, estava preparada para ser responsável por suas ações e enfrentar os pais, ainda que ela fosse criticada. Isso demonstra a força de Choe, subvertendo as noções de que o homem é quem deve ser forte e ativo; uma vez que a sociedade coreana da época, de uma maneira geral, era extremamente patriarcal. Ela também afirma que será responsável por seus atos, o que demonstra não só sua personalidade corajosa e determinada, como também a intensidade do sentimento que ela nutria por Yi. Como bem ressaltado por ela, não se tratava de algo passageiro, e sim de uma promessa que ela fazia para a vida inteira.

Os dois continuam a trocar versos de amor em um cenário onde elementos da natureza se fazem presentes, bem como mencionam contos clássicos de amor, como o do oficial chinês

Jia Chong (217-282): uma de suas filhas, grande dama da corte do imperador Wu (da dinastia Jin), apaixonou-se por um homem chamado Han Shou e, por ele, roubou um raro perfume estrangeiro. Esse ato corajoso, um desvio, demonstrou a intensidade de seus sentimentos por Han e, assim, seu pai permitiu o casamento dos dois (O'ROURKE, 2013).

No tardar da noite, Yi e Choe consumam o seu amor. Um dia após estarem juntos por diversas noites, Yi diz a Choe que, de acordo com a piedade filial, era esperado que os pais soubessem onde os filhos vão e que estes os cumprimentassem pela manhã e à noite. Ao ouvir estas palavras, Choe, mesmo triste, concordou que ele voltasse. Contudo, Yi não perdeu uma noite sem visitar sua amada. Um dia, quando estava prestes a sair, seu pai o parou e disse saber que havia algo errado, pois Yi, que antes saía pela manhã para a faculdade e retornava à noite, agora saía ao cair do sol e só retornava ao amanhecer. O pai repreende o filho e diz que este tipo de comportamento prejudicaria a todos, não só à família de Yi, como traria desonras à da jovem com quem ele, imprudentemente, passou a se encontrar. Como punição, o pai o manda a outra província, para administrar os servos e a fazenda, e o proíbe de voltar.

Através das várias menções a clássicos chineses, a ideia de amor se faz presente, em especial, um amor que é paciente, enfrenta dificuldades e pode, na maioria das vezes, acabar em tragédia. Os amantes sabiam do perigo que o amor poderia causar, sobretudo, sabiam que o amor entre eles era proibido pelas normas sociais da época. Começam o seu relacionamento motivados por um desejo, mas já sabendo que este é proibido e arriscado. A punição imposta a Yi por seu pai não é surpresa, mas sim algo de certa maneira já esperado.

Sem saber o que havia acontecido, Choe Rang esperou por Yi Saeng todas noites, mas, durante meses, ele não apareceu. Preocupada com o que poderia ter acontecido com o seu amado, ela mandou um servo questionar os vizinhos de Yi às escondidas. Ao descobrir o que ocorrera, Choe adoeceu e ficou acamada, sem comer nem se levantar, mal conseguia falar. Choe foi obrigada a contar sobre o que havia acontecido a seus pais. Ela lhes pediu desculpas e disse saber o quão valioso era o amor entre um homem e uma mulher, e que o decoro exigia a castidade da mulher até o casamento. Ela confessou que deveria ter seguido estes ensinamentos, mas não o fez, e que, mesmo depois de tamanha desonra e culpa, o seu amor por Yi só aumentava, e com ele a doença se agravava.

Nessa passagem, percebe-se que a personagem, que era bem educada e tinha conhecimento sobre o que era esperado e o que era repudiado, torna evidente e verbaliza a força do sentimento que sentia. Este amor ia contra o bom senso e a razão que a mesma possuía. A personagem principal declara abertamente que era preferível a morte a viver em um mundo onde não pudesse ficar junto com o seu amado, o que prova a intensidade do amor

que sentia e o quão devastador este poderia ser. Esta parece ser uma característica corriqueira em tramas de amor coreanas, onde os amantes, quando separados, sofrem de amor, mas isso se estende para além de uma dor emocional e vai além de ansiar pela pessoa amada. Essa dor faz padecer o corpo e pode facilmente, se não “curada” (se não houver o reencontro dos amantes) levar à morte. No Ocidente, existe o adjetivo lovesick (doente de amor), normalmente associado a uma dor que atinge a mente e a alma. Nas narrativas coreanas, esta parece ir além e reverbera no corpo daqueles que a têm<sup>12</sup>.

Como parte da trama, o mundo da morte é mencionado. Isto provém de preceitos budistas e taoistas, segundo os quais, acreditava-se haver o mundo dos mortos, bem como o céu e o inferno. Daí o desejo de, se não puder estar junto da pessoa amada neste mundo, esperar o encontro após a morte. Este é um amor literalmente transcendental (초월하다), mesmo depois da morte, haverá a continuação do sentimento amoroso em outro plano que não o terrestre. Esta crença de que há um mundo espiritual serve como motivadora para que, de certa forma, a decisão de abandono da vida terrestre seja mais fácil e devolva a esperança de que os amantes ainda possam estar juntos.

Em análise feita sobre o romance, o professor Kim Hunggyu afirma que o obstáculo normativo que funciona como impedimento para o romance entre os dois pode não parecer intransponível para a audiência moderna, mas era sacrossanto para a ética confucionista do século XV. Era inconcebível que membros de famílias nobres se apaixonassem sem a permissão de seus pais, muito menos que os amantes se encontrassem sorrateiramente todas as noites. A protagonista feminina, Choe, demonstra determinação, proatividade e discernimento quando lida com as crises que surgem depois de o relacionamento entre os dois ter sido descoberto. Trata-se de um exagero ficcional (já que não era comum que mulheres, naquela época, expressassem suas opiniões, muito menos aquelas que se rebelavam contra o desejo de seus pais), que serve para ilustrar e evidenciar como o verdadeiro amor é ardente e forte quando enfrenta barreiras sociais (HUNGGYU, 2013).

Importante ressaltar que Choe era de família nobre e prestigiosa, enquanto Yi, apesar de inteligente e elogiado por muitos, pertencia a uma família mais pobre. Não era comum que famílias de diferentes classes sociais permitissem o casamento. Afinal, tal ato influenciaria toda a família, não apenas o casal. Para que houvesse benefícios para ambas as partes, os pais escolhiam cônjuges para seus filhos de mesma classe social e prestígio.

---

<sup>12</sup> Mais à frente, outro exemplo de narrativa onde os amantes morrem de amor será analisado: *Unyongjong (A Love Affair at the Royal Palace of Choson Korea)*.

Choe diz que, se seus pais fossem contra o seu amor por Yi, só haveria um caminho para ela, a morte: “[eu] prefiro encontrar Yi Saeng novamente no mundo da morte do que me casar com outra pessoa”<sup>13</sup>. Seus pais a entenderam, procuraram acalmá-la e, então, seguiram as formalidades da época ao proporem casamento, enviando um casamenteiro (중매쟁이) à casa de Yi Saeng.

Uma vez que o casamento foi aceito pelas famílias, os amantes contiveram a felicidade e escreveram poemas um para o outro. Nestes, há menção à ponte Ojakgyo (오작교 다리), que também aparece no conto dos amantes Gyeonwu (견우) e Jiknyeo (직녀), que só se encontram uma vez ao ano, no dia 7 de julho. Essa ponte era feita por corvos e pegas (aves) que, observando o sofrimento dos dois, que não podiam se ver apesar de tanto se amarem, possibilitaram o encontro do casal. Atualmente, há um festival para celebrar esta data na Coreia do Sul, indicando o quão emblemática é esta história de amor, que também tem uma famosa versão chinesa: *The Cowherd and The Weaver Girl* (O Pastor e a Tecelã / 견우직녀).

Nesses poemas, também há a menção à Velha Wolha (월하노인), que é a casamenteira responsável por conectar os casais (CHOE, 2018). Na tradição chinesa, essa conexão é representada por um fio vermelho no mindinho de cada amante que os conecta; já na coreana, em vez de apenas um fio vermelho, o homem põe um fio azul, e a mulher, um vermelho, indicando que se unem (em casamentos tradicionais coreanos, ainda é possível ver a noiva vestindo vermelho, e o noivo, azul). Há também o lendário velhinho sob a lua, que é uma referência a uma lenda da dinastia Tang chinesa, segundo a qual, um jovem encontra, em uma noite de lua clara, um velhinho lendo o Livro dos Matrimônios. “O velho carrega uma bolsa cheia de linhas vermelhas que servem para amarrar os pés de moços e moças predestinados ao casamento” (YUN, 2017, p. 35, grifo nosso).

Na mitologia coreana, também há a história 청실과홍실로/ 청실홍실로, uma entidade (aparentemente, uma deusa que assumiu forma de idosa) revela a um jovem homem com quem ele se casaria. Quando a Velha Wolha (월하노인) é mencionada na prosa e poesia tradicional chinesa, ela é sinônimo da deusa do casamento e do amor (O’ROURKE, 2013). Este tipo de laço, quando feito por ela, não pode ser facilmente desfeito, e os amantes irão se

---

<sup>13</sup> "If you accept my wish to be together with him, then I will be able to save my life. However, if you ask me to quit my love for him, there is only one way for me to die. I would rather meet Yi Saeng again in the world of death than marry someone else" (CHOE, 2018).

encontrar, pois estão destinados assim a se relacionar. Este tipo de relação forte e predestinada em coreano chama-se de inyeon (인연), relação esta não só entre amantes, como, por exemplo, entre amigos, normalmente, usa-se entre seres humanos em geral. Os relacionamentos (인연) não são necessariamente bons, eles também podem ser ruins, gerando sofrimento e se caracterizando assim como um mau relacionamento (악연). Portanto, o destino é responsável por unir não apenas os relacionamentos felizes, como também os que geram infortúnios.

Há certa contradição quanto à palavra inyeon (인연), que pode ser associada a uma relação predestinada, mas hoje, para alguns coreanos, ela não mais tem a ver com destino, talvez pelo enfraquecimento do budismo com o passar do tempo. Muitos coreanos, por não mais acreditarem em destino (운명), usam no presente a palavra inyeon (인연) não como uma relação movida pelo destino, mas apenas como indicação de relação entre pessoas. A palavra “destino”, em coreano, é 운명. Esta, sem dúvida, atualmente, representa a força maior que controla tudo, da qual não há escapatória. Parece ser mais comum para indicar um relacionamento predestinado o uso apenas da palavra “destino” (운명) junto ao verbo “encontro” (만남): 운명적인 만남. Outra possibilidade para indicação de um laço predestinado é a palavra 연분, que, literalmente, significa vínculo predestinado, e oriundo do 한자 (caracter proveniente do chinês); ou mesmo o uso da palavra “inevitabilidade” ou “predestinação” 필연.

A palavra inyeon (인연) e unmyeong (운명/destino) conforme a leitura dos textos presentes parece se manifestar de maneira constante, não apenas por menções claras no texto, mas também é uma das maneiras de interpretação das narrativas apresentadas ao longo dessa dissertação, mas é importante ressaltar que o desenrolar das tramas não ocorre exclusivamente por causa do destino. O dia do casamento chegou e passou, contudo o amor dos dois permaneceu. O casal seguiu se amando e respeitando um ao outro. Outros casais não podiam competir com tamanha fidelidade e lealdade. No ano seguinte, Yi Saeng foi aprovado no exame para oficiais do governo e assumiu mandato, seu nome se tornou muito conceituado. Até esse momento da narrativa, tudo parecia bem, os amantes desfrutavam não somente do

amor como da prosperidade em suas vidas no geral. Contudo, por volta do ano de 1361, a guerra os alcançou. Ocorreu a Rebelião dos Turbantes Vermelhos (홍건적, 1351-1368) – essa guerra é um fato histórico presente na narrativa. Ladrões chineses atacaram a capital, e o rei escapou para a província de Gyeongsang (경상도). O inimigo incendiou casas, matou diversas pessoas, abateu animais e os comeu. O casal e os seus parentes não puderam proteger uns aos outros e fugiram separadamente. Apesar de Yi ter conseguido fugir, Choe Rang foi capturada pelo inimigo. Quando o ladrão estava prestes a violá-la, ela o parou e lhe disse que preferia que ele a matasse ou a comesse, a ter relações íntimas com ele. Furioso, ele a matou e cortou-a em pedaços. Apesar da presença deste fato histórico na narrativa, este aparece apenas como plano de fundo da história de amor, que é o elemento central e essencial do texto. Essa morte trágica, mas altamente digna, da personagem funciona como uma forma de compensação, em que a heroína é revalorizada a partir da moral social da época.

O muro – símbolo de edificação social e primeiro obstáculo do casal – guarda e separa os homens, funciona como bloqueio de um fluxo natural. O conjunto de regras sociais, que ditam o certo e o errado, funciona como um muro, mas, como tal, não é intransponível. O amor sentido e experienciado, não racionalizado, cala a razão, transpõe muros, até o da morte.

Depois de retornar à casa onde os dois tinham sido tão felizes e, em princípio, não ter encontrado ninguém, apenas as ruínas e as memórias de um tempo feliz, Yi recebe a visita de sua amada em forma de fantasma (o que marca a natureza fantástica da história 비현실적). Em vez de ficar assustado ou de lembrar à esposa que ela não estava mais viva, o amor de Yi é tão forte que ele fica feliz por encontrá-la, mesmo que em forma de fantasma. O amor de Choe também é tão grande que a faz voltar do mundo dos mortos para continuar do lado do seu amado. Essa passagem da trama demonstra a natureza transcendental (초월하다) do amor entre os dois: um amor que fala mais alto do que a realidade (이성 < 사랑) e vai além do muro da morte.

Ela conta a Yi que o amor deles a mudou positivamente. Devido ao confucionismo, as mulheres ficavam quase que apenas dentro de casa. O casamento com Yi não só fez com que ela conhecesse o amor, como lhe proporcionou aprender coisas novas, além de bordado, poesia, escrita e boas maneiras, saberes costumeiros às mulheres nobres da época. O amor lhe deu liberdade.

Choe menciona ter achado que o amor entre os dois duraria para sempre. Em coreano, há um verbo importante, usado até hoje, em especial, nos casamentos, para desejar felicidade e prosperidade ao casal: 백년해로하다, que significa “envelhecer juntos”. Analisando este verbo mais a fundo, é possível perceber que a primeira parte dele vem de cem anos (백년). Em outras palavras, traduzindo “ao pé da letra”, significa um desejo para que o casal, uma vez que tenha uma relação (인연) formada, permaneça unido durante cem anos. Daí, na narrativa, especialmente em algumas traduções, menciona-se sobre passar cem anos juntos, que pode ser associado a um amor que duraria para sempre, ou por muito tempo, devido à longevidade dos cem anos.

Quando Choe propõe a Yi que eles mantenham seus votos de ficarem juntos, ela associa o momento em que se separam na montanha, enquanto fugiam dos bandidos, a pássaros que perdem seu companheiro. E segue a fazer uma comparação entre mente e corpo, afirmando que foi melhor que seu corpo tivesse sido dilacerado em pedaços do que a sua mente. Apesar de ter feito uma escolha consciente, o desfecho não deixou de ser triste. Choe diz também que todos os momentos de felicidade pareciam ter existido para, de alguma maneira, justificar a tristeza que estava por vir. Aí, há um vocábulo coreano que, sozinho, dá conta deste significado, 흥진비래: se está feliz agora, a tristeza há de vir (after joy comes tears, or after fun comes sorrow). Essa palavra sugere que a personagem esperava que a história de amor entre os dois pudesse terminar em tragédia.

Parece existir complexidade no amor apresentado na trama. Inicialmente, o amor é o próprio fluxo de desejo capaz de derrubar muros entre os dois; depois, quando o casal é separado por um infortúnio, esse mesmo amor é capaz de destruir Choe. Posteriormente, esse amor tem de ser purificado (segundo a ótica confucionista) pela violência próxima e pela dignidade de escolha. A tragédia, então, purifica o amor e liberta a heroína da contravenção inicial, o que parece confirmar o valor maior moral da lealdade.

Choe menciona não apenas que sua promessa com Yi ainda estava firme, como também o fato de os dois estarem destinados a amar três vezes (vida passada, vida presente, vida futura / 전생, 현생, 내생), ainda que seja uma ideia vinda do budismo (불교), em que normalmente um ser humano não se lembraria do que viveu na vida passada (전생). Choe, entretanto, retornou como um fantasma, e as suas memórias da vida passada ainda estavam vívidas em sua lembrança, talvez por ela ter voltado com o aval de Deus, para então continuar

o amor entre os dois em sua vida após a morte (내생). Mais uma vez, reforça-se o quão forte era o amor do casal, que se amou durante vidas.

Yi, feliz por ter a esposa de volta e comovido por todo sofrimento que ela passou, pelo sacrifício feito por ela e pelo amor que ainda ardia dentro de Choe, fica feliz em estarem juntos novamente, mesmo que o corpo físico de sua amada não mais existisse. Essa passagem da trama marca o terceiro encontro do casal. Somente com a ajuda da sua esposa, Yi encontra os corpos de ambos os pais e os enterra, seguindo práticas budistas (불교). Depois, ambos passam os dias felizes juntos, como antigamente. O amor de Yi Saeng era maior do que qualquer desejo por riquezas ou reconhecimento social (부귀공명 < 사랑), pois ele continuou a viver com sua esposa sem buscar ou se interessar por assuntos do mundo humano, estar com ela o bastava. Ele confinou-se em casa e, mesmo quando assuntos importantes surgiam, ele não saía, cortando relações com o mundo terreno (두문불출하다).

Anos se passaram. Apesar de o casal ter vivido em grande harmonia, a hora da terceira despedida chega, e esta parece ser final. Em uma noite, Choe Rang avisa a Yi Saeng que, apesar dos lindos momentos que essa relação lhe proporcionou e de o prazer de estarem juntos não ter acabado, estava na hora de dizer adeus. Mais uma vez, o adeus traz tristeza, e outra palavra coreana comporta este sentido: (호사다마), que significa “nuvens sempre seguem o brilho do sol”. Apesar de Deus (Imperador Celestial) ter permitido que eles, mais uma vez, compartilhassem o seu amor, pois os laços de afinidade não haviam sido quebrados, e Choe não havia cometido nenhum pecado enquanto viva, o destino (운명) é inevitável. Ela não pode continuar como fantasma em um mundo de humanos, há uma barreira entre esta vida e a vida após a morte. É imperativo que, depois de morto, o espírito vá para o mundo da vida após a morte, e este é o motivo do adeus dos dois.

Yi insiste que, se não puderem ficar juntos neste mundo (aqui há novamente a menção ao desejo de permanecerem mais cem anos juntos até que virem cinzas), seria melhor ambos irem para o “céu”. Assim, ele não se sentiria culpado por continuar vivendo sem a amada. Choe, no entanto, diz que ele ainda teria tempo remanescente para viver, diferentemente dela, cujo nome já constava na lista dos fantasmas. Ela também lhe diz que, se ela permanecesse tão apegada ao mundo humano, isto violaria as leis dos céus e prejudicaria não somente a ela, mas a Yi. Aqui, nota-se um conceito budista, segundo o qual a pessoa morta tem de se

desapegar das coisas que a prendem à Terra. O amor tem de se organizar agora no plano transcendental, onde não há mais muros, mas uma divisão de dimensões.

Ambos se despedem (pela última vez na narrativa) em meio a olhares e lágrimas e, devagar, Choe Rang desaparece assim como cada vestígio seu. Apesar de se sentir impotente por não poder ter feito nada a respeito, muito triste, Yi enterra e faz o memorial para Choe como ela o havia pedido. Olhando para toda a memória que compartilhou junto à sua amada, Yi fica doente e morre meses depois. Todas as pessoas ficaram tristes, e o que remanesceu foi a integridade da história de amor do casal (여운).

Uma possível interpretação do fantasma de Choe que volta é a de que este é uma lembrança do passado que retornou para cobrar uma atitude presente de Yi. Pelo sofrimento, o viúvo também precisa se purificar da tragédia, é preciso que ele prove, através da dor ou da tristeza, a qualidade do seu amor. Assim, este amor deixou de ser meramente carnal.

Apesar da época patriarcal em que Choe Rang e Yi Saeng se apaixonam, eles conseguem vencer a adversidade, que era, neste caso, a sociedade opressiva do período que ditava não somente a ideologia, como os costumes a serem seguidos. Infelizmente, a felicidade dos amantes não dura muito tempo, o que torna a história trágica (비극적). Mesmo quando Choe retorna como fantasma, o tempo deles é limitado pelo tempo do destino. Segundo a professora Choe Key-sook:

In the world of Geumosinhwa, every moment that the main character experienced in reality was controlled by destiny and was recognized as inevitable violence. The reality is always silent, desolate, and in vain. It was the writer's sense of reality that the main characters of Geumosinhwa all disappeared in the real world [...] While adopting Walter Benjamin's definition that the true measure of life is memory, it can be said that the main characters accused the problems of reality by ceasing to exist in the middles of their youth. The protagonists again speak against the violence of the world through extinction of self, which is a powerful method for proving a social meaning of individual. (CHOE, 2018, p. 231- 234).

Apesar do fim trágico, a narrativa mostra o amor profundo que existia entre os dois. De acordo com as ações dos personagens, é possível identificar que ambos tinham personalidades opostas: enquanto Yi era mais tímido e negativo, Choe parecia ser ativa e corajosa. Pode-se dizer que ambos se completavam.

A comunicação entre Yi e o fantasma de sua esposa mostra que o laço dos dois não era meramente carnal, e sim espiritual. Choe conhecia e entendia quem seu marido realmente era,

o seu interior era o que o definia e importava. Na análise feita pela professora Choi Key-sook, ela explica que Yi Saeng só foi capaz de se comunicar com um fantasma porque ele estava se excluindo completamente da realidade. O único ser que se comunicava com ele era sua esposa, o ser que o apreciava e que entendia profundamente seu âmago. Quando um personagem se comunica ou se aconselha com um fantasma, este não é o outro estranho, mas um espectro do próprio âmago do personagem principal (CHOI, 2018).

No período em que a história foi publicada, o Confucionismo era a ideologia predominante, bem como forma de controle e opressão das classes sociais, em especial, das mulheres. Isso fica claro na primeira separação do casal, pois o motivo da mesma foi a ideologia confucionista que permitia o livre encontro, ou mesmo o amor entre homens e mulheres. O esperado era que os mesmos tivessem casamentos arranjados por seus pais, e que a mulher permanecesse casta e isolada do convívio social.

Ainda assim, é possível identificar elementos vindos do budismo (불교) na narrativa, mesmo sua prática tendo sido banida, e seus praticantes, perseguidos e punidos. Apesar de ter sido o desejo da classe dominante da época, que o budismo tivesse sumido, essa filosofia não havia sido completamente apagada. É marcante a presença de elementos budistas e taoistas durante toda a narrativa, e eles se mesclam aos princípios vigentes da época em que a trama foi escrita.

Um elemento importante para o desenrolar da trama é a aparição do fantasma de Choe, este tipo de elemento fantástico (que foge do mundo real) era absolutamente criticado por Confúcio. Este pregava a racionalidade e culpava a crença fantasiosa pelo declínio da dinastia anterior, em que o budismo havia se propagado com veemência.

Em uma época não propícia para a escrita de seu conteúdo, o romance escrito por Kim Si-seup (김시습) permanece até hoje como um clássico da literatura coreana. O elemento amoroso na narrativa não passa despercebido, já que ele tem papel de destaque e é essencial para o desenrolar do enredo. O amor entre os dois não é efêmero, pelo contrário, por amor, a personagem principal morre e, além disso, supera a barreira da morte. Não parece exagero, então, classificar essa narrativa como romântica (낭만적). Não se trata apenas de um romance, mas de um romance trágico, no qual o amor entre os dois não é efêmero, e sim intenso e verdadeiro, visto que ele passa por diversos tipos de provação, inclusive a maior delas, a morte, e a vence. Isso talvez seja um traço importante, afinal, no geral, quando se trata de amor trágico no ocidente (a exemplo da famosa história europeia escrita por

Shakespeare, Romeu e Julieta), a morte é o último obstáculo dos amantes e marca também o fim da trajetória amorosa. De maneira geral, no universo literário ocidental, a morte parece ter uma função distinta da vista na narrativa literária amorosa coreana. No ocidente, pode-se citar a consagrada narrativa de Emily Brontë, O Morro dos Ventos Uivantes (*Wuthering Heights*, 1847), que também apresenta no enredo a presença de fantasmas (apesar que de maneira um pouco mais ambígua).

#### 2.2.1.5 Charan

A história de Charan utiliza-se da figura histórica do rei Seongjong (1469-1494) para descrição temporal da narrativa, que acontece durante a dinastia Joseon (조선). No entanto, o autor que a escreveu, Im Bang (임방/ 1640- 1724), viveu anos após o reinado do rei Seongjong. A província de Pyeongan era a mais famosa de todas as oito, pois lá havia não apenas os cenários naturais mais belos, mas também dispunha de uma sociedade erudita e bem educada. O único filho do governador dessa província tinha apenas dezesseis anos (em algumas versões, consta que ele tinha apenas doze anos), boa aparência e era estudioso apesar de sua pouca idade. Poeta talentoso, famoso por seu ótimo discernimento, conhecimento de história e dos clássicos, seu nome era Keydong, um rapaz superdotado (*The Gifted Lad*). A descrição do personagem condiz com aquilo que se era esperado não só por ele ser filho de uma família nobre, mas também por possuir todas as características de valor retratadas pela ideologia do confucionismo, como o destaque intelectual que possuía, mesmo em idade precoce. Na sua descrição posta na narrativa, todos à sua volta o consideravam um prodígio.

Para celebrar o aniversário do governador, houve um banquete no pavilhão da Fragrância do Outono (*Autumn Frangance Hall*). Este reuniu vários músicos e gisaeng (기생 ou ginyeo 기녀), animadoras profissionais que cantavam, dançavam e tocavam música em vários eventos e celebrações). Dentre elas, a mais famosa e renomada era Charan, cujo nome no registro de gisaeng era Jade Flute Fairy (Fada da Flauta de Jade). Ela tinha a mesma idade do filho do governador, bem como era considerada a mais bela da província, cujos talentos iam desde o canto, a dança até o flautear. Sabia tocar divinamente instrumentos como a flauta e o gayageum. Charan também tinha conhecimento dos clássicos, história e era versada em poesia. Ela era a mais brilhante de todas as gisaengs.

É importante ressaltar que não era tão comum para as gisaeng serem consideradas muito cultas, apesar de serem instruídas nas Belas Artes e treinadas para serem cortesãs, como é o caso de Charan na narrativa. As gisaengs eram treinadas para entreter os nobres, contudo sua posição social era reconhecida como baixa; e as que possuíam grande habilidade e competência podiam ser contratadas para servir até mesmo na corte real. Alguns historiadores associam as gisaengs coreanas com as geishas (芸者) japonesas, já que a função de ambas era similar nos seus países de origem. Assim como as gisaengs coreanas, a função social das geishas era similar, pois mulheres eram treinadas para entreter uma clientela, normalmente, rica e nobre.

O governador pede para que seu filho dance e o entretenha. A escolhida para ser seu par foi Charan, pois essa, assim como o seu filho, destacava-se por ser talentosa. Todos ficaram maravilhados com o casal de jovens, que formaram uma união descrita como perfeita e dançaram tão majestosamente. O governador recompensou Charan e ordenou que, a partir daquele momento, ela servisse seu filho exclusivamente. Dessa ocasião em diante, o casal cresceu juntos por cerca de 6 anos. De amigos e companheiros, eles se apaixonaram e viraram amantes. Esse amor é descrito como ardente e como igual nunca visto.

É importante ressaltar que o convívio dos dois se realizou de maneira supervisionada e com a autorização do governador. Apesar de saber que o filho se envolvera com uma mulher de classe mais baixa, até o presente momento na narrativa, isso não é problemático, afinal esta não era uma união oficial, mas, sim, uma maneira de mimar e ter alguém que pudesse fazer companhia ao filho prodigioso.

O encontro dos dois pode ser associado com o destino (운명), à medida que ambos são unidos por suas aptidões, por serem os mais talentosos, por terem a mesma idade e estarem na mesma festa. O que, de certa forma, estava além do controle dos dois, logo o destino foi responsável por os unir. Apesar de o destino ter unido esse casal, a primeira separação logo chega e acontece por normas da época. O governador, por ter feito um ótimo trabalho, teve o seu mandato prorrogado por mais um tempo, contudo o mesmo chegou ao fim, era hora de retornar à capital.

O governador e sua esposa logo ficaram preocupados com a possibilidade de seu filho se adoentar, por não mais poder ficar ao lado de Charan. Os pais tinham certeza do amor profundo e recíproco entre o filho e a sua amada. Tinham medo de que a separação o fizesse tão triste que pudesse ficar doente, lovesick (doente de amor). Importante mencionar que, assim como visto na história de Yi Saeng, a saudade e o desejo pela pessoa amada não afetam

somente o âmago dos amantes, mas reverberam para além dos seus corpos. Quem sofre por amor passa a adoecer também fisicamente, podendo chegar à morte. O amante literalmente morre por causa do sofrimento de ter seu coração “partido”.

Por esse motivo, os pais, muito preocupados com o dano que a separação entre os dois poderia causar, mas receosos de que, se Charan os acompanhasse, isso poderia afetar a reputação do seu filho, perguntam diretamente a ele o que deveria ser feito. Foi somente neste momento que a companhia de Charan tornou-se um problema. Isso poderia ter um impacto negativo quando fosse a hora de seu filho se casar, como também não seria respeitoso que ela o acompanhasse sem ser sua esposa.

O pai diz ao filho que é prática comum da época os homens terem concubinas depois de casados, mas, se o filho não pudesse mesmo viver sem Charan, ele resolveria qualquer problema que surgisse na hora de o filho se casar. Sem hesitar e para surpresa do seu genitor, Keydong diz que o pai não deve se preocupar a respeito disso, afinal, apesar de a moça significar muito para ele quando estão juntos, ao chegar o momento da ida à capital, ele a deixaria facilmente. Na narrativa, ele faz uma comparação interessante. Keydong diz que deixar Charan seria como deixar um par de sapatos velhos e usados.

O curioso deste momento é que os pais ficam surpresos, mas muito felizes com a atitude do filho e o elogiam. Soa quase como desdenhoso os pais terem se preocupado com isso. Até certo ponto, pode-se dizer que ele a abandona, já que decide deixá-la para trás sem pestanejar, apesar das opções oferecidas pelo pai. O personagem, quando toma tal atitude, parece pensar muito mais de uma maneira prática e objetiva sobre suas obrigações sociais e no seu futuro, do que, de fato, nos seus sentimentos.

Chegado o momento da despedida do casal, Charan fica muito triste e devastada com a partida do seu amado. Ele, por sua vez, não demonstra nenhuma emoção e nenhum sinal de apego. O autor pontua que, mesmo as pessoas que o conheciam ficaram impressionadas com a atitude do rapaz, mas que esta atitude poderia ser justificada, pois o mesmo passou seis anos amando-a e desfrutando da companhia de Charan todos os dias, não sabendo o que o adeus realmente significava, muito menos, o sentimento causado pela separação.

Após o retorno a Seul, gradualmente, ele percebe o quanto sente a falta de Charan, mas sem falar nem expressar este sentimento a ninguém. Enquanto estudava no monastério nas montanhas, com um grupo de amigos, a mando do seu pai, para os exames de concurso do estado, de repente, ele é preenchido por um sentimento avassalador de tristeza e uma grande vontade de encontrar Charan. Sem conseguir conter esse sentimento enquanto todos dormiam e no meio da noite fria de inverno, ele decide voltar a pé para a distante Pyongyang. O nobre

Keydong nunca havia caminhado mais do que até o portão da sua casa. Teve de mendigar comida e regularmente passou fome e frio em sua jornada pelas montanhas de volta à Charan. Keydong não conhecia a força e a intensidade dos seus próprios sentimentos, do amor.

Ele caminha por um mês até finalmente conseguir chegar à cidade da sua amada. Todo tipo de infortúnio aconteceu na jornada desse nobre, que sempre desfrutou das roupas mais caras, das comidas mais saborosas, teve uma vida privilegiada e nunca tinha experienciado tamanho sofrimento. Guardada as proporções, pode-se associar essa característica de um nobre que sai em busca de esclarecimento à própria vida do Buddha; este também pertenceu a uma família aristocrática e renunciou a sua vida de privilégios.

A atitude do personagem demonstra não apenas a intensidade do amor que sentia por Charan, mas, em sua longa e sofrida jornada, o seu amor por ela não muda, ele só comprova sua força. Ele não pensa em parar ou voltar para casa. Mesmo com todas as provações, ele vai até o fim. Se o jovem, inicialmente, toma a decisão de partir com seus pais para a capital e deixar Charan, pensando apenas em suas obrigações sociais, quando ele não consegue dormir e foge no meio da noite ao encontro de Charan, ele não pensa por um segundo sequer em seus pais, nem em riquezas, amigos, exame do estado, nem mesmo em suas obrigações. Este ato vai também claramente contra a ideologia confucionista reguladora do período. Quando ele deixa Charan tão facilmente, todos pareciam saber a tragédia que estava por vir, os pais do garoto e todos os que o conheciam, menos ele. A partida é motivada apenas pela vontade de ver Charan e pelo sentimento de amor que o consome e domina. Keydong era um homem inteligente, mas não conhecia do que o amor era capaz. Fica evidente que o amor, quando verdadeiro, desafia a razão mesmo do homem mais sensato e talentoso. A jornada ter sido feita a pé e sem a ajuda de ninguém intensifica o sofrimento do personagem, a grande provação por ele vencida em prol de reencontrar a amada.

Ao chegar na cidade, logo ele vai à casa de Charan, mas encontra apenas a mãe da menina em casa, que não o reconhece em princípio, por conta do seu estado decadente. E mesmo depois, ela não fica feliz ao vê-lo. Ela diz que sua filha agora vive em um pavilhão com o filho do novo governador, que não a deixa sair de lá. Ela o desencoraja dizendo que, mesmo ele tendo feito uma jornada tão longa, não há maneira de encontrar Charan.

Apesar do longo obstáculo já enfrentado por Keydong, que foi sua longa jornada a pé, logo outro aparece em seu caminho. Além de não poder encontrá-la, mesmo depois de tanto esforço, e de haver outro pretendente em seu caminho, não há ninguém para ajudá-lo. A própria mãe da menina apenas o desencoraja e não lhe oferece hospitalidade. Surge, então, um outro problema, ele não tem sequer o que comer, nem para onde ir. Ele se lembra de um

oficial de quem se apiedou e ajudou, convencendo o seu pai, todas as manhãs, a não o executar. Nesse momento da narrativa, parece haver uma lição significativa da importância em ser benevolente e ajudar, e de como o bom caráter de Keydong veio em seu auxílio, mesmo anos depois.

Apesar de o homem também não o ter reconhecido inicialmente, depois de revelar o seu nome, o escriba logo providenciou um lugar para Keydong ficar bem, dando-lhe uma farta refeição e o tratando com grande respeito. O jovem conta ao seu anfitrião sobre o seu desejo de encontrar Charan. Ele diz a Keydong que parece não haver uma forma de eles se encontrarem, mas que, se ele se contentasse apenas em ver sua amada de longe, havia, então, uma maneira. Por ser inverno, ele tinha sido encarregado de levar pessoas para a remoção da neve no pavilhão perto de onde Charan estava.

Keydong, que nunca tinha feito atividades braçais como a remoção da neve, logo chama a atenção por ser desengonçado. Charan, que estava sentada ao lado do filho do governador, em frente à janela, não podia ser vista. Mas o filho do governador mostra a Charan o quão engraçado era o jovem varrendo a neve. Quando os olhos da moça encontram os do seu amado, ela corre e se tranca no quarto, não aparece mais.

Essa sucessão de fatos na narrativa chama a atenção, pois o destino (운명) parece ter auxiliado Keydong, afinal não somente o oficial salvo por ele o tratou bem e recepcionou em sua casa, como o fato de ser encarregado da limpeza da neve lhe proporcionou ver Charan, mesmo de longe. Além disso, a sua falta de habilidade ao varrer chama a atenção do filho do novo governador, que acha engraçado e o mostra a Charan.

Apesar de Keydong ter voltado para a casa em que estava hospedado, desapontado por ter visto Charan tão brevemente e sem resultado, a moça o havia reconhecido instantaneamente, mesmo que apenas com o olhar. Charan, que era muito esperta, convence o filho do novo governador a deixar que ela volte para casa, utilizando um dos princípios mais importantes do Confucionismo como pretexto, o da devoção filial. Ela lhe diz temer que sua mãe – pobre, velha e solitária – não consiga preparar os ritos ao seu pai falecido. Apesar de Charan enganá-lo, o filho do governador a amava e, sem desconfiar de nada, deu-lhe presentes, várias comidas para o ritual, permitindo que ela retornasse para casa.

Charan volta correndo para sua casa, mas não encontra Keydong como esperado. Ela confronta a mãe e a repudia, por não ter oferecido a ele um lugar para ficar e nem, ao menos, saber onde ele está. A moça lembra à mãe o quão bons eram o ex-governador e Keydong, como a tratavam. Como ela pôde ter sido tão cruel, a ponto de não lhe ter oferecido comida

nem abrigo? Disse ainda que nenhum ser humano digno deveria agir de tal maneira. Charan também declara nunca poder esquecer nem desistir do seu amado, mesmo que ele a tenha deixado. Ela, então, justifica à sua mãe o porquê de seu amor permanecer e nunca ser abalado, dando-lhe cinco razões.

A primeira, a de que Deus havia os unido, e que, apesar de os homens terem feito que os amantes dançassem juntos, a união do casal estava muito acima do mero desejo dos homens, era uma união celeste. Portanto, eles eram um par perfeito, e todos da festa também concordavam com isso. Em coreano, existe a expressão “par feito”, ou “par feito nos céus”, 천생배필.

Desde aquele momento da primeira dança, ela sempre esteve ao lado de Keydong. Quando ficaram mais velhos, apaixonaram-se, e não há precedentes de um amor como o que eles desfrutaram juntos. Mesmo que ele a esqueça, ela nunca poderá esquecê-lo. Este foi o segundo motivo.

O terceiro: o pai de Keydong sempre a tratou com muito respeito, apesar de ela pertencer a uma classe inferior. Mesmo assim, ele a considerava a companheira do seu filho e nunca a discriminou. Ao contrário, sempre a presenteava e a tratava com muito afeto. Tais ações eram muito raras (aqui, ela se refere à dura sociedade da época, onde quase não havia mobilidade social) e que, portanto, não poderiam ser esquecidas.

A quarta razão é que, mesmo que várias pessoas importantes e nobres cheguem e retornem a Pyongyang, ela nunca viu alguém de espírito nobre e de talento natural como Keydong. Nenhum nunca chegou ao seu nível. Ela estava mesmo determinada a confiar a sua vida ao amado para sempre.

E como último motivo, Charan diz que, apesar de Keydong tê-la abandonado, ela nunca o poderia abandonar. Apesar do seu status pobre, continuaria a ser leal ao amado até a morte, e sentia reciprocidade: mesmo ela tendo morado com o filho do novo governador por cerca de dois meses, Keydong a considerou valiosa o suficiente, a ponto de andar mais de mil quilômetros para vê-la.

Charan ama Keydong profundamente. É interessante como ela consegue colocar em motivos lógicos a razão de seu amor por ele, para que fique claro à sua mãe, como talvez também para o leitor. Assim, não há dúvida alguma quanto à fundamentação e ao merecimento de tal sentimento. Keydong, no entanto, não tem de justificar ao seu pai os motivos do seu sentimento por Charan. Talvez por ser homem e nobre (na sociedade da época, as mulheres não tinham direito à liberdade de escolha e estavam sempre a mercê dos

homens em suas vidas, para que tomassem decisões por elas), ele seja livre para fazer escolhas, sem ter de justificá-las. Apesar de, na época, o casamento ser algo decidido pelos mais velhos, seguindo preceitos confucionistas, era comum que, depois de casados, os homens tivessem outras mulheres, logo, casamento não implicava a união de dois amantes, mas sim a união social favorável entre duas famílias. A decisão não cabia aos filhos, mesmo que estes fossem homens.

A provação do amor de Charan, apesar de parecer não ter sido tão dura quanto a de Keydong, que sofreu não apenas em seu espírito, mas também fisicamente, deu-se por ela acreditar que o seu amor era unilateral, ou mesmo que o amado a tinha esquecido e abandonado. Isso tanto confirma a intensidade do seu amor, que é forte o suficiente para enfrentar a adversidade, como também é duradouro e leal, já que, mesmo morando com o filho do novo governador, ela permanece amando Keydong. A prova disso é que bastou apenas um olhar para ela reconhecê-lo, enganar o filho do novo governador e ir ao encontro de Keydong.

Então ela parte à procura do amado, mesmo acreditando que este a tinha abandonado e esquecido, bem como acreditando não ser digna de tamanho amor. Ela se lembra do oficial ajudado por ele e lá o encontra. Ambos ficam muito felizes em se encontrar, e o amor dos dois é recíproco. Ela o leva para a sua casa e lhe oferece um grande banquete. Durante a noite, enquanto a mãe de Charan dorme, eles conversam e decidem fugir juntos.

Charan reuniu todos os seus bens valiosos e os levou com ela, mas, ainda assim, tiveram de trabalhar para sobreviver. Keydong, que não tinha nenhuma experiência com trabalho, é sustentado por Charan, que é muito habilidosa na costura e na tecelagem. Eles evitaram passar fome, contudo viveram de maneira muito humilde em uma pequena cabana. Charan se relacionava muito bem com seus vizinhos, gerando simpatia, o que os ajudou.

Uma noite, Charan, que vivia com pouco mas feliz por estar na companhia de seu amado, disse a Keydong que, como filho de um homem de prestígio, ele não poderia continuar vivendo para sempre assim. E como ele havia abandonado tudo para ficar com alguém tão indigna como ela, e deixou os pais sem ao menos saberem se ele permanecia vivo ou não (o que ia contra o princípio confucionista de piedade filial), não seria possível retornar desta maneira. Keydong concorda com Charan, e ela, então, propõe um plano para que ele possa enfrentar os pais de queixo erguido e possa reconquistar o que deixou para trás. Ela o convence a voltar a estudar para o exame de estado. Era um concurso muito difícil, Keydong havia passado muito tempo sem estudar e também não dispunha dos livros e materiais

necessários. Ao sair no meio da noite em busca de Charan, ele só havia levado a roupa do seu corpo e nada mais.

Charan, então, sai à procura dos livros sem muita sorte, até que, um dia, um vendedor ambulante aparece carregando exatamente os livros necessários. Depois de comprar os livros para Keydong, ele se dedica a estudar por volta de dois a três anos, todos os dias, inclusive às noites, mesmo à luz de vela. Charan esteve sempre ao seu lado, costurando enquanto ele estudava, motivando-o. Como ele sempre foi muito talentoso, logo seus esforços mostraram resultado. O dia do exame chega. Charan prepara a comida e todas as coisas necessárias para Keydong ir à capital prestar o teste.

Keydong se classifica em primeiro lugar. O rei o chama para conversar depois de ter visto o resultado e ter conversado com o seu pai. O pai de Keydong, que era Ministro da Justiça, tinha sido promovido a Primeiro Ministro. Assim, fica logo sabendo que seu filho estava vivo e havia sido aprovado no difícil exame. Keydong conta toda a sua história ao rei e recebe seu perdão pelas faltas cometidas, bem como o perdão de seu pai, que fica muito feliz em reencontrar o filho. O rei também diz que não pode condenar Keydong por seu amor à Charan. ele também fica impressionado com as atitudes da moça que viveu com ele nas montanhas. Não é uma mulher comum. Os planos que ela havia feito para a sua reparação foram dignos de um erudito. E aconselha Keydong a não deixar que outra além de Charan fosse sua legítima esposa. Ordena que ela seja elevada ao mesmo nível social de Keydong e demanda que os futuros filhos do casal sejam funcionários oficiais de alto status. Charan, então, é trazida à capital em um palanquim<sup>14</sup> com grandes honras. Charan e Keydong se casam e, posteriormente, Keydong alcança uma posição oficial ainda mais alta e prestigiosa como nunca visto antes. Tiveram dois filhos que também foram muito bem sucedidos. E assim o casal viveu feliz por vários anos.

A história de amor entre Keydong e Charan tem um final feliz muito claro. Os dois não só terminam felizes juntos, como o rei, que é a figura maior e mais importante na ordem social, reconhece e recompensa o casal pelos feitos grandiosos. Pode-se inferir, então, que não apenas o pai de Keydong reencontra o filho como aceita o casamento dos dois, mas também toda a sociedade. Charan recebe um status igual ao do seu amado em uma época onde a mobilidade social era de extrema dificuldade. As bênçãos do casal se estendem até as próximas gerações, no caso, para seus filhos. Para a ideologia confucionista, era importante

---

<sup>14</sup> Veículo comum na antiga China e na Índia, composto por uma liteira fechada (ou leito ou assento coberto), presa a umvaral, carregada nos ombros por dois, quatro ou seis homens ou, ainda, no dorso de camelos ou elefantes.

conservar uma boa linhagem e preservar bons exemplos. Além de tudo, os dois podem seguir se amando, não mais secretamente, agora com o aval do próprio rei e admiração social.

O motivo de Keydong, em vez de ser punido por suas ações, ter sido perdoado e agraciado pelo rei foi graças ao plano e ao incentivo de Charan. Ela o salva. Se ele não tivesse estudado para o concurso e não tivesse tirado a nota mais alta, não poderia reencontrar o pai pela vergonha e desonra que lhe havia causado. Charan conduz o seu amado para o caminho correto, para o sucesso, e é um exemplo do que uma boa esposa deveria fazer, justificando o rei ter permitido que ela casasse legalmente com Keydong, mesmo tendo nascido em uma classe social inferior.

Na história de Charan a personagem feminina não aparece sacrificada como observado na maioria das outras histórias analisadas no decorrer dessa dissertação, e Charan é reconhecida e recompensada por uma figura de extremo poder social, o rei, por suas ações e méritos, o que também entra em contraste com as outras personagens femininas das narrativas apresentadas até o momento.

A fala do rei, quando diz que não irá castigá-lo por ter se apaixonado por uma gisaeng (기생), ou seja, que o amor não era um crime, vai contra a ideologia confucionista. O amor não costumava ser incentivado às pessoas de classe nobre, já que o amor era considerado involuntário e impulsivo, a exemplo do que fez Keydong, ao sair no meio da noite gélida para ir atrás da amada apenas com a roupa do corpo, deixando tudo para trás. Este tipo de atitude impensada e movida pelos sentimentos em vez da razão não era encorajada, sobretudo porque os jovens não tinham direito de escolher com quem iriam se casar.

Outra possível interpretação para a atitude benevolente do rei é a de que o amor paixão (intenso), expresso por Keydong e que o fez enfrentar diversos sofrimentos, é racionalizado por Charan e serve para reorganizar os valores que dignificam a família (como a educação e o trabalho). Charan parece transformar o amor paixão em um amor sublime, para recolocar o amado nos padrões da ética confucionista. O amor impulsivo é, então, transformado pelo amor racional de Charan.

O final feliz da história de amor se dá por diversos motivos, mas talvez o mais relevante deles seja o de que o bom caráter dos personagens é o real motivo deste amor não ter terminado em tragédia. O destino (운명) dos dois é feliz, afinal Keydong sobrevive à sua jornada longa e cheia de infortúnios. Se os amantes não tivessem sido fieis ao amor que sentiam um pelo outro, nem perseverado nas dificuldades, não haveria final feliz. Charan pode ter tido as ideais e motivado o seu amado, mas é quando estão juntos que eles se tornam

fortes, e as adversidades são vencidas. De certa maneira, pode-se pensar que o casal se completa, e é este poder de completude que os torna vitoriosos. Keydong persevera, e Charan racionaliza o seu sentimento, a fim de atingirem o retorno e uma ordem de equilíbrio social exemplar.

### 3 AMOR NO ROMANCE SUL-COREANO: *UNYONG-JON*

A história de Unyeong-jon é a primeira narrativa ficcional em prosa na história da Literatura Coreana, em que a voz do narrador é predominantemente de uma mulher (ou, pelo menos, a primeira de que se tem registro), da protagonista Unyong-jong (em certos momentos da trama, há mudanças para um narrador onisciente, mas logo após há o retorno à voz da heroína). Essa voz feminina possibilita ao leitor conhecer a história a partir de suas perspectivas, experiências e compreensões sobre a vida, bem como as dificuldades que as mulheres sofriam pela ideologia restritiva do Confucionismo do século XVII. Às mulheres da época eram negados os direitos humanos básicos, tais como: o de escolher a pessoa amada, o de fazer as próprias escolhas de vida, e de ter direitos iguais aos dos homens. Essa narrativa estava séculos à frente do seu tempo. O fato de este romance ter sido amplamente circulado demonstra um desejo de seus leitores da realização amorosa bem como da satisfação pessoal. Este texto também reflete os dois mil anos do legado da Literatura Chinesa, dispondo de uma narrativa intercalada com pistas e marcos para o leitor, tornando-a um tanto dificultosa para o leitor atual, por conta de suas metáforas e alusões a lendas e personagens antigos, bem como referências a poetas ou estilos de poesia. Nela também ecoam as condições sociais que prevaleciam do começo à metade do período Joseon (조선). O fato de haver inúmeras versões desta mesma história comprova a sua popularidade na época, as diferentes edições demonstram como seus leitores estavam engajados ativamente com o romance até pelo menos três séculos depois de sua criação (PETTID, 2009).

A edição original de Unyeong-jon perdeu-se, mas a narrativa foi inicialmente escrita em chinês literário (한시) e só depois foi transcrita para o coreano. Isso indica que, possivelmente, os primeiros leitores da narrativa tenham sido homens, com exceção da minoria das mulheres que possuíam educação o suficiente para ler um texto tão longo e difícil. A versão coreana da narrativa atesta sua popularidade, já que a versão coreana possibilitava um acesso a um público maior e, em sua maioria, feminino, pois as mulheres eram as grandes consumidoras de romances escritos em coreano, especialmente mulheres

nobres. A versão em coreano do texto apresenta mudanças importantes, como maior ênfase às ações das mulheres do palácio e ao relacionamento entre Unyong e Kim chinsa, diferentemente das versões em chinês literário (PETTID, 2009). Pressupõe-se que a narrativa tenha sido escrita entre 1616 e 1641. Há muitas dúvidas também sobre a autoria do romance, já que este não foi assinado, provavelmente, por receio a punições e censuras do regime da época, visto que retratava um relacionamento proibido e levantava questões desafiadoras à ideologia predominante na época. Alguns pesquisadores defendem que seria impossível uma mulher ter sido autora, devido à utilização de uma escrita em conformidade aos padrões estilísticos mais refinados da época, bem como à menção dos clássicos da Literatura, sobretudo, da poesia chinesa. Outros<sup>15</sup> advogam ser possível, visto que algumas mulheres nobres tinham conhecimento da escrita e acesso às produções literárias clássicas, e historicamente há relatos de tais mulheres. Existe também uma ampla descrição da vida e sentimentos das mulheres do palácio, o que demonstra que o autor do texto conhecia a vida destas mulheres amplamente. O fato de essa história ter sido mostrada através do olhar e da perspectiva de uma mulher foi inovador para a Literatura do período. Mas a forma como a vida das mulheres do palácio foi representada foi muito idealizada, especialmente a forma como o grande príncipe Anp'yong<sup>16</sup> – uma figura histórica real, terceiro filho do rei Sejong, que já não era mais vivo no período em que a narrativa foi escrita – permitia que as dez mulheres dedicassem suas vidas ao estudo. Mencionar que o príncipe foi forçado a cometer suicídio depois de ter sido exilado, por perder no conflito político com seu irmão, o Grande Príncipe Suyang, que posteriormente se tornou o Rei Sejo (조선 세조, 1455-1468), talvez tenha sido uma escolha justificável do autor, pois, para os leitores do período, a época em que o príncipe e o rei, seu pai, viveram foi marcada por intrigas políticas, embora tenha sido considerado um período pacífico, sem guerras. É verdade que as mulheres do palácio tinham acesso à educação, mas não viviam como estudiosas, intelectuais, não tinham tempo para debater poesias, por exemplo. Mais propriamente, elas trabalhavam longas horas e tinham obrigações específicas (PETTID, 2009).

Historicamente, é possível encontrar relatos de mulheres palacianas que tiveram casos de amor com homens de fora do palácio, especialmente, homens de alto status, quebrando as regras de que estas deveriam permanecer solitárias e dedicadas apenas às suas obrigações.

---

<sup>15</sup> Para mais discussões sobre a possível autoria do romance, ler: “*Unyong-jon ui munje*” (KYUBOK, p. 115-124) e “*Unyong-jon-e nat'anan yosong sosulja ui uiui*” (KYONGMI p. 35).

<sup>16</sup> (安平大君) Grand Prince Anp'yong, 1418-1450.

Outra característica interessante do enredo é que, na maioria das histórias escritas por autores homens, de maneira geral, há rivalidade entre as mulheres, seja pelo amor de um homem ou motivos banais. Contudo, em *Unyeong-jon*, destacam-se a amizade e a camaradagem entre as mulheres do palácio, embora também haja momentos de discórdia. As mulheres palacianas viviam em profunda solidão, e o leitor consegue ter acesso aos seus pensamentos íntimos, às narrativas de suas vidas. Algumas dessas mulheres, que viviam em confinamento físico e psíquico, apesar de privadas de relacionamento romântico, às vezes, eram selecionadas como parceiras sexuais de seus mestres e tinham seu status elevado. Todavia, isso não era tão comum, devido ao grande número de mulheres que trabalhavam no palácio. Além do mais, o simples ato sexual com os seus mestres não implicava uma satisfação física ou emocional para essas celibatas. As dificuldades emocionais e físicas destas mulheres eram amplas, e há relatos de algumas que tinham relações com outras mulheres do palácio. Existe um termo para descrever o sentimento de amargura das mulheres do palácio: *yowon* (rancor de uma mulher), sentimento que parece provir do sentimento de solidão, pois não havia uma realização emocional para estas mulheres que entravam muito cedo no palácio e tinham de ver sua juventude passar de uma maneira injusta (PETTID, 2009).

A narrativa se inicia com um mecanismo literário comum em textos pré-modernos coreanos e leste-asiáticos, conhecido como *dream record* (registro de sonho, *K. mongyu-rok*, *C. mengliu-lu*). Neste gênero, o texto se desdobra a partir de um narrador fantasma que reconta a história do passado a um indivíduo do presente, ou a um sujeito deste mundo que viaja para o outro através do sonho. Este recurso era popular no início da ficção coreana, pois permitia que os autores expandissem as limitações do mundo mundano, como visto comumente em narrativas que retratavam o extraordinário/ sobrenatural (*tales of wonder*, *chong'gi*) do início ao meio do período Joseon (조선). Este artifício também funcionava como uma ferramenta para crítica social, que se tornaria, futuramente, o uso mais comum deste gênero. Era possível que estes fantasmas, na ficção, refletissem um desejo de auxiliar as relações humanas, restaurando a justiça e a ordem moral. Mas havia fantasmas que, por motivos mais pessoais, permaneciam entre os vivos para cumprir algo inacabado, como visto na análise da narrativa de Kim Sisup, *Looking Over the Wall: the Tale of Yi Saeng*, onde Choe retornou dos mortos para ficar por um tempo com seu amado, expressando a noção de que entidades fantasmagóricas podem revogar injustiças, sejam elas de ordens políticas ou individuais. Portanto, uma função dos fantasmas e do *dream record* é a de revelar as inadequações dos sistemas de governo e os valores sociais que contribuíram para mortes

injustas. O fato de estes fantasmas terem morrido há algum tempo é também uma linha de defesa para os autores, já que isto significa que os fantasmas estão criticando uma época anterior e não a atual. Apesar disso, as narrativas ficcionais de fantasmas não são simplesmente uma crítica social. Mais do que diatribes subversivos de sistemas hegemônicos, essas narrativas também revelavam como os autores, e talvez também os leitores, enxergavam o outro mundo. A ideia de os mortos falarem com os vivos é profundamente incorporada na pré-modernidade coreana, por meio de práticas de rituais de Xamanismo, onde espíritos falam através de um Xamã (PETTID, 2009).

Considerando que o Confucionismo se utilizava muito da educação para reafirmar seus princípios na sociedade, Unyeong-jon, diferente de muitos outros textos literários da época em que características, como a lealdade e fidelidade de mulheres a seus maridos, eram enaltecidas, traz o oposto em seu enredo, em que o tema central é o de uma mulher que luta para ter a sua liberdade, em especial, a liberdade de amar a pessoa escolhida por ela. Para os leitores contemporâneos, essa pode parecer uma simples escolha, mas, antigamente, muitas mulheres foram punidas por isso, sofrendo a pena de morte. Unyeong<sup>17</sup> não vê o seu caso de amor como algo que deva ser considerado errado, e se recusa a ser apenas uma posse do príncipe Anp`yong.

Apesar de ter sido escrito na época do domínio social confucionista, o texto apresenta o estilo de poesia denominado como Tang, imbuído de emoções e experiências da vida cotidiana, expressando emoções humanas básicas como o amor, este sentimento que, por longo tempo, havia sido suprimido pelos poetas do estilo Song. A exploração dos desejos humanos como o amor resulta em ceticismo no sistema social confucionista manifestado em Unyeong-jon. Chong Hwan`guk defendeu que este ceticismo em Unyeong-jon é um resultado do florescimento do estilo de poesia Tang, que afirmava a natureza básica humana e seus desejos, e da filosofia Wang Yan-mini, que também corroborava as emoções humanas. As formas literárias presentes em Unyeong-jon refletem as mudanças sociais vivenciadas no tumultuado período após as invasões japonesas (1592-1598), por volta das invasões de Manchu (1627, 1636) (PETTID, 2009). Isso implica dizer que a própria China, de onde a Coreia retirou e assimilou a ideologia confucionista, também era fonte de outras temáticas, como a amorosa, que é possível perceber nas diversas lendas chinesas<sup>18</sup> citadas em narrativas

---

<sup>17</sup> A revolta de Unyong não se estendia apenas a não poder amar livremente, mas a de viver sempre presa em um palácio sem gozar de nenhum tipo de liberdade. Mais ao fim da narrativa, ela se arrepende de seus atos apenas por ter posto as companheiras também em perigo.

<sup>18</sup> A exemplo, a famosa história chinesa *The Butterfly Lovers* (梁山伯與祝英台), ou mesmo *The Cowherd and the Weaver Girl* (牛郎織女), ambas amplamente conhecidas na China até os dias presentes.

coreanas, onde há a presença do amor entre homem e mulher, mesmo no período de ascensão confucionista, quando esse sentimento era mal visto e reprimido.

Um indício da perspectiva passional que Kim tinha da vida é revelada no seu debate com Anp'yong sobre os mestres poetas chineses. Kim considera a poesia de Du Fu muito convencional, e não passional o suficiente para descrever adequadamente as emoções humanas. Curiosamente, embora Anp'yong reconhecesse a veracidade do comentário feito por Kim, ele não considerava o jovem acadêmico como um “homem” e, desta forma, não percebia o interesse entre Kim e Unyong (PETTID e CHA, 2009).

Portanto, apesar de Unyeong-jon ter sido uma narrativa de sucesso, pode-se dizer que parece ter alcançado uma popularidade especial entre o público feminino. Com personagens realísticos e multifacetados, em que se podem encontrar amor, paixão e autonomia; o que claramente afetava o público que não tinha essas experiências em suas vidas, reafirmando a importância dessas emoções na vida dos que as tinham. Certamente, nem todos os leitores devem ter se comovido nem se identificado com a protagonista, Unyeong, mas muitas mulheres possivelmente sentiram grande empatia pela situação da personagem principal. Esta narrativa reafirma o valor das vidas das mulheres leitoras da última metade da dinastia Joseon, bem como a sua auto-valorização. Uma voz tão forte como a da protagonista feminina deve ter ecoado nos leitores e despertado o seu senso de agência individual, oposto ao sistema social que desvalorizava as mulheres e as suas importâncias como seres humanos. Pode-se imaginar que, apesar de as leitoras não terem se rebelado escancaradamente e em público contra o sistema social repressivo, essas mulheres devem ter experimentado um sentimento de capacitação e autonomia em sua vidas, talvez buscando um lugar para ação pessoal e controle (PETTID, 2009). Ou talvez, a própria leitura de romances possa ser considerada como uma forma de rebelião e de encontrar sua própria liberdade, mesmo que dentro da ficção. Apesar de não terem feito uma rebelião física, a ação de ler textos cujo enredo é protagonizado por mulheres fortes e ativas possivelmente tenha sido uma forma de rebelião e fortalecimento. Nesse sentido, é possível caracterizar o ato de ler como uma rebelião psíquica.

Antes de Unyong começar a contar a sua história de amor para o acadêmico Yu, ele descreve os amantes como jovens, e descreve-a como possuidora de uma beleza inigualável. Este detalhe é importante, pois os protagonistas da narrativa não são apenas belos, mas Kim, chamado por todos de Kim chinsa, por ter passado no exame principal do Estado com apenas quatorze anos, também é muito inteligente e se destaca a ponto de chamar a atenção do príncipe Anp'yong, que é o catalizador do seu encontro com Unyong. Mas, neste momento,

Kim faz uma ressalva a Yu, ele lhe diz que, por causa do destino (운명) entre ele e sua amada, o seu corpo, legado por seus pais, tornou-se não filial, ou seja, isto talvez ateste o fato de ele, como grande estudioso e entendedor da norma social vigente da época, o Confucionismo, ter traído os seus pais, a quem, segundo essa ideologia, ele devia respeito e gratidão. Por este motivo, afloram sentimentos como vergonha e repreensão, e ele não revela seu primeiro nome a Yu, apenas o seu sobrenome (o nome de sua família), Kim. O conhecimento de que suas ações foram erradas e causadoras de sofrimento, em contrapartida, reforça a intensidade do sentimento entre ele e Unyong, já que este amor é forte o bastante, a ponto de ir contra a razão e vencer a consciência de Kim.

Segundo Kil Cha e Michael J. Pettid, Kim enxerga-se como uma falha em termos da expectativa social para um homem do seu status, o que se justifica pela maneira como ele se apresenta logo no início da narrativa. A visão de mundo de Kim é influenciada fortemente pela ética confucionista, na qual ele por muito tempo foi imerso. O leitor pode perceber a repulsa, pelo menos em níveis morais, por ele ter se envolvido em um caso que fez com que ele infringisse os mais sagrados dos três vínculos, o da piedade filial. Contudo, no desenrolar da narrativa, fica claro que Kim amou profundamente, e continua a amar, Unyong. Ele entra voluntariamente em um relacionamento com ela e afirma os seus sentimentos, por meio de palavras escritas e pronunciadas. A primeira carta escrita por ele representa bem a intensidade das suas emoções. No entanto, em retrospectiva, Kim parece culpar Unyong pelo caso dos dois. Por esta razão, Kim Kyongmi argumenta que somente Unyong tinha amor verdadeiro na narrativa, demonstrado pelo seu amor inabalável por Kim. Embora eu concorde que Unyong é a personagem que não oscila em seu amor na narrativa, é interessante assinalar que Kim é quem desiste de viver depois da morte de Unyong, aparentemente morrendo por ter seu coração partido (PETTID e CHA, 2009). Parece-me justo, como apontado por Kil Cha e Michael J. Pettid, afirmar que Kim também amava verdadeiramente Unyong. Afinal, o amor verdadeiro não precisa seguir uma linha reta, a própria narrativa tende a testar os amantes de diversas formas. A incerteza que rodeia Kim, em alguns momentos, parece ser coerente com a sua educação e formação na ética confucionista, ademais, ele não era qualquer acadêmico, mas sim o mais talentoso e jovem dentre os outros da mesma posição social. A prova do verdadeiro amor e da força deste sentimento é Kim ir contra a sua consciência e discernimento para ficar com Unyong. Ele põe em risco não apenas a sua posição social, o reconhecimento e a confiança do príncipe, como também a sua própria vida. Vale ressaltar que a hierarquia das cinco relações entre pessoas segundo preceitos confucionista deveria

ocorrer na seguinte forma de grandeza: soberano e súdito; pai e filho; marido e esposa; ancião e jovem; e amigo e amigo. Apesar dos sentimentos de dúvida e receio que o cercaram no decorrer da história de amor entre os dois, esses nunca foram suficientes para impossibilitar as suas ações sempre em favor do amor compartilhado pelos dois. Este sentimento forte e profundo leva-o a decidir não querer mais viver em um mundo onde sua amada não mais existe.

A protagonista também revela grande tristeza antes de começar a contar a história de sua vida. Ela diz que, mesmo tempos depois, ainda encharca o seu lenço de lágrimas. A história do amor entre os dois, segundo a protagonista, é triste. E Kim também parece concordar com ela, visto que, no começo, ambos estavam a se olhar e chorar.

Unyong havia sido escolhida pelo príncipe dentro de todas as mulheres do palácio, apenas dez foram selecionadas por ele, com o critério de ser jovem e ter rosto bonito. O príncipe as escolhe, pois resolve conceder às dez selecionadas a função e o direito de estudar os clássicos, assim como os homens intelectuais da época. Na trama, ele questiona se o talento desce dos céus, porque os homens o têm em abundância, e as mulheres não, e nota também que, apesar da grande quantidade de homens acadêmicos, nenhum se destaca. Por isso, as mulheres selecionadas deveriam estudar (neste momento, na história, ele ainda não havia conhecido Kim Chinsa, que logo vai ser considerado por ele como muito competente e obterá posição de destaque). Esta atitude, apesar de ter sido tomada pela figura histórica do príncipe Anp`yon, é claramente ficcional e vai contra a ideologia confucionista da época, o que pode ser uma crítica social feita pelo autor.

Apesar de essas mulheres palacianas terem sido privilegiadas, recebendo uma educação letrada, aprendendo desde o alfabeto coreano aos clássicos confucionista, elas não se dedicavam exclusivamente, nem de maneira tão profunda, a isso. Cada mulher do palácio possuía uma tarefa específica, que tinha de cumprir acima de todas as coisas. Ainda assim, essas poucas mulheres a receber uma educação formal na época foram responsáveis por uma grande produção literária. Prosas longas como *Kyech`uk ilgi* (Diary of the year kyech`uk, 1613) e *Inhyon wanghu-jon* (The tale of Queen Inhyon) são exemplos de produções cujas autorias são atribuídas a mulheres do palácio (PETTID, 2009).

Desse momento em diante, as mulheres passaram a viver para estudar, fazer companhia e, constantemente, ter suas habilidades e seus conhecimentos testados pelo príncipe, que incentivava a rivalidade entre elas, presenteando aquelas que se destacavam. Em muitos dos testes impostos por ele, Anp`yong ordenava que as mulheres compusessem poesias, e como já visto na época Joseon, a poesia era tida como “os olhos da alma”, ou seja,

reveladora dos sentimentos mais profundos de um indivíduo. Pode-se inferir que esta também era uma maneira de o príncipe controlar e vigiar suas servas, uma maneira de controlar a subjetividade das moças. Apesar de ter tempo para se dedicar ao estudo e, possivelmente, alcançar melhor status não apenas social, mas intelectualmente, essas mulheres tinham uma vida restrita. Apesar de viver em luxo, essas mulheres eram prisioneiras, objetificadas como entretenimento do príncipe. Na narrativa, o príncipe parecia se importar muito com elas, mantendo-as dentro do complexo palaciano, sem lhes conceder sequer uma conversa com alguém de fora do palácio. O príncipe não permitia nem mesmo que os intelectuais, que ele reunia para debates de poesia e literatura, soubessem da existência das dez mulheres especialmente treinadas, nem que elas se aproximassem da área onde estes encontros aconteciam habitualmente. E impôs o comando de que seria considerado crime se alguma delas fosse além dos portões do palácio, cuja punição seria a pena de morte. E se um estranho soubesse o nome de alguma delas, que por este delito elas também seriam sentenciadas à morte, demonstrando, assim, não apenas a rigidez e a censura das normas impostas pelo príncipe, como também o grande isolamento dessas mulheres.

Em um desses momentos em que o príncipe pede para que as mulheres componham estrofes de poesia, ele suspeita de que Unyong esteja apaixonada por algum homem, por causa da menção à lenda chinesa da dinastia Zhou (1027 BCE - 771 BCE), que também possui versão coreana, *The Weaver Girl and the Shepherd Boy*. Nesta trama, a filha do imperador de Jade e um pastor que vivia do outro lado da Via Láctea se encontram e se apaixonam, e, daquele momento em diante, ambos negligenciam os seus deveres; então o Imperador os proíbe de se encontrarem, mas sente pena dos dois e decide lhes permitir que se encontrem uma vez ao ano, no sétimo dia do sétimo mês lunar. Unyong também cita a montanha famosa da China, Musan (C. Wushan), que aparecia com frequência em poesias e normalmente indicava uma relação sexual entre um homem e uma mulher. Dizia-se que a montanha era moradia de fadas celestiais. A chuva, as nuvens e a própria montanha eram associadas à lenda previamente mencionada. E esta menção aparece também na história de Yi Saeng, retratando o prazer das nuvens e da chuva; as nuvens citadas por Unyong são uma metáfora do seu desejo (PETTID, 2009).

Durante a narrativa, a partir do comentário das mulheres companheiras de Unyong, é possível inferir que há o interesse da protagonista em elevar o seu status ao de concubina do príncipe Anp'yong. No entanto, isso não é verdade. Apesar de tecer comentários favoráveis e fazer elogios ao príncipe, Unyong não nutria sentimentos de amor por ele como os que ela expôs na poesia, a qual, segundo ele, indicava vívida solidão e um anseio por seu amante. O

príncipe suspeitava que existia um outro homem nos pensamentos de Unyong. Ele, no entanto, por reconhecer o talento e a qualidade do poema, decide não questionar mais a criada, mas a adverte para que ela não repetisse o suposto ato.

Depois de retornarem aos seus quartos, Unyong, arrependida, é questionada por Sook se ela estava preocupada porque o príncipe desconfiou dela, ou por que, na verdade, ela estava satisfeita por ter compartilhado secretamente um amor com ele. Este ato de desconfiança, que depois é esvanecido por Unyong, do possível favorecimento através de um relacionamento secreto com o príncipe, demonstra que havia um sentimento de competição e desconfiança entre as mulheres do palácio, apesar de estas estarem confinadas e terem de seguir as mesmas regras rígidas.

Em um dos seus frequentes encontros com outros homens das Letras, o príncipe mostra os poemas secretamente compostos pelas dez mulheres bem instruídas e talentosas do palácio, com o pretexto de que um garoto servo do palácio os encontrou nas ruas. Estas composições receberam os mais altos elogios, e muitos do grupo começaram a desconfiar. Um deles questiona o príncipe se ele não estava escondendo algo. Anp'yong, apesar de satisfeito e comovido com a repercussão positiva dos poemas, afirma não existir motivo para suspeitas e não revela a existência das dez mulheres autoras dos poemas. Esta atitude do príncipe, supostamente indicadora de cuidado com as moças, parece extremamente egoísta e possessiva, pois tinha o intuito de garantir a exclusividade de desfrutar a companhia das mulheres só para si.

Nessa mesma noite, Charan fala com Unyong de maneira muito sincera e a questiona se ela possuía um amante, pois, a cada dia que se passava, o semblante da moça tornava-se mais abatido. Diz, ainda, estar realmente preocupada com a saúde de Unyong e insiste para que ela compartilhe o que tanto a preocupava e consumia. Esse momento demonstra o quão grande era o sofrimento de Unyong, tanto que estava começando a se manifestar fisicamente, além do seu emocional. Charan utiliza-se do argumento de que, embora elas tivessem nascido mulheres, seus pais gostariam de que elas tivessem famílias. Tal menção de Charan justificava-se por ambas estarem fadadas ao destino de terem sido selecionadas para se tornarem serviçais do palácio. Algumas meninas de famílias plebeias, desde muito novas, eram selecionadas, mesmo contra o desejo de suas famílias, para servir no palácio.

Esse posicionamento negativo dos pais das meninas selecionadas justifica-se pelo fato de elas não poderem se casar, passando a viver confinadas no palácio (umas com mais restrições do que outras). Mesmo assim, as suas famílias permaneciam responsáveis por suas filhas e tinham de fornecer bens e roupas para a cerimônia que marcava a idade adulta, que

aconteciam por volta dos vinte anos das moças. Além disso, se elas adoecessem gravemente, eram mandadas de volta para a sua terra natal, já que não era admissível que as mulheres ficassem seriamente doentes ou morressem no palácio real. Então, muitas famílias relutavam contra a ideia de ter suas filhas escolhidas como mulheres do palácio, logo arranjavam casamentos como uma estratégia de impedir que estas fossem levadas para servir a família real. Esta relutância das famílias de classes inferiores é notada em um decreto do Rei Hyojong (R. 1649 - 1659), no qual declarava que, a partir daquele momento, todas as mulheres de palácio deveriam ser selecionadas nas diversas famílias, para funções oficiais. Já no reinado de Yongjo (1724-1776), esta prática foi codificada no Sok taejon (Supplement to the national code; Suplemento do código nacional), em que a escolha de plebeias como mulheres do palácio se tornou proibida (PETTID, 2009).

Unyong, apesar de ter mantido segredo até aquele momento por medo de fofocas e do que poderia acontecer se o príncipe descobrisse que ela de fato estava apaixonada, confiante na amizade entre as duas, revela a Charan o dia em que viu Kim pela primeira vez, e se apaixonou por ele à primeira vista. O dia em que Kim foi ao palácio e solicitou uma audiência com o príncipe, as dez moças estavam a fazê-lo companhia, contudo, diferente de todas as outras vezes, o príncipe não as escondeu como de costume. A descrição que Unyong faz de Kim a Charan parece indicar que ela se apaixonou por ele desde o momento em que o viu pela primeira vez: ele parecia um pássaro abrindo suas asas, sua expressão facial parecia a de um ser divino. Ela também relata que o príncipe logo ficou interessado no jovem intelectual. Anp'yong, no entanto, testa-o, fazendo-o criar alguns poemas, com o intuito de julgar se o rapaz fazia jus à sua fama.

Quando Kim entra para ver o príncipe, as mulheres já estavam lá, e como ele já as tinha visto, e o príncipe parecia confiar no jovem rapaz, ele não ordena que as mulheres retornem aos quartos. E apesar de ela já ter visto Kim, essa exceção concedida pelo príncipe permitiu com que Kim e Unyong ficassem por algum tempo lado a lado. Unyong segurava a tinta do pincel, para que Kim escrevesse seus belos versos, e ela diz a Charan o que parece ser a confissão do seu amor à primeira vista por Kim: “[e]u era apenas uma jovem mulher naquele tempo. Quando eu olhava para o chinsa por apenas um momento, eu me sentia tonta e meu coração batia forte. Enquanto o chinsa olhava para mim, ele sorria e, com frequência, olhava-me atentamente. O Grande Príncipe elogiou muito o jovem acadêmico e lhe disse que o seu talento não era deste mundo, e que não foi por acaso que os céus fizeram que ele tivesse nascido na dinastia Joseon. Aqui, parece que o príncipe estava implicando que os dois estavam destinados a se encontrarem, já que nasceram e viviam no mesmo período.

A moça relata que enquanto o príncipe ordenava mais uma vez que Kim mostrasse sua caligrafia, que o pincel graciosamente produzia uma linda escrita nas mãos do chinês, uma gota de tinta respingou no dedo de Unyong, que achou aquilo honorável e não removeu a mancha. Demonstrando que não apenas o príncipe, mas Unyong também admirava o talento do jovem homem. E ela diz a sua companheira do palácio: a partir daquele momento, embora eu me deitasse eu não podia dormir, meu coração estava tão atormentado que eu não conseguia comer nenhuma das refeições, e eu não mais sabia se as minhas roupas estavam me mantendo aquecida. Unyong sentia um amor tão grande pelo chinês que não era capaz de cuidar de si própria e realizar tarefas básicas que mantinham sua saúde e bem estar como comer e se agasalhar, ela não podia esquecer Kim e ansiava por reencontrar o seu amado. Este marca o primeiro encontro do par, mas neste apesar de Unyong ter se apaixonado por Kim, ela não teve como confirmar se ele sentia o mesmo por ela. Apesar dos olhares que ele lançava à moça, ambos não ficam a sós, e Unyong segue a pensar no amado e inquieta-se com a dúvida dele corresponder os seus sentimentos.

O príncipe, que havia se afeiçoado e admirava o talentoso intelectual, continuou a encontrar o rapaz frequentemente, mas Unyong e Kim não mais se viram. Unyong começou a espiar por entre a fresta da porta para vê-lo, e um dia escreveu em um papel um poema, no qual o compara a um ser divino e questiona: por que não há destino (para nós) embaixo da lua? Essa é uma referência ao destino de amor entre um homem e uma mulher controlado pelo Old Man Beneath the Moon (Wolha noin, 월하노인, o Velho Homem Embaixo da Lua), o uso nesta estrofe indica o desejo de Unyong por Kim (PETTID, 2009). Esta menção ao destino que une os casais já foi vista semelhantemente na história de Yi Saeng. Ela pode ser usada tanto para indicar o destino feliz que faz com que os casais fiquem juntos, ou para o destino triste, no caso de Unyong, que não podia se encontrar com o amado, marcando, assim, um amor proibido e, até o momento, ainda não se firmava como recíproco.

Em um dos encontros do príncipe com os homens da letras, Kim foi especialmente convocado por Anp'yong e teve seus talentos mais uma vez reconhecidos por todos, desta vez, no entanto, ele comparece com a ajuda de um servo, pois estava doente. No tardar da noite, enquanto todos estavam bêbados, Unyong faz um furo na parede, e Kim sabendo o que ela pretendia, senta em frente ao lugar, e ela lhe entrega a carta pelo buraco. Ele a recebe e vai direto para casa. Ao ler o conteúdo da carta, ele fica muito triste e mal pode conter as suas emoções. Segundo descrição de Unyong, “parece que o seu desejo por mim era maior do que nunca, e se tornou difícil simplesmente sobreviver. Neste trecho, evidencia-se o momento em

que Unyong certifica-se de que os sentimentos de Kim por ela eram mútuos, mas, apesar de ele ter logo escrito uma resposta para a carta, há um segundo impedimento entre o casal, não havia como a carta ser entregue. Já que os dois nutriam um amor proibido, Kim preocupa-se e permanece sozinho com suas lamentações.

Um dia, no entanto, ele ouve falar de uma jovem famosa e bonita xamã, que tinha acesso ao palácio por ter ganhado a confiança da realeza, por suas habilidades sobrenaturais. Em princípio, ela pensa que Kim tinha ido à sua procura por desejá-la, isso se dá pois ele vai ao encontro da xamã diversas vezes, sem conseguir dizer a ela o motivo da sua visita. E finalmente a xamã utiliza seus poderes sobrenaturais, como sugerido pelo jovem, para descobrir o motivo das visitas. Isto mostra não somente que Kim estava muito receoso, pois sabia que suas ações iam contra as normas e, se descobertas, poderiam levá-lo à morte, como também parece mostrar que ele não era muito corajoso. Apesar do receio que ele sentia, mesmo depois de a xamã ter usado seus poderes, ter ressaltado a dificuldade do desejo do chinês, criticado os métodos do jovem e alertado que o amor entre os dois terminaria em tragédia, esse momento é importante, pois marca não somente a cautela, o medo, mas também, conscientemente, ele passa a saber que estava indo contra as normas, e que o romance entre os dois não poderia terminar bem. Agora, há também a certeza vinda do mundo espiritual através da xamã, que lhe fala não apenas que o desejo sentido por Unyong era errado e não daria certo, como também acrescenta que este terminará em tragédia com a morte de Kim dentro de três anos.

Kim, apesar de ter relutado e hesitado até mesmo para atos menores, como o de pedir para que a xamã entregasse a carta à sua amada, quando ouve que o amor que ele sentia por Unyong o levaria à morte, mesmo apreensivo e aparentemente com medo, demonstra que o seu amor era intenso o suficiente para fazê-lo aceitar o destino trágico que o esperava, caso ele continuasse a ansiar pela dama. Em meio ao choro e à gratidão expressa, ele diz à xamã: “[m]esmo que você não dissesse nada, eu já sabia de tudo. No entanto, a tristeza dentro do meu coração não pode ser tratada por nenhum tipo de remédio. Se, através de você, eu puder conduzir esta carta para ela, até mesmo a morte será gloriosa”. Kim sabia das consequências dos seus atos, talvez melhor do que qualquer pessoa comum, já que, além de ser acadêmico, versado nos clássicos e obediente às normas sociais da época, predominantemente confucionista, ele também se destacava por ser muito esperto e talentoso. Kim também sabia que a história de amor entre os dois teria um fim trágico, agora assegurado pela xamã. No entanto, ele deseja prosseguir, mesmo que a carta corresse o risco de ser interceptada. Para ele corresponder aos sentimentos de Unyong e dizê-la o que sentia por ela era equitativamente

importante, o que parece ser a força catalisadora para que ele prossiga com o amor secreto entre os dois, já que ele afirma não conseguir esquecê-la.

A lógica por trás de uma decisão que vai contra a própria vida do rapaz é a de que não havia outro desfecho para a história de amor entre os dois senão o trágico, justificando o sofrimento de ambos apaixonados. Se Kim continuasse sem a sua amada, ele morreria por tristeza profunda, lovesickness, já que o amor não concretizado consumiria o seu corpo. Então, se fosse para morrer, que essa morte ocorresse depois de desfrutar da paixão. Seria melhor do que apenas morrer sem tê-la experimentado.

A carta escrita pelo chinês parece sugerir que ele também se interessou por Unyong à primeira vista: “[...] no momento em que, em um olhar, o nosso destino (relacionamento) se firmou, o meu coração tornou-se inquieto”<sup>19</sup>. Além disso, ele também descreve que passou pelo mesmo tormento, pelos sentimentos que tinha por Unyong, tormento este tão grande que também se manifestou de maneira a afetar o seu corpo físico. Kim diz que, todas as vezes que ele olhava para o lado oeste do palácio (onde Unyong vivia confinada), sentia uma grande dor. Ele também elogia a carta escrita pela amada e diz que, desde aquele momento, não conseguia dormir nem comer, mesmo que tentasse. Ele também pede piedade e ajuda aos céus, prometendo que se, um dia, o seu sofrimento for aliviado, não haverá nada que ele não possa fazer para retribuir (If ever, once in my life, my sorrow is relieved, I will purposely grind my body and make powder of my bones, and present rites to the myriad spirits in this world under heaven / 하느님께서 불쌍히 여겨 주시고 신께서 도와 주시와 혹 생전에 한번이라도 이 원한을 풀어 주게 하신다면, 마땅히 몸을 부수고 뼈를 갈아서라도 천지신명의 영전에 제를 지내겠습니다). Essa invocação aos céus demonstra o quão profundo era o seu sentimento, a ponto de estar disposto a passar voluntariamente pelo maior dos sofrimentos se sua dor fosse aliviada, bem como o seu desespero. Ao fim da carta, que termina com um poema composto por ele, expressa a sua profunda tristeza, também parecendo demonstrar que Kim não sabia não apenas mais o que dizer à sua amada, como também não sabia o que fazer.

Com sorte, a carta chega às mãos de Unyong. Contudo, a partir do momento em que ela lê as palavras de seu amado, estas só fazem que ela pense nele ainda mais. Como eu não podia me esconder através das minhas palavras, nem da minha aparência, era justificável que

---

<sup>19</sup> *From the time we bound our destiny with one look, my heart has grown restless / 한번 눈으로 인연을 맺은 후부터마음은 들뜨고 뉘이 나가).*

o Grande Príncipe desconfiasse de mim. As mulheres do palácio eram separadas em dois grupos, a mando de A'pyong, com a justificativa de que assim seria mais cômodo para que elas estudassem. Esta separação, que é feita por ele, dificulta o encontro entre Unyong e Kim, pois além de as dez moças não poderem se comunicar tão livremente, elas também se afastaram em termos de relacionamento, tornando o plano de Charan (para que os amantes se encontrassem) mais difícil de ser aprovado por todas. Neste momento, percebe-se que, apesar das intrigas e dos desentendimentos, havia também a cumplicidade e a compaixão entre as moças, por compartilharem do cruel destino de confinamento e solidão dentro do palácio.

No entanto, uma questão importante levantada pelas companheiras de clausura de Unyong, em especial por Kumnyon, é a de que, dentre todas, Unyong tinha o carinho especial e a atenção do príncipe, já que ela era a mais bela dentre as moças, e assim foi desde a sua chegada ao palácio. Assim como o príncipe, a mulher do príncipe também parecia considerá-la favorita entre as outras. Por conta de tal beleza, Kumnyon prediz que, assim que elas saírem do palácio e um jovem homem avistá-la, inevitavelmente, este irá perder a sanidade. E mesmo que não se aproximem um do outro, apontar ou mesmo olhar-se já caracterizaria um ato vergonhoso e desrespeitoso, especialmente por ser de conhecimento dessas mulheres o quão severas eram as restrições impostas pelo príncipe. Este comandou que se alguma delas fossem vistas fora dos muros do palácio, ou se alguém de fora soubesse seus nomes, esses seriam crimes punidos com a morte.

A fala de Charan, que muito apoiou Unyong, foi muito importante para fazer que todas fossem convencidas a ajudar os amantes a se encontrarem (nem todas concordavam com o encontro, e Sook dizia que não seria sentenciada à morte se Unyong fosse descoberta), ela também sumariza a tristeza que essas mulheres sentiam. É a primeira vez que isto é feito em um romance, por meio de uma voz e de uma perspectiva femininas, de maneira muito eloquente, demonstrando como essas mulheres sofriam com essas normas, trazendo à luz as agruras destas que, apenas por terem nascido mulheres, sofriam com sanções que as restringiam:

[...] while being confined resolutely in the deep palace like a bird in a bambo cage, I lament at the sound of a golden oriole's song and even at the [sight of a] green willow. Even worse, I feel so lonely to see swallows flying in pairs or dozing birds roosting face to face. Among the grasses, there are those that intertwine, and among trees, there are those that join roots (yolli). Even ignorant grasses and trees and lowly birds have the joy of innate yin and yang. What sin have the ten of us alone committed that we must be fettered to this isolated and lonely palace, while the spring flowers and autumn moon pass? Always pressed by false rules - why are we

destined to such a cruel fate? As once a person is old he or she can never again be young, think again, how can I not be sad! (UNYONG-JON, CHA and PETTID, 2009).

Essas mulheres representadas no romance, apesar de morarem confinadas em um palácio, não tinham vida luxuosa, ao contrário, viviam como prisioneiras, ansiavam por aliviar a solidão e não podiam fazer escolhas próprias sem a autorização de homens nobres. Na fala de Charan, fica claro que o autor do romance parecia entender que mulheres e homens, para se sentirem vivos e completos, necessitavam de alguém para compartilhar a vida. Isso chega a ser mencionado pela personagem, como visto na citação acima, não apenas o desejo de ser livre como o desejo de “[...] assim como as andorinhas que voam em pares [...] ou que dentre as árvores há aquelas que entrelaçam suas raízes (yolli – símbolo de profundo amor entre marido e mulher – mencionado no capítulo primeiro da dissertação) [...] Mesmo as incultas relvas e árvores e os humildes pássaros têm a alegria do inato yin e yang”. A menção ao yin e yang parece referir-se à completude, a um possível encontro de almas que todos os seres, mesmo os que não parecem racionalizar a vida, naturalmente vivem e conseguem encontrar, proporcionando um sentimento de completude e felicidade, que a estas moças haviam sido negados. Neste discurso proferido, faz-se presente a filosofia Taoista do Yin e Yang, como também a filosofia Budista, na qual Charan compara a vida de confinamento no palácio como uma punição por algum erro cometido na vida passada, e diz desejar e querer fazer de tudo para que a próxima vida não seja assim tão sofrida. O destino também é citado por ela, não havendo outra saída, e assim, impotentes, elas seguem com suas vidas confinadas e sofridas no palácio.

Por este motivo, depois de muita discussão e argumentação entre elas, e mesmo racionalmente concordando que apoiar Unyong não as traria nenhum benefício (ao contrário), resolveram apoiar o plano, para que o encontro secreto acontecesse, mesmo sabendo das consequências que cairiam sobre todas se os amantes fossem descobertos, mostrando a lealdade e o forte laço que existiam entre as moças confinadas, compadecidas com a companheira de isolamento que adoecera por tanto ansiar pelo seu amado. Pigyong diz que, se o plano arquitetado por elas não for concretizado, isso fará com que Unyong não apenas morra pelo sofrimento de não poder encontrar o seu amado, como também fará com que ela vá para o próximo mundo sem poder fechar os olhos depois da morte; o que sugere que ela temia que a moça se tornasse um espírito vagante (errante), incapaz de passar para o próximo mundo devido a uma amargura remanescente da vida que teve no mundo dos vivos. No

xamanismo, uma pessoa que morresse com este tipo de ressentimento causaria dificuldades e infortúnios para os vivos (PETTID, 2009).

Unyong esperou impacientemente o momento do encontro dos dois, e descreveu o quanto aguardou o dia em que ela e as suas companheiras deveriam lavar roupas fora dos muros do palácio: “Each day seemed like three years” (cada dia parecia três anos). Este segundo encontro do casal aconteceu na casa da xamã. Apesar de muito breve, foi o suficiente para que Unyong entregasse uma carta ao seu amado, pedindo-lhe que a esperasse, para que se reencontrassem ao anoitecer. “The two of us looked at each other, but could not speak even a word - only tears flowed down our faces. I gave him the letter saying, “In the evening, I will surely return; please, my dearest, wait here for me”. 둘이 서로 만나니 할말도 하지 못하고 다만 눈물을 흘릴 뿐이었지요. 제가 편지를 주면서, “저녁을 타서 꼭 돌아올 것이니 낭군님은 여기에서 기다려주옵소서”. Esse momento é significativo, pois, apesar do profundo sentimento compartilhado por ambos e do tanto que provavelmente gostariam de dizer, o encontro dos dois, além de furtivo, também tem de ser breve, no entanto, com tempo suficiente para que encontrassem, um nos olhos do outro, a reciprocidade e a intensidade do sentimento nutrido pelo dois. Unyong também se refere ao amado, chamando-o de maneira carinhosa e respeitosa: 낭군님, termo usado por mulheres casadas para se referirem aos seus maridos.

Na carta escrita por Unyong, ela descreve a mistura de tristeza e felicidade que sentiu ao ler a carta em que Kim confirmava a reciprocidade do sentimento dos dois. Por medo da possível interceptação das cartas, ela sofreu sem poder escrever ou encontrar o amante. E apesar de ter estado certa de que esse sofrimento iria levá-la à morte, ela não escondeu os seus sentimentos, também contando na carta todos os sofrimentos que teve de passar depois de, aos treze anos, ter sido convocada a servir no palácio e ter sido obrigada a deixar a sua família, a vida feliz e descomplicada que conhecia. E apesar de ter desejado muito retornar para casa, ela menciona sempre ter andado suja e desarrumada no palácio, que, contrariamente do planejado por ela, só fez com que fosse mais favorecida entre as outras jovens. A menção à vida na sua cidade natal é feliz, e a liberdade vivenciada antes por ela entra em choque com a presente vida de confinamento e restrições da jovem.

Ela também afirma que, apesar dos seus talentos para poesia e do seu conhecimento sobre os clássicos, por ser mulher, ela não podia esperar ascensão ou fama no mundo, portanto, permanecia reclusa no palácio apenas a servir o príncipe. Por fim, ela menciona que

nenhum dos poemas escritos pelos nobres que visitavam o príncipe haviam chamado a sua atenção, mas que, na última noite de outono, quando ela avista a face do amado pela primeira vez, imediatamente, percebe-o como especial, como um ser celeste, o que talvez indique um amor a primeira vista. E mais importante, ela revela que o encontro dos dois, embora breve e sem a oportunidade de trocar palavras, parecia ser uma relação predestinada de uma vida passada (숙세의 인연). Aparentemente, o conceito budista de vidas passadas justifica o encontro dos dois não ter sido meramente casual, sendo, portanto, inevitável e intenso. A carta termina com Unyong descrevendo o sofrimento de não poder ver o amado, apesar de encontrá-lo em seus sonhos. Ela se pergunta se ele também pensa nela e diz que o seu coração não teria descanso se eles não pudessem nem mesmo se reencontrar mais uma vez.

Ao cair da noite, Unyong retorna à casa da xamã, onde ela finalmente reencontra seu amado, que estava aos prantos à esperá-la. Ao vê-lo, Unyong lhe entrega o seu anel de ouro com uma pedra jade como maneira de recompensá-lo por ter lhe esperado, firmando, assim, o compromisso dos dois, assegurando a sinceridade dos seus sentimentos. Antes de retornar ao palácio, ela o aconselha a aproveitar o cair da noite para que, assim, eles pudessem completar o destino de amar três vezes (삼생에 있어서 미진한 인연을 거의 이룰 수 있을 것입니다): vida passada, vida presente, vida futura (전생, 현생, 내생).

Unyong retorna ao palácio e, nesse momento, não apenas as mulheres palacianas estão cientes do que está prestes a ocorrer, como firmado está o plano entre os amantes de se encontrarem às escondidas no palácio. Unyong avisa a Charan que espera a visita do seu amado senão naquele dia, com certeza, no próximo. Então ela não parece estar mais preocupada com o príncipe nem com o que as outras estão a pensar, mas sim, como demonstrar a sua hospitalidade ao chinsa quando ele vier. Esta é uma passagem onde, por um momento, a angústia presente na narrativa diminui, e Unyong pede ajuda à companheira, a qual mais a apoiou desde o começo. Charan, que também não tinha experiência com homens, aconselha Unyong a não se preocupar muito a respeito, pois, se ele não vier, não há nada mais que ela possa fazer a respeito, e, se o chinsa aparecer, não seria difícil tratá-lo bem.

Mas apesar da ansiedade e da preocupação de Unyeong em agradá-lo e recebê-lo de maneira apropriada, seu amado não apareceu naquela noite. Quando o chinsa se deparou com o muro que parecia tão alto e íngreme, ele retorna para casa e senta-se calado com uma expressão preocupada, pois pensa só ser possível ultrapassá-lo se possuísse asas. Este momento marca um outro obstáculo para o encontro do casal, desta vez físico, mas que deve

ser vencido com o auxílio de um bom plano. Neste momento da narrativa, um novo e importante personagem é introduzido, dentro dos escravizados que trabalhavam para o rapaz, existia um que é adjetivado como famoso por saber todo tipo de artimanhas e esquemas, chamado T'uk. Visto que o nobre mestre era extremamente dotado nos estudos dos clássicos e no que diz respeito a filosofias e ideias de cunho mais intelectual, o escravizado T'uk possui outro tipo de inteligência, uma mais furtiva e que não vinha do profícuo estudo dos clássicos, mas de sua vivência como escravizado. Tendo visto a expressão preocupada de seu mestre, T'uk questiona-o, e o chinsa, no auge do seu desespero, conta-lhe toda a situação e, prontamente, diz que irá elaborar um plano para esta missão.

T'uk, então, fabrica uma escada que era leve e dobrável, mas alta, e ensina seu mestre a usá-la. O chinsa pede para que o escravizado a teste no muro do jardim, e ela funciona. Na noite em que o mestre se dirigia ao palácio, T'uk lhe entregou botas feitas de couro e pelagem e ainda disse que, sem elas, seria difícil chegar ao palácio em segurança. Uma vez calçadas as botas, os passos do chinsa, ao tocar o chão, eram silenciosos, e assim conseguiu adentrar o palácio com sucesso. Ele ouve uma voz baixa ao fundo e se revela, pensando ser sua amada, porém, tratava-se de Charan. Ele diz ter vindo, pois, por ser jovem, não conseguiu vencer o seu desejo e, assim, arriscou a sua vida indo ao palácio e pedindo para que a moça não o denunciasse. Charan logo o acalma e diz que estavam a esperá-lo, conduzindo-o aos aposentos de Unyong, onde os três se sentam e desfrutam de aperitivos e licor. O chinsa, um pouco embriagado, diz “Quão longa é a noite!” (How deep is the night?/ 밤이 얼마나 길지요). Charan logo entende as palavras ditas por ele, fecha as cortinas, a porta, deixando-os a sós. E assim os amantes passam sua primeira de muitas noites juntos, onde assim que anoitecia o chinsa ia ao encontro de sua amada e com a alvorada ele se levantava e partia.

Neste momento da narrativa, Unyong diz que o amor dos dois se tornou mais profundo, e a afeição também se tornou mais forte, a ponto de não conseguir se controlar para que isso tivesse um fim. Aqui há a menção de dois tipos de sentimentos, o amor (사랑은 깊어 가고) e a afeição/ o carinho (정은 두터워져). Aparentemente, são sentimentos semelhantes, mas a afeição (정/情) é um sentimento que pode ser sentido não somente por amantes, como também, por exemplo, de pai para filho, ou pode continuar existindo mesmo para aqueles amantes que não estão mais juntos ou que talvez estejam juntos por muito tempo. Este é talvez um sentimento que demore mais para existir, e que não parece depender do

desejo, que, diferente da paixão, torna-se mais forte e maior com o tempo. (정은 들었다, grown attachment to someone, to feel affection towards someone). Este relato feito por Unyong nos faz entender que a relação dos amantes se tornou mais profunda, não somente porque eles compartilharam da mesma cama e se entregaram ao desejo, sobretudo porque, a cada encontro do casal, o laço entre os dois se tornou mais forte e profundo.

Por este motivo, eles já não estão apenas preocupados em saciar o seu desejo carnal, mas sim com a segurança de suas vidas. Um dia, o chinsa foi acometido por um sentimento de medo, pois ele temia o fim dos acontecimentos felizes e, certamente, uma posterior calamidade. Já havia sido também notado que, por causa da neve, havia traços de pegadas ao redor dos muros do palácio, o que deixara as moças preocupadas com o risco que os amantes estavam a correr. Um dia, sentado em sua casa e pensando a respeito da situação, T'uk entra e pergunta ao seu patrão quando ele irá recompensá-lo, este o responde dizendo que o que ele fez está impresso em seu coração e não será esquecido, e diz que logo irá recompensá-lo.

T'uk percebe novamente uma expressão de receio no rosto de seu mestre, e o questiona sobre o que há de errado. O chinsa diz que não poder ver a amada lhe causa uma grande dor, como uma doença que ataca profundamente o seu coração, mas que ele está ciente do grande crime que está cometendo e que, portanto, não há como não se preocupar. T'uk sugere, então, que o jovem fuja com sua amada secretamente. O chinsa aceita e, então, naquela mesma noite, conta a Unyong a ideia de T'uk, e lhe diz que o serviçal sempre foi muito engenhoso e criativo. Unyong também aceita o plano, e diz possuir muitos bens que foram dados a ela por seus pais com a vinda ao palácio, bem como havia também recebido do príncipe muitas coisas. Ela também diz que não pode simplesmente abandonar as coisas e fugir, mas que, por possuir muitos bens, não seria possível carregá-los nem com dez cavalos.

Chinsa, mais uma vez, pede ajuda a T'uk, que, com grande alegria, diz para seu mestre não se preocupar, pois ele possuía vinte conhecidos com grande força, saqueadores, que não haviam sido páreos para os oficiais do governo. T'uk diz que, por serem próximos, estes conhecidos iriam seguir as suas ordens; com tamanha força, seria possível transportar os bens de Unyong e, protegidos por estes saqueadores, ninguém seria capaz de roubá-los facilmente. O chinsa conta o resto do plano a Unyong que concorda. Todas as noites, durante sete dias, os bens foram transportados para fora do palácio. T'uk convence o mestre em não armazenar os bens em sua casa, pois isto poderia ser suspeito, em vez disto, ele lhe diz que irá cavar um buraco na montanha, enterrar os objetos preciosos e os proteger. Mas o chinsa adverte o servo e lhe diz que, se os bens se perderem, não apenas o escravo, mas o própria chinsa seriam

acusados de roubo e enfrentariam grandes dificuldades, portanto ele deveria protegê-los com grande cuidado. T'uk assegura-o de que ele não precisaria se preocupar, e que ele mesmo ficaria lá guardando os bens.

Nesse momento na narrativa, que é contada pela voz de Unyong, em primeira pessoa, ela revela ao leitor que a verdadeira intenção de T'uk era conduzir os amantes até a montanha, matar o chinsa e apossar-se do tesouro e dela. Unyong também diz que o seu amado não era mais do que um ingênuo intelectual e que não fazia ideia do real plano do seu servo.

O príncipe, que não estava satisfeito com os poemas escritos por outros acadêmicos para o novo pavilhão no palácio, convoca o chinsa para que ele componha o poema. Mais uma vez, o príncipe fica muito satisfeito com a perfeição do poema composto por ele, e muito o elogia.

Contudo, ao recitar o poema algumas vezes, uma das linhas provoca a desconfiança do príncipe, pois menciona um muro e uma canção. O chinsa percebe o desconforto e a desconfiança do príncipe, diz-lhe que o álcool deve tê-lo feito perder a razão, e retorna para casa. No dia seguinte, quando se encontra com Unyong, ele lhe avisa que seria melhor que eles fugissem naquela mesma noite, pois, de outra forma, com a desconfiança do príncipe, ele temia que logo ocorressem problemas.

No entanto, Unyong diz ao seu amado que, na noite anterior, ela havia tido um sonho que parecia indicar perigo e mal presságio, que a fez questionar o chinsa, o quanto ele achava que poderia confiar no seu servo, T'uk. O chinsa, então, diz que os sonhos têm muitas inverdades e que, por mais que o seu servo fosse originalmente traiçoeiro e vil, foi graças ao plano dele que os dois puderam ficar juntos e ter essa boa relação (좋은 인연); ele a assegura de que não há porque T'uk ser leal para, no fim, virar as costas para os amantes. Unyong resolve confiar no bom senso do seu amado, mas lhe diz que, antes de partirem, ela precisa dizer adeus a Charan, com quem ela tem um intenso laço e que é como sua irmã.

O sonho parece ser uma premonição, a qual indicava perigo, normalmente em narrativas coreanas, especialmente as clássicas, é possível ver os sonhos presentes tanto para indicar algo bom, como para algo ruim; mas os sonhos, especialmente antes de decisões relevantes, são tidos como sinais importantes e que devem ser devidamente respeitados e interpretados. Unyong tenta inclusive interpretá-lo quando compara a figura assustadora do chefe dos Huns, que aparece no seu sonho ao escravo T'uk, mas, apesar das suas suspeitas, ela confia mais no chinsa e mais do que tudo deseja estar com ele, mostrando, assim, que a escolha feita pelo dois é muito mais motivada pelo sentimento e desejo do que pela razão, na

verdade, parece existir aí uma supressão da razão; a qual, felizmente, vai ser retomada por Charan.

Sentam-se os três, e Unyong conta a Charan dos planos de fuga dos dois, ela fica muito surpresa e os repreende severamente. Primeiramente, ela questiona Unyong se ela pretendia trazer calamidade aos dois, por ter desfrutado de muitas noites de prazer com o amado, e lhe diz também que deveria ter sido suficiente que os dois tivessem desfrutado de um ou dois meses juntos, mas como seria possível? Só se eles considerassem escalar o muro e fugissem. Então ela lhes dá, racionalmente, quatro motivos para que eles não executassem o plano. O primeiro motivo é o fato de que o príncipe, durante muito tempo, tratou-a com maior favorecimento. O segundo é que a mulher do príncipe estava muito preocupada com ela e a amava muito. O terceiro motivo: a calamidade atingiria as famílias dos dois. E o quarto: se os dois fugissem, a culpa recairia sobre o palácio do Oeste. Charan ainda acrescenta que, se ambos fugissem, enquanto eles não estivessem no céu ou embaixo da terra, para onde eles poderiam fugir e se esconder? Além do mais, se capturados, o sofrimento não iria terminar neles. Ela também utiliza-se do sonho nada auspicioso tido pela amiga como argumento, e a indaga: mesmo que ela tivesse tido um sonho que indicasse um bom presságio, poderia fugir alegremente? Por fim, aconselha-a a racionalizar sua decisão e render o seu coração (마음을 굽히고 뜻을 누르고서 정절을 지켜 평안히 있으면서 천이를 듣는 것만 같음이 없겠다). Acrescenta, ainda, que manter a fidelidade e calmamente ouvir os céus é o melhor caminho. E lhe fornece uma outra opção para que os dois ficassem juntos, ela diz a Unyong que, quando ela for ficando mais velha, o amor e o favorecimento do príncipe irão minguar, então, se ela continuar na cama sob o pretexto de uma doença, o príncipe irá permitir sua volta para a sua cidade natal. Quando este momento chegar, você e o seu amado poderão partir de mãos dadas, para viver o resto de seus dias juntos (해로함|/ grow old together). Charan afirma que este é o melhor plano, e diz ter ficado surpresa que a amiga não tivesse pensado em um plano mais racional antes, e mais do que tudo, que ela pretendia enganar o Grande Príncipe. Naquele momento, o chinês percebe que ele não seria capaz de realizar seu plano e, com lágrimas nos olhos, partiu.

Um dia, olhando as azaleias que estavam a florescer, ordena que as moças componham versos, os quais foram posteriormente por ele elogiados. Mas, ele diz que, nos poemas de Unyong, ele consegue ver claramente que o coração da moça estava ansiando por alguém. Não apenas neste, mas em outros, e ele lhe pergunta quem é essa pessoa a quem ela

deseja? Rapidamente, lembra do poema escrito pelo acadêmico Kim, que também parecia se referir a uma pessoa amada, e lhe pergunta se não é a ele que ela também anseia. Ao ouvir as palavras do príncipe, Unyong imediatamente coloca o rosto no chão e lhe diz que, desde a primeira vez que ela levantou suspeitas do príncipe, ela merecia a morte, mas que, por não ter completado nem ao menos 30 anos e não ter reencontrado os seus pais, seria muito lamentável morrer, portanto, ela havia preservado a vida. Contudo, por ser a segunda vez que o príncipe desconfiava dela, agora, ela também não lastimaria mais. E lhe diz que, apesar de viver em clausura com as outras mulheres, ela é a única a receber este nome sujo do príncipe. Nesse contexto, então, viver não seria melhor do que morrer. Unyong amarra um lenço de seda em volta do seu pescoço à grade, mas Charan intercede pela amiga, dizendo ao príncipe que ele estaria a condenar uma pessoa inocente, e que, se assim fosse, ela nunca mais iria tocar em um pincel para escrever. O príncipe, apesar de furioso, em seu coração, também não desejava a morte de Unyong, e poupa a sua vida.

Depois dessa situação, Kim não poderia mais ir ao encontro da sua amada no palácio. Ele confina-se em sua casa e se deita doente em sua cama, onde as suas lágrimas encharcavam o seu travesseiro, a sua coberta, e a sua vida estava por um fio. Ao vê-lo sofrendo por sua amada (상심하여/ grieve), T'uk lhe aconselha a não jogar o seu precioso corpo fora, sugerindo ir ao palácio à noite e raptá-la para Kim. Ele, no entanto, diz a T'uk que este é um plano muito perigoso, e que ele prefere ir pessoalmente encontrá-la e pedi-la sinceramente. Naquela noite, ele vai ao encontro da amada no palácio, mas Unyong estava tão doente que não conseguia se levantar, pedindo a Charan que recebesse o chinsa. Unyeong entrega uma carta ao amado e lhe pede desculpas, pois, já que ela não poderá mais vê-lo, a relação/destino das três vidas (삼생의 인연) bem como a promessa dos cem anos (백년의 가약이/ pode indicar a ideia de matrimônio) terminariam naquela noite. Mas, se os céus permitirem, eles se encontrarão novamente embaixo da superfície da terra. Kim recebe a carta da amada e, fitando-a com um olhar vazio, então batendo no peito e com lágrimas em seus olhos, partiu. Charan, que olhava toda a triste cena e sentindo pena dos amantes, não conseguiu aguentar vê-los e se apoia em uma pilastra enquanto chora.

Kim chega em casa e abre a carta escrita por Unyong, na qual ela lhe pede que, apesar de ele ter conhecido uma pessoa desafortunada e indigna como ela, eles pensassem em si e pudessem desfrutar algumas noites juntos. Mas lembra que as criaturas do mundo têm inveja das coisas boas, que as pessoas do palácio e o príncipe começaram a suspeitar e, portanto, há

um perigo iminente. E essa calamidade desapareceria apenas depois que ela morresse. Então ela pede que, depois da sua partida (morte), o amado não a tenha dentro do seu coração de uma forma dolorosa, mas, sim, que ele estude ainda mais diligentemente, que passe no concurso do Estado e siga a carreira no Governo, para que o seu nome se torne famoso para as futuras gerações e honrado para a sua família. Ela o pede que venda suas roupas e os bens preciosos e ofereça todos a Buda, e que ele reze afincadamente e com todo o seu coração para que eles possam, na vida após a morte, continuar com a relação das três vidas (삼생의 미진한 연분을 후세에서 나 다시 잇게 하여 주옵시면 좋겠습니다).

Kim não consegue terminar de ler a carta e desmaia, aqueles que estavam na casa o socorrem, e T'uk o pergunta que tipo de palavras a mulher da corte havia dito para que ele quisesse acabar com a vida daquela forma. Mas o chinês não lhe disse nada além de perguntá-lo se ele havia guardado os bens da amada cuidadosamente, pois ele planejava vendê-los e oferecê-los a Buda. Um dia depois, o escravizado rasga as próprias roupas, suja-se na terra, atinge o próprio nariz a ponto de cair sangue, corre descalço até o jardim e aparece diante do mestre, dizendo-lhe que havia sido roubado, e finge ter desmaiado só levantando após dez dias, depois de seu mestre lhe fornecer medicamentos, bebidas e comidas caras para a sua recuperação, com medo de não saber onde o tesouro da amada havia sido enterrado, se o servo morresse. T'uk mente, dizendo que mal saiu com vida do ataque dos ladrões, e o chinês, com medo de que os pais descobrissem a situação, consola-o e o dispensa.

Alguns dias depois, Kim descobre a trama de T'uk e vai acompanhado de dez servos até a sua casa, mas não encontra nada além de um par de grampos de cabelo de ouro e um espelho de jóias preciosas. Kim queria usar estes itens como prova do roubo ao governo e, também, achar T'uk, mas ele tinha medo de que, desta maneira, toda a situação fosse exposta. Sem o tesouro, ele não poderia fazer as oferendas para Buda, então, apesar de querer matar T'uk e querer fazer uma denúncia criminal, ele manteve o acontecido em segredo.

T'uk percebe o crime que cometeu e se consulta fora das paredes do palácio, com uma cartomante cega. Ele mente e lhe diz que, um dia, estava passando e viu um ladrão que descia da parede do palácio carregando itens preciosos, mas, enquanto ele o perseguia, o ladrão arremessou alguns dos itens que ele estava carregando no chão. E que, embora T'uk tenha gritado e corrido atrás dele, o ladrão havia fugido. T'uk diz ter pego os itens na intenção de guardá-los e devolvê-los quando o dono os procurasse. Mas disse que, quando voltava para casa, o seu mestre, com um caráter duvidoso, ouviu que ele estava em posse de bens valiosos e, não satisfeito que o escravo só tinha aqueles dois itens, queria matá-lo. T'uk, então,

pergunta à cartomante se fugindo ele estará a salvo, ela lhe diz que sim. Mas uma pessoa que estava ao lado ouviu tudo e perguntou a T'uk que tipo de mestre ele tem que maltrata um servo daquela maneira? T'uk lhe responde, dizendo que, apesar de seu mestre ser jovem, ele é muito competente com as Letras e, sem dúvidas, logo será aprovado no exame de serviço do governo. Diz também que a sua cobiça é tão grande quanto as suas habilidades, e, portanto, não é difícil prever quão grande será a sua malícia quando ele se tornar um oficial do governo.

Essa história se espalhou e chegou até o palácio, onde os criados do palácio informaram-na ao príncipe, que ficou extremamente furioso e ordenou que fosse feita uma busca no palácio oeste por roupas e itens preciosos. Mas, nenhum dos bens ou roupas de Unyong foram encontrados. Então o príncipe convocou as moças do palácio oeste para o meio do pátio, onde havia porretes para espancar criminosos diante das mulheres. O príncipe, então, ordenou que as cinco fossem mortas. Ele ordenou que elas fossem espancadas independente do número de golpes que fossem necessários, até a morte, e que as outras fossem castigadas.

As moças imploraram por clemência e lhe pediram para que pudessem falar ao menos uma vez antes de morrer. O príncipe lhes concedeu o pedido e ordenou que elas contassem tudo o que havia acontecido. A primeira a fazer a petição foi Unsom, ela disse que o desejo sexual/ luxúria (passion) existe como o ying e yang em homem e mulher (homem e mulher carregam energias diferentes que se completam); e que o desejo não faz distinção entre nobres e plebeus, todos o têm (남녀의 정욕은 음양의 이치에서 받은 것이므로, 귀천을 막론하고 사람은 누구나 다 가지고 있습니다). Ela disse ser esperado que as mulheres do palácio, confinadas e solitárias, não pudessem evitar o sentimento de inveja dos casais de corrupção e andorinhas que voam livres. Afirmou que, apesar de desejar atravessar o muro para experimentar os prazeres do mundo, o temor ao príncipe as manteve no palácio; mas que se, mesmo assim, elas fossem sentenciadas à morte, os seus olhos não seriam capazes de fechar (os seus espíritos não descansariam).

A próxima dama a fazer a súplica foi Pich'wi, que apelou para o amor e a benevolência do príncipe, e o lembrou que elas dedicaram a vida toda ao estudo das letras e música, bem como a servir ao príncipe. Mas, depois dessa grande desonra, a morte seria preferível à vida, portanto, ela apenas suplica por uma morte rápida. Em seguida, a próxima foi Ongnyo, que disse ter partilhado dos momentos de glória, e que, portanto, não poderia se isentar do infortúnio; mas que ela morreria não por culpa. Então Charan fez a sua súplica ao príncipe, questionando-o como ele poderia esperar que o desejo entre homem e mulher não se

fizesse presente nelas, também humanas (남녀간의 정욕이 어찌 홀로 저희들에게만 없겠습니까).

E usa duas lendas chinesas como argumento. Em uma delas, o rei Mu, filho do céu, não conseguiu esquecer as noites de prazer que partilhou com a fada do céu no terraço de joias. Em outra, o herói Xiang Yu, ao cometer suicídio ao lado da sua amante favorita, não conseguiu segurar as lágrimas. E diz não entender como o príncipe esperava que Unyong e Kim não nutrissem afeição um pelo outro, uma vez que o acadêmico Kim era um intelectual de destaque, e Unyong, há muito, estava enclausurada no palácio, o que apenas aumentava a sua tristeza, além do mais, ela lembra ao príncipe que foi ele quem ordenou Unyong a segurar a pedra de tinta para que Kim escrevesse os seus versos. Unyong, ao vê-lo, encantou-se pelo jovem rapaz e logo adoeceu, de modo que nem o elixir mais potente pôde curá-la. Portanto, se ela não for morta pelo comando do príncipe, certamente morrerá de qualquer maneira. Charan, então, suplica ao príncipe que permita que Unyong encontre Kim mais uma vez, para que eles possam aliviar o seu amargor. Charan diz que sua morte será honrosa, pois ela se esforçou para não enganar o príncipe, e também em não abandonar as companheiras. E pede para que o príncipe aceite o seu sacrifício e, então, permita que Unyong continue a viver.

Na fala de Charan, ela parece deixar a entender que era esperado que Unyong e Kim se apaixonassem. Não apenas porque Unyong era, dentre elas, a mais bonita, mas também a que possuía o maior ressentimento no coração; e o chinsa era o mais bonito como o mais competente dos acadêmicos. Mas o próprio príncipe foi responsável por unir os dois, claro que de forma não intencional. Talvez seja possível inferir aqui que eles não apenas eram um casal perfeito (a match made in heaven/ perfect match), como também parece haver uma predestinação, de modo que o príncipe, que nunca compartilhou a presença das moças com mais ninguém, descuidou-se e acabou por contribuir para a união dos dois, indicando, talvez, ter sido inevitável a paixão de ambos.

A última a falar foi Unyong, que inicia por admitir todos os seus crimes, e diz o primeiro deles ter sido não manter a sua fidelidade (castidade) (능히 정절을 굳게 지키지 못하였사오니). O segundo foi ter escrito o poema que fez com que o príncipe desconfiasse dela, e o terceiro foi ter feito com que as mulheres do palácio, que eram inocentes, fossem punidas por sua causa. E que, portanto, mesmo que o príncipe adiasse a sua morte, ela não poderia continuar vivendo depois de ter cometido tais crimes, e só lhe restaria tirar a própria vida.

Depois das petições terem sido feitas, especialmente depois de reler a feita por Charan, o príncipe diminuiu a sua ira e, naquele momento, Sook, que estava ajoelhada a chorar, suplicou-lhe, mais uma vez, dizendo-lhe que, apesar de, no começo, ela ter sido contra a opinião de não irem para dentro dos portões do palácio, ela havia sido convencida pelo apelo sincero e lamentável de Charan; e que, portanto, o crime de infidelidade de Unyong era culpa dela, e lhe pede que a puna, mas que deixe Unyong viver. Com isto, o príncipe ficou menos furioso e, então, decidiu confinar Unyong em um quarto separado e liberar as outras moças do palácio, para que voltassem aos seus quartos. Naquela noite, Unyong usa um lenço de seda e se enforca. Neste momento da narrativa, Unyeong, que estava a contar a história, dirige-se ao seu amado que a escutava atentamente e escrevia as recordações que ela estava a contar, ambos se olham e não conseguem reprimir a grande tristeza. Unyeon, então, pede para que o chinsa continue a narrar a história a partir deste momento.

Ele descreve que, após o suicídio da amada, todas as mulheres do palácio choraram e lamentaram profundamente, como se os próprios pais houvessem falecido. A lamentação podia ser ouvida mesmo fora dos muros do palácio, e ele diz também ter tomado conhecimento da notícia, o que fez com ele desmaiasse. As pessoas de sua casa preparam ritos de passagem para os mortos enquanto tentavam revivê-lo. Depois de muitos esforços, ao fim do dia, conseguiram ressuscitá-lo, e ele conta não poder se esquecer das ofertas que prometera fazer a Buda, para consolar o espírito da amada. Desta forma, ele vende o espelho de jóias e o grampo de cabelo de ouro que pertenciam a Unyong, vende também todos os seus próprios artigos para escrita. Com isso, preparou quarenta sacos de arroz para a oferenda. Contudo, não havia servo em quem ele pudesse confiar, portanto, ele decidiu intimar T'uk, e lhe perguntou: se todos os seus antigos crimes cometidos fossem perdoados, o servo lhe prometeria lealdade? Entre lágrimas, T'uk afirmou que reconheceu os seus inúmeros erros e, vendo a generosidade do perdão do seu mestre, não hesitou em lhe dedicar a sua vida.

O chinsa diz a T'uk que não há ninguém em que ele confie para levar as oferendas para Buda, e comanda T'uk que as leve ao templo. O servo parte, mas, após três dias, ele chama o monge e lhe pergunta se era mesmo necessário todos os quarenta sacos de arroz para oferendas ao Buda. E lhe diz que seria melhor se eles preparassem um banquete com licor e comidas e convidassem monges e plebeus (leigos) que estivessem próximos e distantes. Naquele momento, uma mulher do vilarejo estava passando por perto, T'uk viola a mulher à força e a mantém presa no monastério. Depois de alguns dias, e não havia nenhum sinal de oferenda budista a uma pessoa falecida, todos os monges do templo se indignaram. No dia da oferenda dos ritos de passagem à Buda, um monge diz a T'uk que, quando há uma oferenda

em um culto à Buda, o beneficiado é muito importante, e como benfeitor, T'uk estava impuro, isto não seria adequado para um serviço à Buda. Ele sugere, então, que T'uk se purificasse em um riacho límpido para, somente depois, realizar a oferenda. Sem escolha, apressadamente, o escravizado se lavou no riacho e, ao retornar, ajoelhou-se perante Buda e rezou para que o seu mestre morresse logo e Unyong retornasse à vida, para tornar-se dele. E assim, por três dias e três noites, rezou.

Ao retornar, T'uk disse ao chinsa que, sem dúvidas, Unyong retornaria à vida, e lhe informa que, na noite do dia em que os ritos foram oferecidos, uma bela e jovem moça com um lenço de seda amarrado em volta do pescoço havia parecido em seu sonho, e lhe dito que o seu nome era Unyong, e pelo coração sincero e grande esforço dedicado por ele em nome dela, até mesmo o Buda não tinha outra escolha senão a de ficar extremamente comovido. E lhe assegurou que iria generosamente recompensá-lo. Informou, também, que todos os monges do templo tinham tido o mesmo sonho que ele. O chinsa acreditou nas palavras de T'uk.

Chegada a época do florescer das Cássias-imperiais, Kim, que não se interessava mais pelo exame do Estado, usou a desculpa de que precisaria estudar e foi ao templo. Chegando lá, ele descobriu tudo o que T'uk havia feito e, apesar de muito enfurecido, ele percebeu que não havia nada que pudesse fazer. Então o chinsa se banhou no riacho e, prostrando-se a Buda, incessantemente rezou. Ele relatou não poder se esquecer da promessa que fez à sua lamentável amada, e que havia ordenado T'uk a oferecer os ritos para que Unyong fosse feliz na próxima vida, mas o servo foi vil. Relatou a sua preocupação por não poder ter realizado o pedido de sua amada. Ele suplicou a Buda para que Unyong vivesse de novo (renascesse), para que pudessem se reencontrar (e ser um par, como sua esposa) e para que, na próxima vida (vida após a morte), pudessem estar juntos, escapando deste ressentimento (a frustração de não poderem ter ficado juntos). Finalizou pedindo a Buda que matasse T'uk e que este fosse confinado no inferno (submundo). Promete que, se o seu pedido for atendido, fará grandes oferendas em seu nome e no de Unyong como retribuição.

Após sete dias, T'uk cai em um poço e morre. O chinsa descreve que, após este acontecimento, ele perdeu o interesse pelos assuntos do mundo. Então ele toma um banho para purificar o corpo, veste uma roupa nova e se deita em um quarto silencioso, sem comer por quatro dias, até que solta um profundo suspiro (lamento) e nunca mais se levanta.

Nesse momento, a narrativa volta para o instante em que os dois estão contando a triste história ao acadêmico Yu, vendo os dois amantes que não conseguiam controlar o sentimento de tristeza, e que se olhavam em meio a lágrimas. Tentando consolá-los – já que o

desejo deles de se reencontrarem fora atendido, bem como o escravo fora castigado, portanto o seu tormento deve ter sido dissipado – pergunta-lhes se sofriam por não terem renascido no mundo humano. Com lágrimas ainda nos olhos, Kim lhe responde agradecido, dizendo que ambos haviam morrido com ressentimento em seus corações, e que, portanto, o administrador do outro mundo (rei do submundo/ *염라대왕*) havia os considerado lastimáveis, por terem morrido inocentes, e pretendia fazer que eles renascessem no mundo humano. Mas considerando que os prazeres do céu são maiores do que os humanos, eles decidiram não retornar ao mundo humano. Explicam que o motivo de estarem tristes naquela noite era por verem o palácio em ruínas; e que ambos estavam ali para recordar o passado, portanto, não havia como não ficarem tristes.

Yu questiona se eles se tornaram seres celestiais. O chinsa explica que, na vida passada, eram originalmente seres iluminados (imortais/ heavenly fairies/ *선인(仙人)*) que serviam, durante muito tempo, ao Imperador de Jade (King of Heaven/ *옥황상제*). Este é o mesmo rei dos céus que proíbe os amantes da famosa história *The Cowherd and The Weaver Girl* (O Pastor e a Tecelã/ *견우직녀*) de se encontrarem; que também está presente na mitologia chinesa e na teologia taoísta (daoísta). Mas, um dia, quando o imperador ordenou que Kim levasse um fruto do Jardim de Jade (*옥동산*, Mt. Oktong), este arrancou vários frutos e os comeu com Unyeong. Ao descobrir essa transgressão, o Imperador, como punição, enviou os dois para o mundo humano, onde ambos tiveram de passar pelo sofrimento. Mas, agora, o imperador perdoou o erro dos amantes e lhes permitiu retornar ao Palácio Samch'ong (*삼청궁*).

Então receberam permissão para visitar os locais nos quais estiveram como mortais. Essa passagem na narrativa remete, guardadas as devidas proporções, ao mito de criação de Adão e Eva (presente no Livro do Gênesis da Bíblia Hebraica), onde estes também são punidos e banidos do Jardim do Éden pela desobediência e conseqüente pecado.

Kim, com lágrimas nos olhos, toma a mão de sua amada e prossegue a dizer que, apesar de o mundo ter mudado, a afeição entre os dois não desapareceria, como também o ressentimento dos amantes dificilmente seria esquecido. Ele também diz a Yu que não seria possível terem se encontrado, senão pela existência de um laço do mundo humano (*속세의*

인연). Por fim, o chinsa pede a Yu que este repasse por todo o sempre o lamento dos amantes.

Apenas abstenha-se de recontar às pessoas frívolas, e que, assim, ele seria muito grato. Dito isto, Kim, que estava embriagado, recosta-se em Unyeong e recita um verso de poesia; a moça, logo depois, também recita um verso.

Dentre os versos compostos pelo casal, um, em especial, remete abertamente ao amor entre os dois: Os mil anos passados do nosso amor aparece sempre em meus sonhos (The splendid olden days of a thousand seasons past appear again and again in my dreams/ 천년 만년 우리 사랑 꿈마다 찾아오네). Aos primeiros raios da manhã, Yu percebe que estava só, os amantes haviam desaparecido. Tudo que ele podia ver ao seu redor eram nuvens de fumaça que cobriam o chão. Ele nunca mais os viu.

Quando a narrativa está prestes a chegar ao fim, parece ser possível que o leitor pressinta o fim trágico que está por vir, em que os dois acabam por cometer suicídio (그들의 사랑은 비극적 종말로 끝 맺었다). É interessante notar, também, o comportamento de Kim que se opõe ao do seu servo: mesmo depois de todos os ocorridos, Kim, mais uma vez, confia no desonesto escravo T'uk. Vale ressaltar que o jovem mestre, assim como os outros estudiosos da sua classe, estavam no ápice da sociedade Choson. Kim, em especial, ainda se destacava por seu talento.

Isto pode representar uma perspectiva do autor da narrativa que revela desconfiança e medo de pessoas escravizadas. Além do mais, o fato de o servo de classe inferior constantemente ludibriar seu mestre pode ser também um indicativo de que o autor poderia não pertencer a uma classe mais elevada. Apesar do sentimento de repúdio pelo vil escravizado também estar claramente presente na história, há também uma forte sensação de impotência frente a este perigo. A representação de T'uk talvez sugira uma indicação da possível autoria do romance. Um autor de classe social nobre dificilmente temeria um escravizado e, além disso, ficaria relutante em compor uma narrativa, em que o mestre é constantemente manipulado por seu servo, no nível em que isso se apresenta no texto. Apesar de inepto ao lidar com o seu subordinado, Kim se sobressaía quando se tratava de desenvolver um estreito relacionamento com Anp'yong. Desde o primeiro encontro entre os dois, eles formaram um íntimo vínculo. Essa ligação parece exceder a de um comandante real e seu subordinado, assemelhando-se, sim, a de um irmão mais velho e outro mais novo. É este nível

de conforto entre os dois que resulta em o príncipe permitir que as mulheres do palácio permanecessem na presença de um visitante. E é este descuido que resultar no começo da relação entre Kim e Unyong (PETTID, 2009, p.54).

Nesse momento, há também um sutil indício da perspectiva passional de Kim sobre a vida, que se revela no seu debate com Anp'yong sobre os mestres poetas chineses, em que ele revela sua preferência por poemas mais fervorosos do que aqueles que descrevem as emoções humanas de maneira simples, considerando que estes não as descrevem adequadamente. Curiosamente, Anp'yong reconhece a exatidão da constatação feita por Kim, mas o príncipe não enxerga o jovem estudioso como um "homem", portanto, não nota a centelha que surge entre Kim e Unyeong. A natureza delicada do caráter de Kim é vista em vários momentos durante a narrativa, mas talvez em nenhum tenha sido tão vívida quanto no momento em que ele está à espera de Unyong na casa da xamã. Ele não a espera impacientemente, nem bebe para passar o tempo. Em vez disso, ele se senta em um canto, torce as mãos e chora. Tal semblante é diferente de tudo o que se observa em personagens masculinos na ficção do período Choson: esta não parece ser uma descrição, feita por um homem, de como homens agem, mas sim, talvez, a visão de uma mulher de um homem apaixonado. Do mesmo modo, a maneira desastrada e incompetente com que Kim adentra sorrateiramente o palácio não é comum à maioria dos protagonistas masculinos retratados. É justamente nesta fraqueza do personagem Kim que irá aflorar a força de Unyong. Até mesmo as ações de Kim no final da narrativa irão demonstrar a sua fragilidade em relação a Unyong. A mesma tira a própria vida de maneira proativa, em vez de enfrentar uma vida de confinamento e solidão no palácio. Kim, por outro lado, tem dificuldades em executar os desejos da amada depois que ela morre. Na verdade, ele não vai pessoalmente ao templo para fazer as oferendas em prol de Unyong, mas, de novo, encarregou o ardiloso escravo. Mais uma vez, o subordinado ludibria o seu ingênuo mestre. Depois de finalmente oferecer as preces para Unyong, Kim morre, mas, diferentemente de Unyong – que persegue a morte se enforcando – ele tem uma morte passiva, deitado, esperando quatro dias para que a morte venha a ele. O fim da vida dos dois personagens demonstra amplamente as forças e fraquezas inerentes a ambos. Na perspectiva do autor, considerando a fraqueza do personagem Kim em oposição à coragem de Unyong, pode-se supor que o personagem de Kim foi intencionalmente criado mais fraco, para destacar a força de Unyong. Qual seria a finalidade de tal contraste? Talvez tenha sido para salientar que mulheres são tão capazes quanto os homens e para ilustrar a injustiça do sistema social confucionista, que, sistematicamente, categorizou as mulheres como intrinsicamente subordinadas aos homens (PETTID, 2009, p.54).

Embora concorde com a análise e a opinião do professor Michael Pettid, parece possível existir uma outra possibilidade de interpretação para a diferença de comportamento que existe entre os dois personagens. De fato, Unyong demonstra ser mais ativa e, talvez, até mais corajosa do que Kim. Quando o chinsa está à espera da amada na casa da xamã e se põe a chorar, este se dá por razão de ele provavelmente já saber que o desfecho do envolvimento entre os dois terminaria em tragédia. Ele também, como homem educado no mais alto dos padrões sociais da época, sabe que o que ele está fazendo vai contra todas as normas sociais e princípios a ele ensinado. Como intelectual, ele escolhe se deixar levar pelo seu sentimento, e não pela razão, nem pelo discernimento. Ele quebra um dos pilares mais importantes de subordinação, o da subordinação entre rei e súditos. Embora o príncipe ainda não fosse rei, ele é o candidato para ascensão ao poder. Para além disso, Kim parece possuir um laço afetivo com o príncipe, que o admira e demonstra também profunda confiança no jovem. Além do mais, é Kim quem descobre e, apesar de muito apreensivo e envergonhado, pede para que a xamã se torne a transmissora de correspondência entre os dois.

Apesar de concordar que o suicídio de Unyong foi uma forma de ter autonomia sobre a sua própria vida, este ato também se dá pelo sentimento de culpa (culpa por arriscar a vida de suas companheiras de clausura e por desobedecer e enganar o príncipe) e profunda tristeza que a consome tanto mental como fisicamente. Parece importante ressaltar que, apesar de ser privilegiada, já que muitas mulheres não eram letradas e viviam em função do estudo como as selecionadas pelo príncipe, a própria Unyong descreve que se sentia infeliz, pois apesar de seu talento por ser mulher, ela não poderia ter o reconhecimento social, muito menos ascender socialmente, além do tormento constante de viver enclausurada, sem poder sair do palácio, e somente poder se comunicar com as outras mulheres selecionadas pelo príncipe, com quem vivia. Logo, quando Unyong decide cometer suicídio, ela deixa para trás o grande amor da sua vida – a quem ela tem esperanças de encontrar na próxima – mas, no fim, também é a sua libertação de uma vida vazia e extremamente restrita.

Kim, apesar de jovem, já se destacava por sua competência e já tinha até o reconhecimento do príncipe. Ele também estava se preparando para prestar o exame do governo que o tornaria um oficial respeitado. Um outro quesito interessante, e que talvez esteja relacionado diretamente com a autoria da narrativa, é o de que, pouquíssimas vezes, fez-se menção à família próxima do rapaz (seu pai e sua mãe). Talvez isso se justifique pelo fato de a voz narrativa ser a de Unyong, ou até mesmo o fato de Kim ter mantido o relacionamento dos dois secretos, e talvez ainda se justifique pela desconhecida autoria da prosa (lugar de fala ou mesmo intencionalidade autoral – que não influencia o entendimento

do texto e suas possíveis interpretações / writer's intent). Mas, na época em que foi escrito, era muito forte a influência e o poder de decisão dos pais, bem como a constante supervisão sobre os filhos, de maneira a assegurar que estes não se comportassem indevidamente, era prática comum que, especialmente jovens nobres, estivessem em companhia de uma serva que era responsável por mais do que servi-los e vigiá-los. Considerando que os pais do jovem não se fizeram muito presentes na narrativa, talvez não fiquem claros o risco e o sacrifício que este fez ao escolher se relacionar e, posteriormente, fugir com a amada (que, no fim, desiste de fugir com ele).

Quanto à forma com que ambos encerram suas vidas, suas mortes também podem ser justificadas de outra maneira. Quando Unyong suicida-se, estava confinada, sozinha em um quarto, dentro do palácio. Em cenas anteriores na narrativa, ela também ensaia um possível suicídio, utilizando-se do mesmo método (enforcar-se com um lenço de seda), mas é impedida, por quem parece ser sua melhor amiga e apoiadora, Charan. Desta vez, sozinha, não há quem a impedisse, além do mais, o suicídio é um método rápido de se desfazer da vida. Kim, diversas vezes durante a narrativa, também desfalece e quase morre, só decide acabar com a própria vida depois que percebe que não há mais como continuar com a amada no mundo terrestre e de ter cumprido, mesmo que com dificuldade, a promessa que ele lhe fez. A maneira escolhida por ele para terminar com a própria vida parece muito mais sofrida e dolorosa: ativamente, ele decide que deixará de comer e, literalmente, tem de esperar quatro dias até a morte o consumir. Importante ressaltar que, apesar de Unyong suicidar-se com Kim ainda vivo, a motivação maior para o seu suicídio era saber que ambos não poderiam continuar juntos. Kim também desiste de tudo e acaba com a própria vida, pois sabia que não tinha como continuar vivendo em um mundo onde a sua amada não mais se encontrava, então ele a segue para o próximo encontro. Apesar de, na época, ser esperado o contrário de um personagem principal feminino, Unyong é mais forte do que Kim (na análise de Michael Pettid); e, mesmo em suas características e falhas, os amantes se completam.

Foi possível perceber críticas ao sistema social confucionista da época, pois como apontado por Michael Pettid: A mensagem inerente em Unyong-jon é o desejo pela autonomia relativa à liberdade de escolha. O texto possui inúmeros trechos, em que práticas, tais quais a de levar jovens moças ao palácio para viverem em servidão, perpetuam os nobres, vetando a liberdade de escolhas em relações amorosas, e negando a oportunidade de escolha de uma trajetória de vida são vividamente postas em questão. Os debates e as conversas entre as mulheres do palácio acentuam ainda mais o que lhes está sendo negado nesta narrativa, e isto é para provocar um questionamento sobre o direito de um grupo de humanos em dominar

e subjugar um outro. As “falsas regras” permitiram às elites dominantes oprimirem as mulheres do palácio, o que parece ser o alvo do criticismo autoral (PETTID, 2009).

É importante ressaltar também que, apesar de terminarem se reencontrando na próxima vida, os próprios amantes descrevem a sua história de amor no plano terrestre como trágica. Para além disso, querem que a mesma seja recontada para que não ser esquecida, pois, mesmo depois de terem renascido e se reencontrado, ainda sentem o amargor do sofrimento. A presença

do Taoísmo (도교) e Budismo (불교) se fazem muito fortes na narrativa, em que os sonhos possuem importância profética, a qual é racionalizada e compartilhada pelos que a têm, como também há a menção direta a entidades mitológicas como as do Imperador de Jade (옥황상제), os Imortais (선인) e o Rei do Submundo (염라대왕). Adicionalmente, existem também: a forte presença da crença no destino (운명); a menção ao Ying e Yang (completude); as oferendas feitas à Buda; a menção de existência das três vidas (삼생, passada, presente e futura); tudo isso em grande disparidade com os preceitos confucianistas (유교), que eram dominantes na época Choson, na qual o romance foi escrito e circulou. E tais preceitos repudiavam e repreendiam veemente a crença em elementos fantásticos ou de outras religiões.

Por meio da voz narrativa, que é a de uma mulher, é possível também adentrar no imaginário feminino da época, em que há discussões profundas sobre o sentido da vida, a tristeza, mas também sobre o amor e o desejo. Já perto do final, há uma importante discussão entre as mulheres prisioneiras, mas intelectuais, onde muitas delas ressaltam ao príncipe que o desejo sexual (정욕) era natural a todos os seres, mesmo as moças que viviam segregadas do mundo. Este momento se torna ainda mais significativo, quando há o entendimento que, na sociedade confucionista da época, as mulheres não deveriam expressar suas opiniões abertamente, muito menos desejos carnis. Para serem respeitadas, elas deveriam se portar com muito pudor e só deveriam falar depois de um homem se lhes fosse permitido. A questão levantada quando o príncipe descobriu que Unyong e Kim estavam a se encontrar secretamente revela que o amor dos dois não era apenas um amor cortês ou platônico, mas um amor passional, que se atinge em completude, também, através do desejo carnal. O que parece reforçar esta ideia é a questão de os amantes encontrarem essa completude quando estão fisicamente juntos, apesar de terem começado um relacionamento onde, inicialmente, havia

apenas a troca de olhares e, posteriormente, de palavras (através de cartas secretas), relacionamento este que talvez se intensifique por ter de ser mantido em segredo. Contudo, é a partir do momento em que os amantes percebem a impossibilidade de continuar se encontrando às escondidas, de fugir, de fisicamente estarem juntos, que consideram a morte como a única saída possível.

#### **4 TENSÕES ENTRE O AMOR-PAIXÃO E O AMOR-DESTINO**

Não é possível precisar, ao certo, o período em que a Península Coreana começou a ser habitada, porém, estima-se a sua crença desde o período paleolítico e, desde o período neolítico, é possível encontrar traços da existência de rituais, a partir dos quais os nativos da época acreditavam em espíritos e lhes pediam proteção e ajuda (por exemplo, nas colheitas ou nas práticas das caças). Supõe-se que, neste período, tenha começado a existir a formação de clãs, que, para se distinguirem uns dos outros, identificavam-se utilizando nomes e símbolos de animais, por exemplo, o clã Pak de Hyokkose utilizava o cavalo como totem (LEE, 1984, p. 6).

A este tipo de crenças, que são próprias da Península e se relacionam estritamente com os nativos da terra, parece que há a denominação de Xamanismo (무당/샤머니즘). No período neolítico coreano, já havia evidências de cerimônias religiosas, onde os nativos invocavam um deus ou espíritos. Uma característica importante, que parece prevalecer na sociedade coreana até o presente momento, é que, desde este período, evitava-se o casamento entre membros do mesmo clã, em alguns locais havia a proibição de casamento entre pessoas com o mesmo sobrenome (ou seja, do mesmo clã, não podiam se casar indivíduos com o mesmo sobrenome Pak, por exemplo). Há também uma indicação de que, neste período, havia assembleias entre os chefes dos clãs para escolha do líder da tribo.

Neolithic man in Korea held animistic beliefs, being convinced that every object in the natural world was possessed of a soul. Man, too, of course had a soul and it was believed that this soul was immortal. Accordingly, in burying the body of one who had died, a variety of special attentions were shown. [...] The soul of natural objects such as mountains, rivers, and trees were thought of in the same way as those of men, and certain of these were accorded status as divinities. Foremost among these was the sun, and its worship is perhaps the best evidenced by the numerous instances that can be found of myths of human birth from eggs. [...] While good spirits like the sun were believed to bring good fortune to human beings, it was also believed that evil spirits such as those who dwelled in darkness brought misfortune upon man. Accordingly, it was necessary that there be adepts in magic,

intermediaries with the ability to drive off evil spirits and invoke the gods so as to bring about a happy outcome. (LEE, 1984, p. 7).

Essas cerimônias eram feitas por uma pessoa específica da tribo que pressupunha que possuísse uma habilidade, ou sensibilidade, para com o mundo espiritual. Estes tipos de indivíduo são denominados xamãs. E essas crenças, onde há práticas religiosas dessa natureza, que são encontradas ao redor do mundo, são denominadas Xamanismo (무당/샤머니즘) (LEE, 1984, p. 8).

Um dos mitos mais antigos, a que se pode ter acesso, é o mito de fundação coreano, denominado Tangun (단군), que conta a história do primeiro rei da Coreia, Tangun Wanggeom (단군왕검) e da fundação do primeiro Estado (reino) coreano, (old) Choson (고조선 – 2333B.C.E.). Este mito pode ser encontrado no livro escrito no período predominantemente budista da época denominada de Goryeo (고려), Memorabilia of the Three Kingdoms (삼국유사/Samguk Yusa). Neste mito, Tangun, também chamado de Wanggom, nasce de uma urso que se transformou em humana depois de pedir para o descendente dos céus, Hwan-ung, e passar por uma provação dentro de uma caverna, junto com uma tigresa, onde a urso, por obedecer os comandos celestes se transforma em ser humano, e a tigresa, por desobedecê-los, permanece em sua forma animal original. Todavia, a urso, que não conseguia encontrar um marido, rezou para ter um filho, ao mesmo ser celestial, Hwan-ung, que, ouvindo os pedidos da urso (que agora era humana), concedeu-lhe um casamento e um filho, o rei Tangun Wanggom (단군왕검). Em algumas versões do mito, é o próprio ser celestial, Hwan-ung, que se deita com a tigresa e assim nasce o rei Tangun Wanggom.

Esse mito é de grande importância por alguns motivos, o primeiro deles é o uso, a partir de então, da palavra “rei” (왕); bem como ao primeiro rei, Tangun Wanggom, é associada à ideia de um ser celeste, a quem eram incumbidas funções religiosas e políticas. O fato de o rei Tangun Wanggom ter provindo do ser celestial Hwan-ung (muito conhecido como deus do sol), também parece indicar e reforçar a importância e a autoridade de Tangun como rei. Visto que o sol era interpretado como uma das grandes (senão a maior das) divindades. Essa função dupla assumida pelo rei, bem como sua associação à divindade, vai

prosseguir durante um tempo e desfaz com o ganho de mais importância do poder político, a partir daí (ainda no mesmo período denominado de Confederated Kingdoms - 삼국시), passou a atribuir a função de performance de cerimônias religiosas a xamãs, que podiam ser (e normalmente eram) mulheres. Estes xamãs possuíam total jurisprudência em lugares onde cerimônias religiosas eram realizadas, lugares denominados de sodo.

[...] if someone who had committed a crime entered within the precincts of the sodo he could not be apprehended there, and although there are a number of varying theories concerning the sodo, it seems most likely that it was a sacred place. Thus a change had come about in the primitive beliefs in animism or shamanism. The duties of the religious leader, no longer simply those of the practitioner of magic who believed that he could move the gods by the power of his own invocations, rather had become those of the master of ritual who supplicated the gods for their favor. Nor was there any further need for these duties to be undertaken by the political power holders themselves. At this point, then, the functions of religious and political leadership can be considered to have become distinct. (LEE, 1984, p. 33).

Essa divisão é importante, pois a figura do rei também deixa de ser associada à própria divindade e parece haver também um distanciamento maior entre os homens e o reino dos céus, visto que, agora, não há mais seres divinos no poder. Outra característica importante do período Confederated Kingdoms - 삼국시 é o estabelecimento de leis, as quais eram rigorosas e severas, onde não havia ajuste de pena para crimes cometidos. Entendia-se que existiam as coisas certas e erradas, e a lei possuía associação com a religião. As execuções eram, muitas vezes, acompanhadas de cerimônias religiosas. Um exemplo de lei da época era a que condenava à morte (à execução imediata) aquele que matasse outra pessoa. Para as mulheres, as leis também eram extremamente rígidas e regidas por uma moral patriarcal, visto que uma das leis existentes na província de Puyo previa que mulheres que cometessem adultério seriam mortas, bem como ciúme por parte de esposas era considerado extremamente hediondo e era punido com a morte, com o corpo sendo deixado para apodrecer nas montanhas no sul da capital (podendo ser removido pela família se houvesse pagamento adequado feito em gado ou cavalo). Durante este período, os crimes de assassinato, lesão corporal, roubo, adultério feminino e ciúme feminino eram tidos como as ofensas mais sérias (LEE, 1984, p. 32). Essa informação é importante, pois, muitos anos depois, quando a doutrina confucionista viveu o seu período de ascensão, as mulheres também passaram por grandes restrições sociais.

Na Coreia, houve também a forte presença da influência do Taoísmo (도교), no qual se acreditava em um reino dos céus, e havia a busca pela imortalidade. O Taoísmo parece ter adentrado a Península Coreana através da China, tendo ocorrido grande intercâmbio de informações e pessoas entre Coreia e China. Era comum que coreanos fossem enviados à China para o aprendizado de práticas como a do Taoísmo, do Budismo e do Confucionismo, e estes também acabavam por produzir conteúdos próprios que influenciavam a China. Houve também chineses que introduziam estas práticas na Coreia, bem como intercambiavam manuscritos e pinturas.

Religious Taoism developed in China, came to Korea, and spread gradually throughout the centuries of contact with China. Unlike Confucianism, Taoism put less emphasis on one's commitment to society, stressing instead bodily cultivation and spiritual refinement. The Taoist attempt to transcend life led some practitioners to delve into quasi-scientific searches for elixirs and potions. Taoists eventually became associated with the free-spirited activities found in Korean native traditions as well as in Buddhism. (LEE and DE BARY, 1997, p. 248).

A prática do Taoísmo parece ter encontrado terreno fértil em solo coreano, visto que, desde muito tempo, nessa península, acreditou-se em seres celestes e na existência de deuses. O Taoísmo também introduziu um conceito que aparece em muitas das narrativas apresentadas no capítulo 2 desta dissertação, como o conceito de Yin e Yang (apesar de este conceito também aparecer e ser utilizado em diversas outras práticas e filosofias, até mesmo no Neo-Confucionismo). Trata-se da ideia de que existe uma dicotomia entre as coisas (por exemplo, o bem e o mal, o homem e a mulher, o velho e o novo etc.), um sistema dinâmico de forças opostas, no qual um não pode existir sem o outro, equilibram-se e se complementam, formando um todo, compondo, então, a ordem natural das coisas.

Outro pensamento proveniente da China e muito utilizado na Coreia é o dos cinco elementos (오행): fogo, terra, metal, água e madeira; este irá servir como base, provém do Taoísmo, mas, futuramente, também servirá como base do Confucionismo e Neo-Confucionismo (dentre outros). Estes dois conceitos de Yin e Yang, bem como o dos cinco elementos são muito importantes para a matriz epistemológica coreana; visto que vão influenciar muitas das doutrinas e ideologias presentes na península.

No Taoísmo, fazia-se presente a crença de que o mundo dos espíritos e o mundos dos homens não estão separados, mas coexistem. O mundo celeste possuía a sua própria

mitologia, na qual uma das figuras celestiais mais importantes e poderosas era a do Imperador de Jade (King of Heaven/ 옥황상제), muitas vezes, também chamado de Rei dos Céus, que vivia no reino dos Imortais, junto com outros seres místicos, que também possuíam o dom da imortalidade, bem como outras características específicas de cada ser. A presença dessa mitologia se faz presente mesmo na época da dinastia Choson (조선, que foi a última das dinastias antes do período da invasão japonesa, de 1392 a 1897). Acreditava-se que, no jardim do reino celeste, havia uma árvore, na qual nasciam pêssegos da imortalidade, que, quando ingeridos pelos seres, conferiam-lhes grande longevidade, daí o nome dado a essa fruta mítica (Peaches of Immortality), conforme se pode notar nas Figuras 4 e 5 a seguir.

Figura 4 — Fotografia do quadro Peaches of Immortality, no NMK<sup>20</sup>

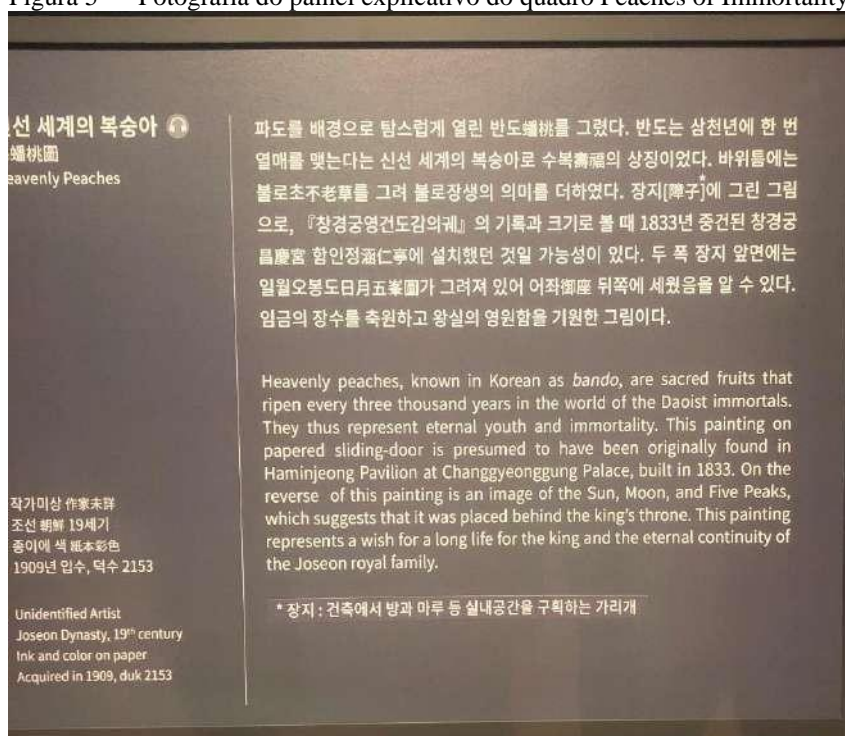


Fonte: A autora (2019)

---

<sup>20</sup>국립중앙박물관 *National Museum of Korea* (Museu Nacional da Coreia do Sul)

Figura 5 — Fotografia do painel explicativo do quadro Peaches of Immortality, no NMK



Fonte: A autora (2019)

Religious Taoism developed in China, came to Korea, and spread gradually throughout the centuries of contact with China. Unlike Confucianism, Taoism put less emphasis on one's commitment to society, stressing instead bodily cultivation and spiritual refinement. The Taoist attempt to transcend life led some practitioners to delve into quasi-scientific searches for elixirs and potions. Taoists eventually became associated with the free-spirited activities found in Korean native traditions as well as in Buddhism. (LEE and DE BARY, 1997, p. 248).

Muitas das crenças e filosofias existentes na Coreia já coexistiam, e vão aos poucos ganhando força, havendo ascensão em diferentes momentos históricos. Entretanto, este período de ascensão não fez com que as outras crenças e costumes deixassem de existir. No auge do Confucionismo, tentou-se abolir todas as práticas budistas, e uma das mudanças mais importantes da dinastia Goryeo para a Choson foi a mudança do Budismo para o Neo-confucionismo. Mesmo durante este período, não foi possível aboli-lo por completo, visto que a própria aristocracia se recusava a deixar os costumes já enraizados como a oferta de oferendas a Buda por entes queridos que se foram. Os ataques contra o Budismo ocorreram também, senão principalmente, por motivos econômicos, pois um grupo de nobres utilizou-se do Confucionismo para assumir o poder. Por exemplo, o rei fez com que terrenos budistas fossem confiscados e devolvidos ao Estado. No entanto, tempos depois, houve a tentativa de reconciliação entre o Budismo e o Confucionismo. É muito difícil especificar quando uma

doutrina ou crença parou de existir. Nesse caso, parece ter existido uma coexistência entre as diferentes crenças e doutrinas e, em certos momentos, há indícios de que houve um sincretismo entre elas.

A crença da transformação de homens em animais, normalmente, é advinda do Budismo, mas pode, de vez em quando, ser encontrada no Taoísmo. O pensamento principal expresso pela religião Taoista é o da frase *su-sim yon-song*, “to correct the mind and reform the nature”, enquanto, no Budismo, é a frase *myong-sim kaon-song* “to enlighten the heart and see the soul”. O desejo de todos os Taoistas é o da vida eterna, *chang-saing pul-sa*, o dos budistas é o de se livrar da forma carnal (BANG and RYUK, 1911, p. 11).

É preciso lembrar também que, na Península Coreana, já existia o Xamanismo, que consistia nas práticas nativas de religiões junto a outras crenças coreanas, a exemplo da *geomancy* (que era a crença de que a topografia local influenciava, de maneira direta, a vida humana, como, por exemplo, a localização das montanhas e das águas). Daí, talvez, nasça a ideia de que toda a nossa fortuna está associada às coisas da terra. Com o tempo, a *geomancy* acabou também sendo influenciada pelos conceitos de *yin e yang*, bem como a teoria dos cinco elementos e de algumas noções budistas, como a de que uma ação pequena tem o poder de influenciar todo o resto: “*wholesome root produces wholesome fruit*” (LEE and DE BARY, 1997, p. 131).

O período denominado de *Goryeo* parece ter sido especialmente diverso e eclético em termos de crenças, onde “*fortune-tellers, geomancers, and shamans were everyday fare, especially for the commoner*” (LEE and DE BARY, 1997, p. 249). Mesmo as pessoas de classes sociais mais baixas regiam muitos dos princípios de suas vidas de acordo com as diversas crenças da época. Outro costume usual era o da interpretação de sonhos e do seu poder profético. Sonhos eram passíveis de serem interpretados em busca de mensagens que, quando interpretadas por um bom *fortune-teller*, poderia prever acontecimentos futuros. Apesar de cidadãos comuns aceitarem abertamente esse tipo de crença (vista por alguns como pouco racional, e por outros como uma habilidade humana ainda pouco conhecida) e superstições, os literários Confucionistas, que colocavam suas crenças em explicações racionais, normalmente rejeitavam tais crenças e superstições – apesar de sempre haver exceções. (LEE and DE BARY, 1997, p. 249). Tal crença em sonhos parece ainda existir, e foi possível observá-la nas narrativas do capítulo 2. Na Coreia do Sul contemporânea, ainda parece existir o costume da interpretação de sonhos. Por exemplo, quando uma mulher fica grávida, normalmente, antes de se confirmar a gravidez, é comum que elas tenham sonhos

indicando a gravidez ainda desconhecida. A depender do que apareça no sonho, há indicativos de que o bebê que está para nascer terá (ou não) um futuro grandioso.

O Taoísmo pregava a liberdade e o desapego a coisas materiais feitas pelo homem e prezava por um vínculo maior com a natureza, o que, para os membros do governo, era um tipo de válvula de escape das restrições e deveres da sociedade. E para os cidadãos comuns, era uma forma de conexão ainda maior com a ordem natural das coisas. Essa ideologia também parece ter se alinhado aos preceitos do Xamanismo, que pregava que todas as coisas possuíam um espírito e que estes iriam exercer influência no destino individual (LEE and DE BARY, 1997, p. 240).

Aside from the state-sanctioned Confucianism and Buddhism, indigenous religious practices also functioned in an environment influenced by shamanism and geomancy. These native traditions had been expressed since Korea's earliest times through region, art, music and dance, and later many of these native impulses gradually found their way into Buddhism and divination theory. One teste of a culture is its ability to blend outside influences with indigenous ways, and the people of Koryo successfully adapted Confucianism, Buddhism, Taoism, and the concepts underlying geomancy - all originally external philosophies - to their indigenous beliefs. Shamanistic beliefs held that spirits dwelled in natural objects such as old trees, rivers, rocks, and mountains, and that these spirits controlled everyone's destiny. If these spirits were properly treated and worshiped, they would bring peace and benefits to everyone. (LEE and DE BARY, 1997, p. 241).

A ideia de que as coisas possuíam uma alma já parecia existir desde o período neolítico coreano, onde havia mitos de homens que nasciam vindos do sol, ou mesmo, como já mencionado anteriormente, a história do primeiro rei-deus Dangun Wanggeom (단군왕검).

Essa crença é importante, não apenas porque ela se adaptou às novas religiões e ideologias que apareceram ao longo do tempo na península, como ela parece não ter desaparecido. Pode-se observar, nas narrativas literárias analisadas nos capítulos 1 e 2 desta dissertação, a forte presença de elementos da ordem natural, como tigres e aves, de seres míticos e até mesmo da presença do xamã (mesmo em uma narrativa da última dinastia coreana, Choson).

Outra questão importante é a de que, se todas as coisas possuem uma alma e tudo está interconectado, a menor das decisões pode ter um grande impacto na vida de um indivíduo. Talvez por essa razão se faça importante a presença de uma força maior chamada “destino” (운명). Afinal, sem uma força maior que coordene as coisas e indivíduos, a vida ficaria

caótica e injusta. No princípio do Budismo, acredita-se que haja karma, que deve ser pago de vidas passadas. Nele, também parece ter se ajustado bem a ideia do destino, reforçando a existência de uma justiça e de um controle sobre a vida dos indivíduos.

Essa força do destino se faz presente em todas as esferas da vida, inclusive na do amor. Daí, pode-se explicar como a grande maioria da população da época, que era pobre, de certa maneira, conformava-se com a ideia de que viveriam na pobreza enquanto algumas pessoas detinham o poder. Na época Silla, havia muitos indivíduos que, por não conseguirem pagar as altas taxas impostas pela monarquia, acabavam por se tornarem escravizados. Os próprios chineses se referiam a este período histórico coreano como o período em que existiram muitos escravizados. O Budismo foi adotado como religião oficial do Estado entre 527 – 535. Isto promoveu uma base ideológica sólida para a união nacional e a solidariedade entre os recém centralizados estados de Silla (LEE, 1984,p. 43).

Nas histórias literárias analisadas ao longo desta dissertação, é possível perceber que, embora escritas em momentos históricos distintos, as narrativas carregam traços que, às vezes, aparecem com maior ou menor força, mas que se fazem sempre presentes: o destino (운명) é o que mais se destaca. Por vezes, este elemento aparece para justificar um fim trágico, onde não haveria como explicar tal desfecho, senão porque assim quis o destino. Por outras, o destino aparece para fazer com que o caminho de dois amantes se cruzem, como visto em Unyeonjong, em que, dentre todas as mulheres do palácio, foi Unyong que segurou a tinta que melava o pincel do habilidoso chinsa. Bastou apenas aquele momento para que os amantes se apaixonassem, e foi também este breve momento que catalisou o começo de uma história com o fim trágico. O mesmo ato que parece pequeno é o que mobiliza diversos outros acontecimentos que resultam um fim no qual se acredita já ser predestinado (esperado). Teria o chinsa se apaixonado por outra mulher do palácio se não fosse Unyeong que tivesse segurado a tinta para o seu pincel? Quando se acredita em destino, esse tipo de questionamento parece ser irrelevante. Foi o destino também que proporcionou os inúmeros momentos de felicidade entre o casal. Este sabia que a força do destino era forte e impiedosa, por isso, não resistiu a ela, tanto para o bem quanto para o mal. Nos momentos felizes entre os amantes, estes agradeciam aos deuses e divindades por terem os unidos e, nos momentos de infortúnio, lembravam que as forças superiores assim queriam e por elas abdicavam da sua vontade.

Enquanto, no ocidente, parece comum acreditar no livre arbítrio, em que as pessoas fazem escolhas, e são as suas escolhas que definem as consequências de suas ações e o curso

de suas vidas, na Coreia do Sul, parece comum, apesar das inúmeras exceções, que tanto em narrativas literárias quanto na vida cotidiana, a crença de que as ações e as suas consequências de são movidas pela força maior: o destino (운명).

Colocando duas narrativas literárias de romance em perspectiva, essa força orientadora chamada destino parece ainda mais evidente. Analisando o romance coreano Unyong-jeong, em que dois jovens se apaixonam e vivem uma paixão proibida que termina em tragédia, em muito o enredo principal se parece com a famosa história de romance trágico ocidental, Romeu e Julieta escrita por Shakespeare. Não se sabe ao certo quanto a data da primeira publicação da famosa tragédia dos amantes Romeu e Julieta, mas a esta associa-se, primordialmente, a década de 1590. Apesar de o texto escrito por Shakespeare ter como fonte textos mais antigos como os de Arthur Brooke e o do italiano Matteo Bandello, dentre outros, de autores ainda mais antigos; entende-se que uma das razões atribuídas ao fim trágico dos amantes da tragédia escrita por Shakespeare foi o de se entregarem ao sentimento forte, mas efêmero, da paixão, efêmero porque dura pouco, já que, apesar de o sentimento nutrido pelos amantes ter sido recíproco, este também morreu junto com o fim trágico da peça.

Graças à presença de fortes dualidades dentro do enredo, como os diversos questionamentos que o drama traz (o conflito entre pais e filhos e a questão de não poder escolher com quem casar), um deles também é uma questão universal: o que é o amor? Parece que, em nome deste sentimento, os amantes ignoram os conselhos de pais e amigos e seguem em um relacionamento que, às vezes, pode levá-los a um fim trágico. Neste sentido, pode-se dizer que, apesar de funcionar como uma forma de intensificar o sentimento amoroso, este também parece ser uma escolha feita pelos amantes. A escolha de continuarem juntos é a mesma que os leva à morte. No enredo escrito por Shakespeare, essa parece ser uma escolha feita no auge de um sentimento que cega o casal que não parece possuir a capacidade (por diversas razões, seja por serem jovens ou por não ouvirem os conselhos dos mais velhos) de perceber a consequência que as suas ações trariam.

Quando se observa o enredo de Unyong-jong, percebem-se muitas características também presentes na narrativa Shakesperiana, como a de um sentimento amoroso forte que leva os amantes a quererem continuar juntos, mesmo tendo de passar por diversas provações e dificuldades. No entanto, parece haver uma diferença importante na narrativa coreana, na qual, a todo instante, os amantes não apenas sabem que fazem o errado, como têm a certeza de que a consequência das escolhas tomadas por eles levarão a um fim trágico. Este fim trágico também não é algo que os acometerá sozinhos, mas afetará a vida de outras pessoas ao

redor do casal. Em diversos momentos do enredo, os personagens dizem estar preparados para a morte, bem como, em uma parte da narrativa, a xamã prediz que o fim que os aguarda é trágico. Os amantes por sua vez, parecem não conseguir se opor a esse sentimento poderoso, o amor que os une. Estão preparados para morrer em nome dele. Isto, tanto a narrativa de Romeu e Julieta quanto a de Unyong-jong têm em comum, pois o sentimento amoroso é intensificado pela morte do par.

Contudo, se a tragédia de Romeu e Julieta se efetiva porque o jovem casal morre cedo junto com a paixão que existia, na narrativa coreana, o casal morre separado, mas encontra a felicidade ao se reencontrar no mundo espiritual, onde, depois de pagar pelos seus erros na vida humana, reencontra-se para desfrutar do amor que foi intenso o suficiente, a ponto de sobreviver à morte e, segundo sugere a narrativa, perdura no infinito. Importante ressaltar que, na crença coreana, a morte é o fim da vida terrestre, mas não da vida espiritual. Daí, talvez venha também a força do casal em aceitar que a trajetória dos dois havia de ser trágica, pois assim queria o destino. Por algum motivo, que nem sempre há de ser revelado, a ideia de que existe um mundo para além da morte parece estar estritamente associada ao destino, visto que é mais “fácil” aceitar um fim trágico quando se sabe que o fim terrestre não é o fim de tudo, e este pode ser apenas um recomeço. É o que se observa em outras das narrativas também apresentadas nesta dissertação, como foi com Yi Saeng e Choe, no qual a amada volta como espírito para encontrar o ainda humano companheiro, e até mesmo na narrativa de Kim Hyun e da tigresa, em que esta se sacrifica para pagar os pecados dos irmãos tigres, sugerindo, também, a ideia de um plano espiritual além do terrestre. Este tipo de crença em um plano espiritual parece atenuar a tristeza da vida terrestre, pois havia a crença de que se poderia desfrutar de uma boa vida no plano espiritual, se os erros do passado fossem “pagos”.

De certa forma, o destino (운명) parece ser associado a um poder maior que rege o curso da vida de um indivíduo do começo ao fim, daí a ideia de não poder quebrá-lo, pois a vida de um ser já está traçada. Talvez, então, a importância dada à interpretação dos sonhos justifique-se na crença de que a trajetória da vida é predestinada, podendo haver “avisos”, premonições do porvir. Os universos oníricos, oraculares, xamânicos, entre outros, seriam meios de possíveis leituras do destino. Nas narrativas ocidentais, no entanto, parece que o futuro é mais incerto e depende estritamente das ações tomadas em livre arbítrio pelos personagens; enquanto, nas narrativas analisadas na presente dissertação, os personagens não viam em suas ações a presença do livre arbítrio, e as tomavam porque não parecia haver outra escolha para eles se não a de seguir o curso de trajetória já traçado pelo destino. Daí a

constante presença do sofrimento, mesmo quando os amantes desfrutam de momentos juntos, por exemplo, na narrativa de Unyong-jong, mesmo quando Unyong se encontrava com Kim, estes também falavam sobre o terrível destino trágico que esperava pelos dois.

A característica de o social estar acima do individual está comumente associada ao oriente, e o destino também pode se caracterizar como uma forma de aceitação de regras coletivas. Não se trata de não existirem escolhas individuais, mas, em narrativas coreanas, quando as escolhas individuais são tomadas, estas parecem levar em consideração também as consequências que acarretam na vida de outras pessoas. Vale lembrar que, desde o período neolítico coreano, é possível encontrar vestígios de reverências e oferendas a outros seres (como, por exemplo, o sol, as montanhas e os rios) logo, desde muito tempo, pode-se inferir que os coreanos acreditavam em um mundo espiritual, o qual parecia possuir influência direta no mundo terrestre. Desta forma, talvez seja possível entender a responsabilidade das escolhas individuais que afetam a coletividade, visto que todos os seres estão convivendo de maneira análoga e se interinfluenciam. É difícil seccionar ou separar a origem das crenças coreanas, visto que estas se mesclaram e se influenciaram, bem como a própria Coreia criou escolas e interpretações específicas à península, mas a ideia de que, para passar para um mundo superior (o espiritual), é preciso enriquecer o espírito e se livrar de erros passados, vai ser reforçada com as crenças do Taoísmo e do Budismo. E, mais tarde, mesmo que não de maneira espiritual, mas com o Confucionismo, será reforçada a crença de que se deve viver de maneira respeitosa e justa na sociedade.

A sugestão do termo “amor-destino” (운명적인 사랑) justifica-se pelo fato de se observar, na Literatura Coreana, a presença de um amor forte, e, muitas vezes, trágico, com traços específicos e característicos coreanos; a ideia de Yin e Yang, que é a ordem natural das coisas, como a completude que este amor proporciona e que, de certa maneira, pode também ser associada ao que se conhece como “alma gêmea” (soulmate ou, como sugerido por Shakespeare, star-crossed lovers, amantes desditosos) em narrativas ocidentais. Entretanto, na literatura ocidental, parece haver uma busca pela alma gêmea, ou pela parte que se perdeu (como sugerido no Banquete de Platão) de uma maneira ativa. Na literatura clássica coreana, parece que não há uma busca ativa pelo amor, mas este há de achar os indivíduos que a estes parecem reagir de uma maneira mais passiva, visto que não há uma busca pelo amor, mas se é este o destino de uma pessoa, o amor irá encontrá-lo e dele não haverá como escapar. Portanto, acima de tudo, um dos traços que parece ser mais importante é a presença do destino como grande personagem que desenrola o enredo e o desfecho das narrativas. O amor coreano

é forte e, quando une os amantes, na maioria das vezes, essa união ultrapassa até mesmo os limites da morte. E para os acometidos por esse amor, há apenas a opção de se submeter a esse sentimento e aceitá-lo, afinal, se é um amor predestinado, não há como fugir dele, apenas resignar-se.

No amor apresentado nas narrativas coreanas analisadas na presente dissertação, não há apenas a presença do sentimento amoroso de maneira apenas idealizada, em que este se apresenta apenas no plano dos pensamentos, como diversas vezes é possível perceber no amor cortês ocidental. O amor, nas narrativas coreanas, de distintos períodos históricos (como visto nos capítulos 1 e 2), apresenta-se de maneira psicológica, mas também é desejo, visto que, na maioria das histórias, é consumado de maneira carnal, por mais que as crenças da época em que as narrativas foram escritas fossem contra tal prática. Este desejo carnal apresenta-se em conjunção com o sentimento amoroso que transcende os corpos, sugerindo que este não seja apenas o desejo e a paixão momentânea.

Na maioria das narrativas, sugere-se um encontro dos casais no plano espiritual, pós-morte. Afinal, se juntados pelo destino, o casal possui uma conexão real e profunda. Daí talvez seja possível a associação a um amor verdadeiro (true love), do que apenas a um amor efêmero e passageiro. A ideia de tempo parece ser diferente e interpretada de maneira distinta, visto que este amor é transcendental e segue para além do tempo cronológico humano, muitas vezes, tendo continuidade no plano espiritual, perpassado pelo plano onírico (em sonhos, pode-se conversar com os ancestrais ou com os que ainda nascerão). O tempo é um laço forte que une e aparta os indivíduos em diferentes etapas da vida (incluindo a morte e o que acontece após dela). Na tradição confucionista, por exemplo, as datas mais importantes são a de casamento (que seria uma emancipação dos filhos que casam), e a data de morte. E esta data de morte é celebrada posteriormente pela família de quem se foi. Há, portanto, uma continuidade cosmológica, mesmo para aqueles que não estão mais fisicamente presentes, as datas que parecem ter maior importância são celebradas pós-morte, enquanto, no ocidente, a data mais importante é a do nascimento, uma celebração que acontece em vida.

#### 4.1 AMOR-DESTINO NA CULTURA SUL-COREANA CONTEMPORÂNEA

Nos últimos dez anos, a Coreia do Sul tem intensificado as suas relações com países ocidentais. Agressiva no âmbito do comércio, a presença coreana tem-se feito sentir também no campo cultural, com estratégias que apresentam vias de mão dupla. Por um lado, há forte assimilação de paradigmas de sucesso, como a estrutura do “novel” que, desde o século

XVIII, espalhou-se pelos quatro cantos do Ocidente, projetando-se depois na cultura de massa, principalmente com o advento do cinema no início do século XX. Por outro lado, os coreanos inserem, no cerne dessas estruturas, seus próprios traços, elementos concernentes à sua peculiar sociedade e à sua muito característica relação entre os gêneros. Expandidos por meio da literatura e do cinema, aspectos peculiares da cultura coreana encontram, todavia, nos meios digitais, em séries divulgadas em sites específicos, caminhos de proliferação. O processo tem trazido acréscimos ao imaginário ocidental, em um interessante jogo de contágios que entra em conexão estreita com os interesses dos países envolvidos.

Marcante na ascensão do romance, a temática amorosa oferece um campo rico para a reflexão. Nos dias atuais, a representação do “amor” e a conseqüente formação do casal, tal como surge em novelas coreanas, correlaciona-se estreitamente com os padrões disseminados pela forma textual do folhetim. A noção do amor ligado ao interesse coletivo, social, familiar, que é própria ao Oriente, entra em choque com a ideia da pulsão individual que, no Ocidente, toma a forma de uma febre passional situada em conflito com as normas sociais. Essas diferentes concepções tornam o amor um tema privilegiado para a discussão da transculturação presente nas narrativas coreanas veiculadas na rede ou em meios audio visuais.

A produção coreana, entretanto, tem-se alastrado por um público muito além de coreanos e seus descendentes. No final dos anos 1990, o termo Hallyu (한류) começa a ser usado para designar a cultura pop coreana e seus produtos, com destaque para novelas de televisão, filmes e música pop. Nos anos 2000, com plataformas como o YouTube, as mídias coreanas proliferaram de forma mais veemente. Segundo artigo dos professores Ingyu Oh e Hyo-Jung Lee, da Korea University (Universidade da Coreia, 2013), a estratégia ousada dos coreanos em utilizar tal método de comercialização, que atinge públicos de diversas regiões do mundo, mesmo sem grande retorno econômico como têm outras plataformas convencionais, tais como CD, DVD, Itunes, canais de televisão, rádio, foi o catalisador para que o K-pop<sup>21</sup> se estabelecesse em diversas áreas do mundo de modo efetivo (OH e LEE, 2013, p.36-37). Com o reconhecimento mundial, o governo coreano começou a investir em

---

<sup>21</sup> Gênero musical sul-coreano caracterizado por uma grande variedade de elementos audiovisuais, surgido no ano de 1992, no intuito de modernizar o país e reduzir a censura televisiva. “O significado dessas músicas era transmitir amor à nação e se tornarem músicas chicletes (que grudassem na cabeça)”. Disponível em: <https://www.meon.com.br/meonjovem/alunos/a-origem-do-k-pop>.

políticas que auxiliassem essa expansão. Não demorou muito para que o movimento Hallyu (한류) se solidificasse como um dos alicerces da economia coreana.

Muitos dos artistas participantes dos grupos musicais de bandas K-pop entraram no universo da telenovela coreana, também em ascensão. Novelas são uma das formas mais populares de entretenimento da televisão e, apesar de terem sua origem no ocidente, o oriente logo ocupou lugar de destaque na produção e transmissão de novelas no século XXI. As novelas sul-coreanas passam a mostrar grande crescimento a partir dos anos 1980 e, com a evolução da democracia na Coreia do Sul, os autores e produtores experimentam maior liberdade na escrita. O desenvolvimento econômico e a abertura da Coreia do Sul para outros países, bem como sua forte aliança com os Estados Unidos, geraram uma diversificação do público e da própria TV sul-coreana. Graças ao suporte da crescente e já numerosa quantidade de fãs dessas novelas, também conhecidas como “Dramas” (드라마), cada vez mais os escritores e produtores se sentem à vontade para inovar com diferentes experimentações literárias.

Em sua grande maioria, as novelas coreanas, quase sempre, baseiam-se em assuntos do cotidiano. Isso não exclui a possibilidade da presença de elementos de ficção ou mesmo tramas mais fantasiosas. Há, contudo, um aspecto de presença marcante: o amor como principal temática. Apesar de o amor ser um tema universal, e da boa aceitação das novelas coreanas pelo público estrangeiro, este sofre, muitas vezes, com o estranhamento que elas causam. Tal fato se dá em razão do contato com um modelo de sociedade que, especialmente depois da guerra entre as Coreias, assimila aspectos da cultura ocidental, contudo mantém os próprios traços culturais.

Segundo Yum (1988), os padrões de comunicação do leste asiático diferem dos encontrados na América do Norte. A ocorrência se justifica pelo fato de um voltar-se às relações sociais, e o outro enfatizar o individualismo. Essa preocupação leste-asiática tem sua raiz nas doutrinas do Confucionismo, que considera as relações humanas a base da sociedade. Como uma filosofia de humanismo e relações sociais, o Confucionismo deixa grande impacto nas relações interpessoais e nos padrões de comunicação. O Confucionismo não é o único traço cultural marcante na cultura coreana. Esta assimilou e modificou diversas outras doutrinas e princípios religiosos (como, por exemplo, o Budismo e Taoismo), e ainda mantém tradições e crenças nativas coreanas.

Um dos dramas de maior audiência de 2017, *Goblin* (The lonely and great God/도깨비) mescla elementos da sociedade moderna e de crenças nativas sul-coreanas. O enredo é uma mistura de cenas que transitam entre a contemporaneidade e outros tempos históricos, quando um ser místico se apaixona por uma estudante predestinada a ser sua noiva, já que, anteriormente, ele havia salvado essa sua amada da morte, quando ela ainda estava na barriga da sua mãe.

Embora a minissérie seja relativamente curta, contando com 16 episódios (em torno de 60 minutos cada), ela traz no enredo diversos elementos do folclore coreano, a começar pelo personagem principal ser um goblin (도깨비). Os goblins eram figuras frequentes em histórias de terror coreanas, normalmente muito temidos, pois apareciam em forma humana e tinham a capacidade de amaldiçoar famílias inteiras. No entanto, o goblin que aparece na minissérie coreana é muito mais humano e bondoso, ele também só aparece em forma de humano. Há também a presença de um grim reaper (저승사자, o deus da morte que busca as almas de quem morreu). Nesse enredo, as vidas dos quatro personagens principais se interligam, revelando um laço afetivo entre eles, que compartilham um destino (운명), o qual remonta a vidas passadas. O personagem principal, o goblin (도깨비), na tentativa de libertar a sua alma da imortalidade (e da punição de ter a sua espada atravessada em seu peito), acaba por se apaixonar pela mortal que estava destinada a libertá-lo.

A minissérie muito premiada e escrita pela autora já consagrada Kim Eun Sook, dividiu opiniões de espectadores com o desfecho. Para a maioria da audiência ocidental, o desfecho se caracterizou como trágico, pois o casal protagonista só conseguiu ficar junto depois da reencarnação da noiva do goblin (도깨비) que, no começo de sua vida, morreu tragicamente, reencontrando-o apenas anos depois. Já para muitos telespectadores asiáticos, o fim da minissérie caracterizou-se como feliz, visto que o casal reencontrou-se, mesmo que anos depois, em uma outra reencarnação.

Essa ideia de um amor que transcende as barreiras do tempo e da própria morte, também pode ser encontrada em narrativas clássicas coreanas, como se pôde ver nos capítulos desta dissertação. Os seres míticos e as convicções coreanas do Taoísmo, Budismo e Xamanismo também se encontram presentes na Literatura Clássica Sul-Coreana. Parece haver uma continuidade de enredos que remontam a uma tradição própria coreana e que, agora, encontra nos meios de comunicação e nas redes sociais meios de expansão e de rápida

ascensão no ocidente. Devido a essa diferença sociocultural, vários estranhamentos surgem ao público estrangeiro enquanto assistem a essas novelas. Os mesmos são abordados no livro *Why do dramas do that?*<sup>22</sup> (2013), escrito pelo site americano Dramabeans, especializado em avaliar e rememorar tais novelas sul-coreanas. O site tem como objetivo proporcionar um espaço de discussão e interação entre os fãs, bem como responder a tais inquietações frequentemente manifestadas pela audiência.

As minisséries coreanas que se encontram em período de ascensão e já são produzidas por consagrados canais ocidentais, como a Netflix, têm como tema de enredo principal a presença do amor. E por ser um tema, na maior parte do tempo, que se encontra em destaque no enredo, pode associar o sucesso dessas minisséries à presença do amor como elemento principal. Um amor que, de maneira geral, parece ainda trazer as características fundamentais presentes em narrativas clássicas. Um amor forte e poderoso, que tem o poder de transcender o tempo, que é paciente, mas também passional, bem como conserva como guia o elemento do destino (운명). Um amor tipicamente coreano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita da presente dissertação motivou-se a partir da afirmação excludente do consagrado teórico francês, Dennis de Rougemont, em que o mesmo afirmava não existir amor romântico na Ásia, e que este só existia por ser uma criação europeia. Inicialmente, essa dissertação tinha como principal objetivo a resposta ao questionamento: “Não existe amor romântico na Ásia?” Considerando que a Ásia é complexa e diversa, a pesquisa se ateu à investigação da presença do amor na Coreia do Sul. De maneira sucinta, a resposta à pergunta é: sim, existe.

Visto que o amor romântico também é um modo de produção da burguesia e da religião (bem como de um determinado momento histórico), e que existe um apego a convenções para que a sociedade funcione de maneira harmonica, este amor também pode se apresentar com um efeito de ruptura da harmonia existente. Por consequência, mesmo no ocidente, o amor existe em tensionamento, não parece ser possível defini-lo de maneira categórica. A literatura é uma das possíveis formas de entender a tensionar este sentimento, e esta, no entanto, é independente da realidade. Ao longo dessa dissertação, pode-se apontar confluências e peculiaridades com base nas narrativas coreanas analisadas.

---

<sup>22</sup> *Por que os dramas fazem isto?*

Ao longo da investigação, percebeu-se que a resposta parece simples, mas as razões e características próprias deste amor coreano são complexas. Notou-se que elementos históricos, culturais e religiosos específicos influenciaram este amor; e que tais elementos ainda parecem ser questões pouco exploradas em pesquisas mais aprofundadas, para responder mais precisamente a questionamentos relacionados à Literatura Coreana.

De maneira expositiva aos leitores, foram oferecidas traduções de textos literários clássicos coreanos, a fim de lhes possibilitar a percepção da presença de características e elementos próprios do amor narrado em contos, lendas e romances coreanos. Assim, mostrou-se verdadeira a afirmação de que existe, sim, um amor coreano. E este, apesar de possuir elementos amorosos universais e singulares, como a forte afeição por outra pessoa, ou mesmo o elemento passional, também apresenta características próprias coreanas, como a importante presença do destino (운명). Daí, surgiu a sugestão da nomenclatura “amor-destino” (운명적인 사랑), visto que, dessa maneira, pode-se louvar e respeitar as características próprias da cultura local, bem como a historicidade que a permeia. A noção de amor-destino figura como um instrumental teórico para leitura do amor nos textos literários. Nesta dissertação, a pesquisa oportunizou a expansão das noções e dos conceitos de amor estudados na Literatura Ocidental também.

Por ser um tema universal, o sentimento amoroso pode ser sentido e experienciado em diversas partes do mundo, mas a maneira como este acontece e é expresso traduz muito do local em que este se faz presente. Desta forma, foi possível encontrar a presença do amor em narrativas literárias de distintos momentos históricos coreanos, passeando por uma “Linha do Tempo”. Nesta, muitas das características deste amor, apesar de terem se diversificado, também se mantiveram constantes, como: a intensidade (um amor que é profundo e pode matar); o desafio às normas sociais (ou normas tidas como norteadoras da época); a transcendentalidade (o amor ultrapassa a morte); a racionalidade interligada à noção de coletividade (as decisões sobre o amor podem afetar outras pessoas); o desejo carnal; e acima de tudo, um amor que se faz intenso e avassalador, porque estava predestinado a acontecer; e este irá alterar diretamente a vida dos amantes que por ele são acometidos.

Se o amor é um sentimento que faz com que os indivíduos se sintam vivos, ele também os faz perecer. É preciso cautela quando se está apaixonado. Contudo, parece que o amor, por ser um sentimento intenso que toca a alma do indivíduo que o sente, também parece ser percebido como algo natural. É possível inferir tal conclusão, através dos inúmeros poemas escritos pelos amantes, em que os mesmos, ao ansiarem por estar juntos e uma vez

apaixonados, registram não conseguir pensar em outro assunto senão no ser amado. Para tanto, justificam-se utilizando os elementos da natureza, que vivem em harmonia e de maneira natural: como os pássaros que vivem sempre juntos e cantam uníssonos; como árvores entrelaçadas; como animais que lutam ferozmente pelo seu amor.

O amor, em narrativas clássicas coreanas, apesar de acontecer de forma rápida, porém natural, muitas vezes, é retratado como amor à primeira vista, que, talvez pela presença do elemento destino, dura e transcende o tempo e a própria vida. Há também a menção do amor das três vidas (삼생): passado, presente e futuro (no caso, no mundo espiritual).

Nas narrativas coreanas, observou-se que prevaleceu o perfil de mulheres fortes, heroínas, que enfrentaram tempos e sociedades patriarcais (em especial, nas histórias que se passaram em períodos de ascensão confucionista). Corajosas (suas forças parecem provir do próprio sentimento amoroso) e ativas, tomam decisões até mais que os homens, que muitas vezes apenas seguem os desejos das suas amadas. Talvez isto se justifique pois, especialmente na época de ascensão e popularidade do romance, a grande audiência desses textos, em sua maioria, era de mulheres.

Por fim, também parece existir um padrão de enredo, em que os amantes se encontram pela primeira vez e se apaixonam, este sentimento que se forma é seguido por uma dificuldade ou empecilho, para que os amantes fiquem juntos. Pode-se, então, inferir que há uma certa provação da profundidade do sentimento e da vontade dos amantes de ficarem juntos.

Há, normalmente, também a menção de como o par de amantes se completa de maneira análoga, ambos são inteligentes, bonitos e excedem de maneira excepcional tudo o que fazem. Essa indicação de par perfeito pode ser também uma indicação de predestinação do casal. Por fim, também existe, de maneira explícita, a menção do elemento destino (운명) pelo par apaixonado, mesmo que este se dê através de poemas amorosos e metáforas, a exemplo da menção a Wolha Noin (Velha Wolha / 월하노인), que é a casamenteira responsável por conectar os casais, e que pode ser interpretada como “o destino amoroso” entre um homem e uma mulher.

Quem nunca sofreu por amor ou mesmo tentou racionalizar um sentimento amoroso? Ao descrever o que sentia pela amada em uma carta, descrevendo os horrores do amor proibido entre os dois, no romance de Unyong-jon, o chinês escreve:

한번 눈으로 인연을 맺은 후부터 마음은 들뜨고 녀이 나가, 능히 마음을 진정히 못하고 매양 성 저쪽을 향하여 몇 번이나 애를 태웠는지요. [...] (p. 41)<sup>23</sup>.

Com tudo o que foi exposto, espera-se entrelaçar o leitor a uma outra noção de amor, nem melhor, nem pior, nem igual ao amor experienciado no Ocidente. Apenas diferente, singular, atravessado pela cultura local, pela história da Coreia do Sul, e universalmente humano. Como principal resultado, buscou-se identificar, contar e divulgar muitas das mais bonitas histórias de amor coreanas que, por muito tempo, não tiveram fácil acesso ao leitor brasileiro. E que o destino deste texto seja circular por onde houver leitores interessados em amar, em amor.

---

<sup>23</sup> *From the time we bound our (destined) relationship with one look, my heart has grow restless, my spirit has gone out, and my mind cannot be easily pacified. Every time I look west of the palace, it seems as if my bowels have been severed (are burning).* (p. 85)

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The danger of a single story**. Oxford: Ted Talks, 2009. P&B. Disponível em:

[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=en#t-16898](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en#t-16898)>. Acesso em: 18 dez. 2021.

BAKHTIN, Mikhail M. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética: teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini et alii. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1934- 1935].

BALDENSBERGER, Ferdinand. Littérature comparée: le mot e la chose. In: **Revue de Littérature Comparée**, N°1, Paris, 1921.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov [1936]. São Paulo: Cultrix, 1971.

CAIRO, Luiz Roberto Velloso. História da literatura, literatura comparada e crítica literária: frágeis fronteiras disciplinares. **Poligrafias: Revista de Literatura Comparada**, México-D.F., n. 2, p. 35-45, 1997.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain; BUCHANAN-BROWN, John. **Dictionary of Symbols**. 2. ed. United Kingdom: Penguin Books, 1997.

CHOE, Key-Sook. **Classic Korean Tales**. Seoul: Hollym, 2018.

CHOW, R. In the name of Comparative Literature. In: BERHEIMER, Charles. (Org.) **Comparative Literature in a Age of Multiculturalism**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1999].

COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tânica Franco (Orgs.). **Literatura comparada**: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEUTCHLER, M. **The Confucian Transformation of Korea - A Study of Society and Ideology**. Harvard: Council on East Asian Studies, 1992.

HABOUSH, Jahyun Kim; DEUTCHLER, Martina. **Culture and the State in Late Chosŏn Korea** (Harvard East Asian Monographs). Harvard University Asia Center, 2002.

HUNGGYU, Kim; O'ROURKE, Kevin. **Confucians in Love**. Seoul: Seoul Selection, 2013.

HWANG, K. M. **A History of Korea** (Palgrave Essential Histories Series). London: Palgrave Macmillian, 2010.

ILYON, Kim. Hyon and the Tigress. In: ILYON, Kim; TAE-HUNG, Ha; MINTZ, Grafton. **Samguk Yusa: Legends and History of the Three Kingdoms of Ancient Korea**. Seoul: Silk Pagoda, 2006. p. 1-374.

JANKOWIAK, William R.; FISCHER, Edward F. "A Cross-Cultural Perspective on Romantic Love." **Ethnology**, vol. 31, n. 2, University of Pittsburgh - Of the Commonwealth System of Higher Education, 1992, pp. 149-55.

JANKOWIAK, William R. **Romantic Passion: a universal experience?** 2. Ed. New York: Columbia University Press, 1995.

KEY-SOOK, Choe. **Classic Korean Tales**. Seoul: Hollym, 2018.

KIM, Youngmin; PETTID, Michael J. Women and Confucianism in Chosŏn Korea. In: **New Perspectives**. SUNY Press. State University of New York Press, Albany, 2011.

MCCANN, David R.. **Early Korean Literature: selections and introductions**. New York: Columbia University Press, 2000.

MCKEON, Michael. **Theory of the Novel: a historical approach**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.

MELLO, Cláudio J. A. Do incentivo à leitura: Teoria da literatura, metodologia do ensino e a formação do leitor em questão. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 40, p. 177-190, 2010.

MOREIRA, Maria Eunice; OLIVEIRA, Amanda da Silva; NASCIMENTO, Fábio Varela. **Histórias da literatura: leituras contemporâneas**. 3. Ed. Porto Alegre: Luminara, 2017.

MORIN, Edgar. **Amor poesia sabedoria**. Trad. Edgar de Assis Carvalho. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NASO, Publius Ovidius. **Metamorfoses**. Trad. Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

OH, Ingyu; LEE, Hyo-jung. **Mass Media Technologies and Popular Music Genres: K-pop and YouTube**. Korea Journal. Seoul, p. 1-58. dez. 2013. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/286570132\\_Mass\\_Media\\_Technologies\\_and\\_Popular\\_Music\\_Genres\\_K-pop\\_and\\_YouTube](https://www.researchgate.net/publication/286570132_Mass_Media_Technologies_and_Popular_Music_Genres_K-pop_and_YouTube)>. Acesso em: 12 ago. 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: **Flores da escrivinha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 91-99.

PETTID, M. J. **Unyong-Jon: A Love Affair at the Royal Palace of Chosŏn Korea** (KoreaResearch Monograph 33). Institute of East Asian Studies, 2009.

PROFFITT, Michael (ed.). **Oxford English Dictionary Additions Series**. V. 3. Oxford: Clarendon Press, 1997.

REDDY, William M. **The making of romantic love: longing and sexuality in Europe, South Asia and Japan, 900 – 1200 CE**. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.

ROUGEMONT, Denis de. **Love in the Western World**. Trad. Montgomery Belgion. Princeton: Princeton University Press, 1983 [1939].

SAID, Edward W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SI-SEUP, Kim. **Contos da tartaruga dourada**. Trad. e org. Yun Jung Im. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

SOUN, Kim. **Korean Children's Favorite Stories**. (Histórias Favoritas de Crianças Coreanas). 1955.

SOUZA, Aldinida de Medeiros. **Inês de Castro no romance contemporâneo português**. 2010. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

TIEGHEM, Paul Van. Crítica literária, história literária, literatura comparada. In:

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009 [2007].

VIDAL, Ariovaldo. A literatura e o outro. In: **Jornal da USP**. 09/06/2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/a-literatura-e-o-outro/>>. Acesso em: 08/08/2021.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1957].

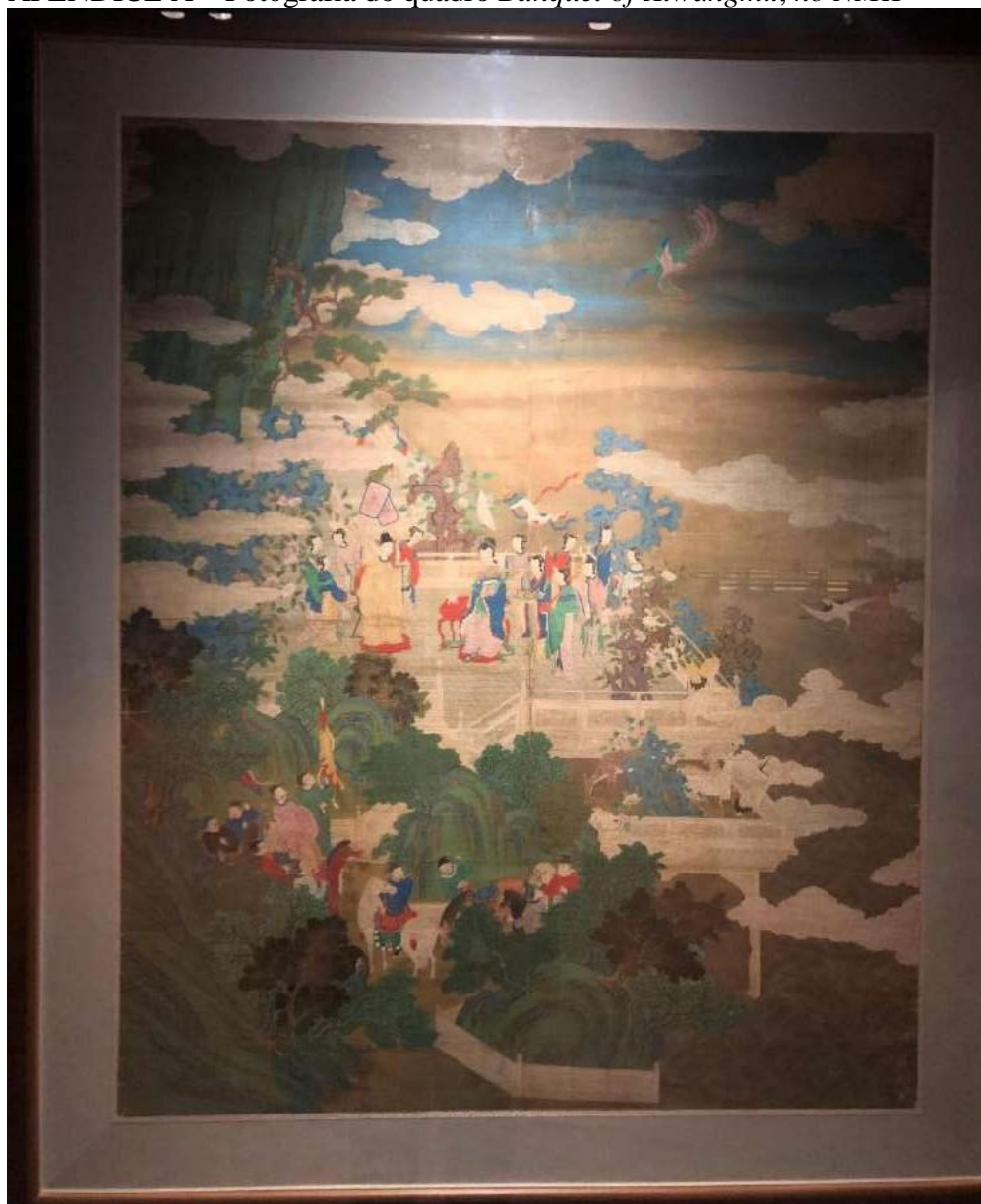
YUM, J. O. The impact of Confucianism on interpersonal relationships and communication patterns in East Asia. **Communication Monographs**, v. 55, n. 4, p. 374-388, 1988.

\_\_\_\_\_. **O amor e o Ocidente**. Trad. Paulo Brandi e Ethel Brand Cachapuz. Rio de Janeiro: editora guanabara, 1988 [1939].

\_\_\_\_\_. **Os mitos do amor**. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

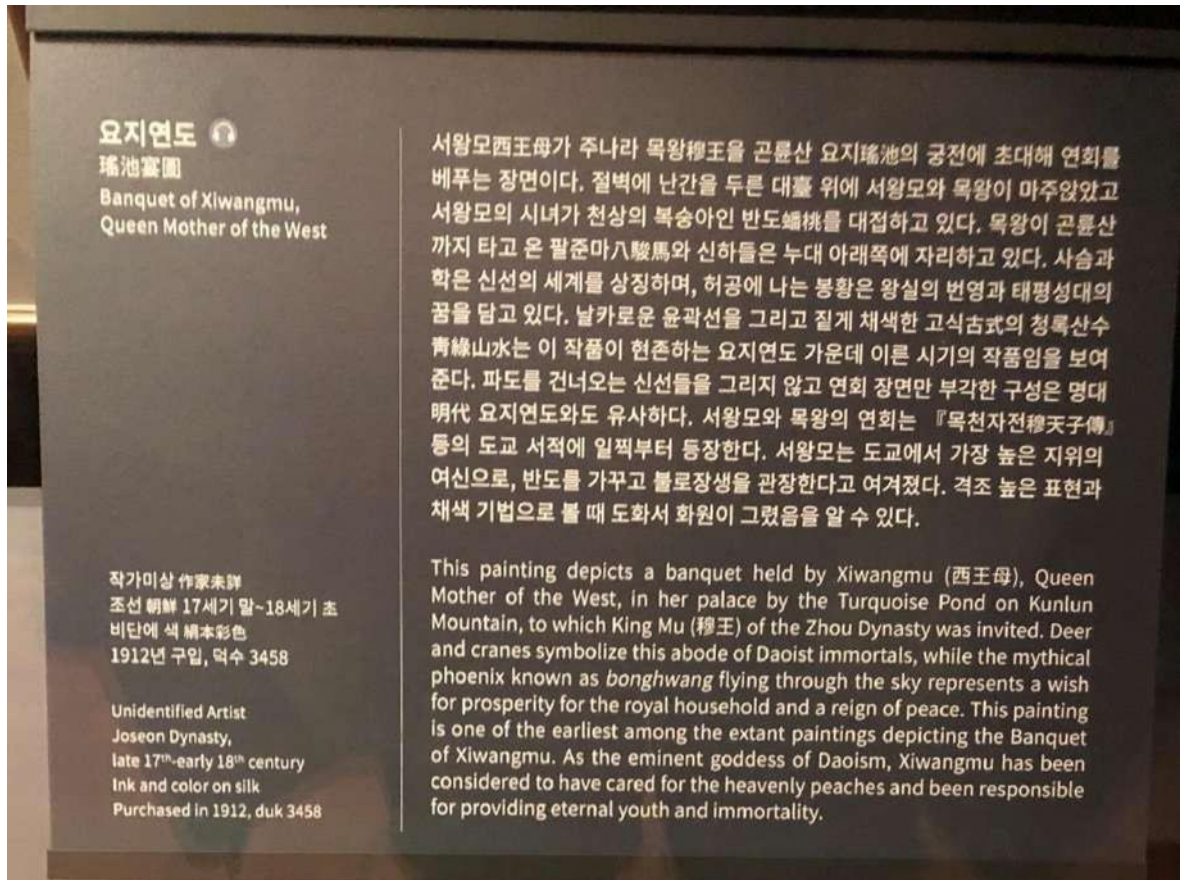
## APÊNDICES

APÊNDICE A – Fotografia do quadro *Banquet of Xiwangmu, no NMK*



Créditos fotográficos: A autora (2019)

APÊNDICE B – Fotografia do painel explicativo do quadro *Banquet of Xiwangmu, no NMK*



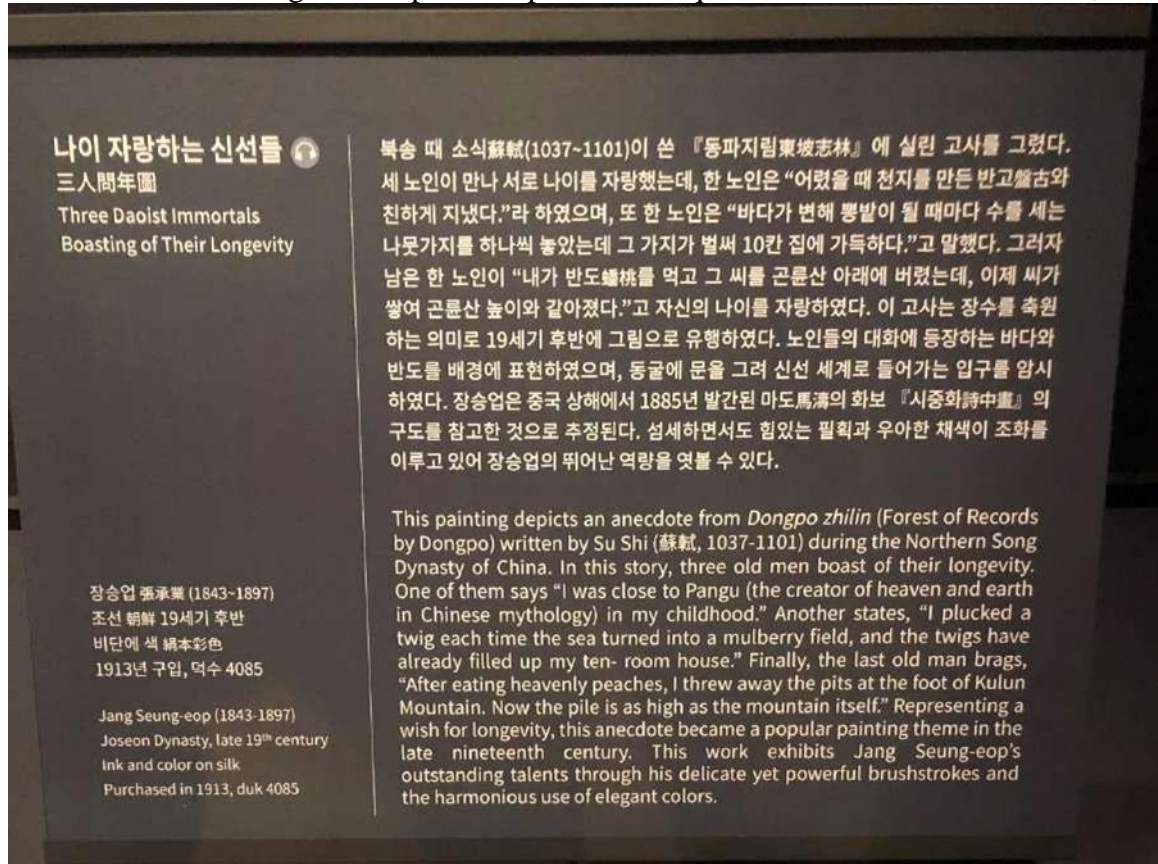
Créditos fotográficos: A autora  
(2019)

APÊNDICE C – Fotografia do quadro *Three Daoist Immortals*, no NMK



Créditos fotográficos: A autora (2019)

APÊNDICE D – Fotografia do painel explicativo do quadro *Three Daoist Immortals*, no NMK



Créditos fotográficos: A autora (2019)